



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

Habitar o Público, Viver o Privado:

Uma Análise da Apropriação e Pertencimento em Imóveis Funcionais

Marina Paixão de Oliveira Cosso

Brasília - DF

Janeiro de 2026



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

Dissertação de Mestrado

Habitar o Público, Viver o Privado:

Uma Análise da Apropriação e Pertencimento em Imóveis Funcionais

Marina Paixão de Oliveira Cosso

Brasília - DF

Janeiro de 2026



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

Habitar o Público, Viver o Privado:

Uma Análise da Apropriação e Pertencimento em Imóveis Funcionais

Marina Paixão de Oliveira Cosso

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO/UnB)
como requisito parcial para obtenção do Título de
mestre.

Orientador: Prof. Dr. Hartmut Günther

Brasília - DF

Janeiro de 2026

Dissertação de Mestrado defendida em diante e avaliada por banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Hartmut Günther

Universidade de Brasília

Presidente

Prof. Dr. Emílio Peres Facas

Universidade de Brasília

Membro Titular

Prof^a. Dra. Gleice Virgínia Medeiros Azambuja Elali

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Membro Titular

Prof^a. Dra. Ingrid Luiza Neto

Universidade Católica de Brasília

Membro Suplente

*Lar é uma noção mais difícil de apreender.
Não é apenas um lugar, mas possui
ressonância psicológica e significado social.
[...] Habitar evidencia o contraste entre casa
e lar. [...] Denota uma relação mais ativa e
móvel dos indivíduos com os espaços físicos,
sociais e psicológicos ao seu redor. [...]
Enfatiza a necessidade de uma contínua
criação ativa de um lugar para nós mesmos
no tempo e no espaço.*

Saegert (1985)

Agradecimentos

À família: ao meu marido, Lucas, agradeço pela participação e suporte ao longo do mestrado: pela paciência nos dias intensos, pela curiosidade e pela tranquilidade que equilibraram os desafios, e pelo envolvimento direto em eventos, apresentações, ensaios e ideias que atravessaram esta dissertação. Agradeço aos meus pais, Regina e Paulo, pelo apoio moral que sustentou minha trajetória desde os primeiros passos até esta pós-graduação. Aos meus irmãos, Bruna e Filipe, pelas palavras de incentivo e perguntas interessadas em cada encontro.

Aos amigos de vida, pelo cuidado, escuta e apoio emocional que sustentaram meus passos quando a rotina acadêmica tomava conta e causava grandes desconfortos, mas também descobertas e crescimentos. Aos colegas da academia, pelas trocas de ideias, parceria e acolhimento.

Agradeço aos muitos campos de conhecimento que atravessaram minha formação e contribuíram para a forma como compreendo o habitar. Caminhar por abordagens que integram espaço, cuidado e bem-estar, por práticas que aproximam casa e subjetividade e por tantos aprendizados ampliou meu olhar e aprofundou meu entendimento sobre espaço e lugar.

Ao meu orientador, Prof. Hartmut Günther, agradeço suas contribuições experientes, envio de artigos inspiradores. À professora Isolda Günther, por ter plantado a sementinha desse interesse há dez anos, provocando meu retorno para que este trabalho existisse. Agradeço também aos professores que compõem a banca examinadora, cujas aulas e produções foram referência direta na construção desta pesquisa e pela disponibilidade em participar deste momento.

Ao PSTO/UnB, agradeço pela formação e pelas oportunidades acadêmicas. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro que possibilitou minha dedicação à pesquisa.

E, finalmente, agradeço aos moradores da SQN 206, que abriram suas casas, compartilharam suas sagradas intimidades e confiaram suas histórias, possibilitando que esta dissertação existisse.

Dedicatória

A quem dedica sua vida a compreender o que transforma espaços em lugar, desde estudantes, pesquisadores, profissionais que acreditam os ambientes com uma boa arquitetura podem acolher pessoas. A todos que, de alguma forma, acreditam que transformar casas em lares é também transformar vidas.

Sumário

Resumo	14
Abstract.....	15
Habitar o Público, Viver o Privado: Uma Análise da Apropriação e Pertencimento em Imóveis	
Funcionais	16
Referencial Teórico	17
Qualidade de vida e experiência residencial	19
Avaliação Pós-Ocupação (APO)	20
Imóveis funcionais no contexto de Brasília	23
Justificativa.....	30
Objetivos da Pesquisa	31
Objetivo Geral.....	32
Objetivos Específicos	32
Método	34
Caracterização da área de estudo	35
Participantes	36
Instrumentos	39
Procedimentos.....	43
Categorias de análise.....	49
Considerações sobre o campo e implicações da Psicologia Ambiental	51
Materiais complementares	53
Resultados.....	55
Apropriação do Espaço Habitacional	59
Pertencimento ao Lugar	76

Apego ao Lugar	81
Qualidade de Vida.....	85
Gestão Institucional (SPI/UnB)	101
Interação com a Vizinhança.....	106
Mobilidade Residencial.....	113
Dimensão emocional dos discursos.....	119
<i>Walkalong</i> com representante de bloco.....	121
Observações adicionais Diário de Campo	126
Considerações finais dos resultados.....	129
Discussão.....	133
Discussão das categorias temáticas	135
Eixo 2 – Gestão Institucional e Qualidade de Vida	143
Eixo 3 – Vizinhança, Pertencimento e Apego ao Lugar	145
Eixo 4 – Mobilidade, Permanência e Projeto de Vida	147
Síntese Integrada	150
Considerações Finais e Estudos Futuros	154
Desafios e aprendizados de campo	155
Contribuições e estudos futuros	156
APÊNDICE A – Glossário de siglas e termos utilizados	169
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas	171
APÊNDICE D – Página de Agendamento – <i>Calendly</i>.....	177
APÊNDICE E – Convite para <i>WhatsApp</i> e Versão Panfleto – frente e verso	178
APÊNDICE F – Resumo entrevista walkalong com síndico de bloco privado da SQN 206.....	179
APÊNDICE G – Transcrição Entrevista - Participante E10	183

Lista de figuras

Blocos Funcionais da Universidade de Brasília SQN 206.....	26
Fachada principal e posterior dos blocos da SQN 206	28
Planta baixa pavimento tipo SQN 206.....	28
Bloco B da SQN 206	29
Fachada de um dos blocos – SQN 206.....	29
Desenho esquemático da implantação da SQN 206	36
Planta baixa apartamentos SQN 206 sinalizada com distribuição de cômodos como exemplo	41
Métodos da Avaliação Pós-Ocupação de Habitações	42
Fluxograma – efeito bola de neve	52
Copa dos funcionários de um dos blocos funcionais.....	56
Pilotis de um dos blocos funcionais.....	56
Sala de estar da entrevistada E12.....	61
Sala de estar da entrevistada E10.....	61
Cozinha da entrevistada E12	63
Vista interna do closet criado por E10 a partir da junção de dois quartos	64
Comparativo entre a planta original (à esquerda) e a planta modificada (à direita), com destaque em amarelo para o closet criado por E10.....	64
Brisas metálicas da unidade da entrevistada E5, com acúmulo de resíduos.....	67
Organização do mobiliário adaptada à rotina dos animais de estimação, com bilhete “não fechar esta porta do armário”	69
Mesa projetada e construída pelo entrevistado E11, com duas estações de trabalho remoto para o casal de moradores.....	70

Armário modificado por moradores anteriores ao entrevistado E11, com retirada das portas	71
Pintura das portas de armários realizada pela entrevistada E12.....	72
Banheiro da entrevistada E10, preservando os azulejos originais de 1977	73
Sala da entrevistada E10, com piso de taco original de 1977	74
Solução improvisada com urso de pelúcia por E6 para afastar pombos em sua janela	75
Intervenção “pombal 5 estrelas”, realizada por morador anterior à entrevistada E12.....	76
Vista da janela, mencionada por 13 de 14 entrevistados como aspecto valorizado do apartamento.	79
Loja localizada na SQN 206, procurada por moradores para aquisição de plantas	79
Registro da janela da entrevistada E14, com plantas ornamentais adquiridas na loja local e a presença de seu animal de estimação.....	80
Criança andando de patins nos pilotis da SQN 206	81
Área de serviço/cozinha de E3 às 15h da tarde (uso de iluminação artificial para tarefas)	86
Localização da SQN 206 em relação ao Eixo Rodoviário Norte–Sul (Eixão) e quadras vizinhas (SQN 106, 107 e 207)	87
Movimentação na SQN 206 durante o carnaval	89
Registro de alagamento por chuva, relatado pela entrevistada E2	95
Foto compartilhada por E14 como exemplo de lazer associado à satisfação residencial	99
Banheiro do entrevistado E11 após reforma e substituição de azulejos originais, obra realizada pela SPI/UnB	103
Moradores utilizando os pilotis da SQN 206 para práticas esportivas e atividades de lazer.....	112
“Janelões da sala” da entrevistada 5 (E5).....	117
Jardim do bloco antes das intervenções de revitalização: 2023	122
Jardim do bloco após intervenções realizadas pelos moradores em 2025.....	123
Hall de entrada do bloco e intervenções realizadas pela representante em 2025.....	124

Hall de entrada do bloco e intervenções realizadas pelos moradores em 2025	124
Árvore batizada como a “Árvore do abraço”	126
Trecho do diário de campo da pesquisadora (12/05/2025), com anotações sobre o encontro com moradores da SQN 206.....	128
Rede “Apropriação ↔ Qualidade de Vida” (controle ambiental e bem-estar)	142
Rede “Gestão Institucional ↔ Qualidade de Vida” (segurança e manutenção).....	145
Rede “Vizinhança ↔ Pertencimento e Qualidade de Vida” (relações comunitárias e memória afetiva).....	147
Rede “Mobilidade Residencial ↔ Pertencimento, Gestão e Qualidade de Vida” (tempo, estabilidade e projeto de vida).....	150
Casa de máquinas modernizadas do bloco particular da SQN 206	180
Painéis fotovoltaicos na cobertura de bloco particular da SQN 206.....	181
Sistema de acesso com reconhecimento facial em bloco particular da SQN 206	181
Elevador moderno instalado em bloco particular da SQN 206	182

Lista de tabelas

Conceitos e definições operacionais da pesquisa	18
Quadro de caracterização geral dos entrevistados da pesquisa	38
Etapas da Análise de Conteúdo	46
Categorias da análise de conteúdo.....	50
Categorias e subcategorias identificadas no Atlas.ti 2025	58
Dimensões e aspectos de segurança identificadas nas entrevistas	93
Perguntas de pesquisa e síntese dos resultados encontrados.....	131

Resumo

Por meio desta dissertação, investigou-se a experiência de habitar imóveis funcionais da Universidade de Brasília (UnB) sob a perspectiva da Psicologia Ambiental. O estudo busca compreender como moradores da Superquadra 206 Norte (SQN 206) vivenciam apropriação, pertencimento, apego ao lugar e qualidade de vida em um contexto institucional. A pesquisa adota abordagem qualitativa inspirada na Avaliação Pós-Ocupação (APO) e fundamentada em autores como Altman, Low, Elali, Günther, Villa e Ornstein. Foram realizadas 17 entrevistas, além de registros fotográficos, diário de campo, entrevistas *walkalong* e análise documental; dentre essas 17 entrevistas, 14 compõem o corpus analisado neste trabalho. A análise de conteúdo (Bardin, 2016), auxiliada pelo *Atlas.ti 2025*, resultou em sete categorias e 27 subcategorias. Os resultados mostram que a apropriação espacial funciona como exercício de autonomia e mediação simbólica frente às restrições institucionais, enquanto a gestão influencia diretamente percepções de bem-estar, cuidado e reconhecimento. As relações de vizinhança fortalecem pertencimento e apego ao lugar, sustentados por memórias afetivas e práticas comunitárias nos pilotis e jardins. O tempo de moradia e comparações com residências anteriores moldam a satisfação residencial e o desejo de permanência, revelando tensões entre estabilidade e transitoriedade. Além disso, elementos visuais como fotografias, plantas e redes de codificação contribuem para evidenciar a dimensão espacial e simbólica do habitar. Conclui-se que morar nos imóveis funcionais da UnB constitui uma experiência ecológica e relacional, marcada pelo entrelaçamento de dimensões materiais, sociais e simbólicas na construção do sentido de lar e da qualidade de vida. O estudo reforça a relevância de articular Psicologia Ambiental e APO para aprimorar práticas habitacionais institucionais.

Palavras-chave: habitação funcional; apropriação; pertencimento; apego ao lugar; qualidade de vida; Psicologia Ambiental; Avaliação Pós-Ocupação.

Abstract

Through this dissertation, *Dwelling the Public, Living the Private: An Analysis of Residential Appropriation and Belonging in Functional Housing*, the experience of living in functional housing units at the University of Brasília (UnB) is investigated from the perspective of Environmental Psychology. The study examines how residents of Superquadra 206 Norte (SQN 206) experience appropriation, belonging, place attachment, and quality of life within an institutional housing context. The research follows a qualitative approach inspired by Post-Occupancy Evaluation (POE) and grounded in authors such as Altman, Low, Elali, Günther, Villa, and Ornstein. Data were collected through 17 interviews—14 of which compose the analyzed corpus—along with photographic records, a field diary, walkalong interviews, and document analysis. Content analysis (Bardin, 2016), supported by Atlas.ti 2025, resulted in seven categories and 27 subcategories. Findings show that spatial appropriation serves as an exercise of autonomy and symbolic mediation under institutional constraints, while management practices directly shape perceptions of well-being, care, and recognition. Neighborhood relations reinforce belonging and place attachment through affective memories and community use of pilotis and gardens. Length of residence and comparisons with previous homes influence satisfaction and the desire for permanence, revealing tensions between stability and transience. Visual materials such as photographs and floor plans highlight the spatial and symbolic dimensions of dwelling. The study concludes that living in UnB's functional housing constitutes an ecological and relational experience, marked by the interweaving of material, social, and symbolic dimensions in constructing home and quality of life. It reinforces the importance of integrating Environmental Psychology and POE to improve institutional housing practices.

Keywords: functional housing; appropriation; belonging; place attachment; quality of life; Environmental Psychology; Post-Occupancy Evaluation.

Habitar o Público, Viver o Privado: Uma Análise da Apropriação e Pertencimento em Imóveis

Funcionais

A habitação pode ser compreendida como um ambiente que conecta pessoas, tempos e contextos, funcionando como fonte de identidade espacial e temporal tanto para o indivíduo quanto para a família (Elali, 2006). O ato de morar envolve processos simbólicos e afetivos de interação com o espaço, nos quais o sujeito o transforma e lhe imprime marcas de sua identidade e cultura (Cavalcante & Elias, 2011). Esses processos expressam a construção de vínculos entre pessoas e lugares, definidos na literatura como *place attachment*, isto é, laços afetivos sustentados por significados, experiências e relações sociais (Altman & Low, 1992).

Na Psicologia Ambiental, a experiência de habitar tem sido analisada por meio de conceitos como apropriação, pertencimento e apego ao lugar, que descrevem diferentes formas de relação com o ambiente vivido. O apego, em especial, é entendido como uma relação afetiva que pode assumir dimensões funcionais, simbólicas e sociais (Hidalgo & Hernández, 2001), articulando-se a processos identitários e comunitários que se mantêm mesmo em contextos de mobilidade e globalização (Lewicka, 2011).

Em Brasília, as superquadras do Plano Piloto organizam a vida residencial dentro de uma lógica modernista de padronização (Reis, Ribeiro & Pinto, 2015). No entanto, cada morador ressignifica esse modelo ao adaptar o espaço às suas necessidades, rotinas e afetos, produzindo um habitar singular (Villa, 2020). Nessa perspectiva, os imóveis funcionais da Universidade de Brasília assumem um papel particular: embora sejam habitações públicas, cedidas pela instituição, são vividas como lares privados. A tensão entre o coletivo e o íntimo torna esses espaços privilegiados para compreender como dimensões institucionais, simbólicas e afetivas se entrelaçam na experiência de habitar.

Referencial Teórico

Habitação, apropriação e pertencimento

Habitar ultrapassa a materialidade da casa e envolve dimensões subjetivas, sociais e simbólicas. Mais do que ocupar um espaço físico, o morar implica a produção de sentidos e a construção de vínculos com o ambiente vivido. Nesse processo, a apropriação se manifesta como prática cotidiana que transforma o espaço em extensão de quem o habita, por meio de reformas, adaptações e soluções criativas que expressam tanto necessidades funcionais quanto modos de afirmar identidade e pertencimento (Cavalcante & Elias, 2011). O pertencimento, por sua vez, traduz o vínculo identitário e afetivo que conecta o indivíduo a um lugar significativo, sustentado por memórias e experiências compartilhadas (Hauge, 2007). Esses vínculos configuram o que a literatura denomina *place attachment* ou apego ao lugar: laços afetivos estabelecidos entre pessoas e lugares específicos, baseados em significados, experiências e relações sociais, com caráter simultaneamente individual e coletivo (Altman & Low, 1992).

A noção de *dwelling* amplia essa compreensão ao tratar o habitar como um processo relacional, e não apenas como uma situação espacial. O conceito descreve a construção contínua de significados, vínculos e práticas que entrelaçam pessoa e ambiente ao longo da vida (Saegert, 1985). Estudos posteriores reforçam que apropriação, pertencimento e apego ao lugar estão intimamente associados ao bem-estar subjetivo, à intenção de permanecer e à experiência vivida do morar (Giuliani, 2003; Lewicka, 2011). O apego, em particular, pode assumir dimensões funcionais, simbólicas ou relacionais (Hidalgo & Hernández, 2001; Lewicka, 2011), articulando-se a aspectos afetivos e ambientais da experiência residencial e à forma como a moradia é vivenciada como lar, contribuindo para o bem-estar subjetivo associado ao habitar (Elali & Medeiros, 2011).

Tabela 1*Conceitos e definições operacionais da pesquisa*

Conceito	Definição operacional	Referências
Apego ao lugar (<i>place attachment</i>)	Vínculo afetivo com o lugar, que pode ser funcional, simbólico ou relacional.	Hidalgo & Hernández (2001); Elali & Medeiros (2011)
Apropriação	Processo psicossocial pelo qual o morador transforma o espaço em extensão de si, mesmo sem posse legal.	Cavalcante & Elias (2011)
Arranjo espacial	Organização interna que estrutura fluxos, privacidade e conforto, impactando o bem-estar.	Campos-de-Carvalho (2011)
Avaliação Pós-Ocupação (APO)	Processo de retroalimentação entre uso, projeto e gestão, integrando a experiência dos moradores.	Preiser et al. (1988); Villa & Ornstein (2013); Rheingantz & Pedro (2016)
Docilidade ambiental	Grau em que a forma construída admite diferentes usos, ajustes e reinterpretações.	I.A. Günther & Elali (2018)
Habitar	Relação pessoa–ambiente que integra dimensões físicas, sociais e simbólicas do morar.	Villa & Ornstein (2013)
Imóveis funcionais	Unidades residenciais de propriedade da União, cedidas a servidores e agentes públicos.	Portal da Transparência – CGU (2024)
Pertencimento	Vínculo identitário sustentado por reconhecimento, memória e experiência compartilhada.	Altman & Low (1992); Hauge (2007)
Privacidade	Capacidade de regular interações sociais, garantindo escolha e controle sobre acessos e relações no espaço.	Altman (1975); Cavalcante & Pinheiro (2018)

Qualidade de vida	Percepção subjetiva do indivíduo sobre seu bem-estar em diferentes domínios da vida, considerando aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais.	WHOQOL Group (1995);
Territorialidade	Práticas de apropriação, defesa e negociação que delimitam espaços individuais ou coletivos e reforçam vínculos identitários.	Altman (1975); Higuchi & Theodorovicz (2011)

Qualidade de vida e experiência residencial

A qualidade de vida refere-se à percepção subjetiva que o indivíduo constrói sobre sua posição na vida, considerando objetivos, expectativas e padrões, sempre situada em um contexto cultural e de valores (WHOQOL Group, 1995). Trata-se de um conceito amplo, que envolve múltiplos domínios da existência e não se restringe a condições objetivas ou biomédicas.

No campo da Psicologia Ambiental, a discussão sobre qualidade de vida aproxima-se da análise da experiência de habitar, entendida como um processo relacional que articula dimensões físicas, sociais, afetivas e simbólicas do ambiente vivido. Nessa perspectiva, a moradia não é concebida apenas como suporte funcional, mas como espaço de interações, significados e vínculos, cuja vivência pode favorecer ou restringir o bem-estar subjetivo individual (Elali & Medeiros, 2011).

O espaço residencial, enquanto lugar cotidiano de permanência, contribui para a construção de sentidos de identidade e pertencimento, especialmente quando é apropriado e reconhecido como lar. A organização interna das moradias exerce papel relevante nesse processo, ao influenciar conforto, circulação, funcionalidade e possibilidades de uso, aspectos que impactam diretamente a satisfação com a experiência de morar (Campos-de-Carvalho, 2011).

Entre as mediações psicossociais centrais da experiência residencial, destaca-se a privacidade, compreendida como a capacidade de regular interações sociais e exercer controle sobre

o cotidiano doméstico, condição fundamental para o bem-estar e a autonomia do morador (Cavalcante & Pinheiro, 2018). De modo complementar, a docilidade ambiental refere-se ao grau em que a forma construída admite adaptações, ajustes e reinterpretações, podendo favorecer ou limitar os processos de apropriação e interferir na vivência cotidiana do espaço (I. A. Günther & Elali, 2018). Essas dinâmicas articulam-se à territorialidade, entendida como conjunto de práticas de delimitação, controle e pertencimento que reforçam os vínculos identitários com o lugar habitado (Higuchi & Theodorovicz, 2011).

Além dos aspectos funcionais e psicossociais, a literatura também enfatiza o caráter simbólico e fenomenológico da habitação. A teoria das “cinco peles”, proposta por Hundertwasser, concebe a casa como a terceira pele do ser humano, um invólucro essencial que expressa a relação entre corpo, moradia e identidade (Restany, 1998). De forma convergente, a arquitetura é compreendida como extensão dos sentidos e da corporeidade, influenciando a maneira como o sujeito experiencia o mundo e constrói significados existenciais (Pallasmaa, 2017). Bachelard (1993) reforça essa dimensão ao descrever a casa como “nosso canto do mundo”, espaço de intimidade, imaginação e memória.

A experiência residencial, portanto, configura-se como um fenômeno complexo, que articula fatores materiais como arranjo espacial, privacidade e acessibilidade e dimensões subjetivas como identidade, memória e imaginação. A casa ultrapassa a função de abrigo e se constitui como lugar de enraizamento existencial e de produção de sentidos, assumindo papel central na vivência cotidiana e no bem-estar subjetivo associado ao habitar.

Avaliação Pós-Ocupação (APO)

A Avaliação Pós-Ocupação (APO) constitui um processo sistemático de análise dos ambientes construídos a partir da experiência real de seus usuários. Surgida internacionalmente na década de 1960, consolidou-se como instrumento de retroalimentação entre as etapas de projeto,

uso e gestão, possibilitando que o desempenho ambiental e a satisfação dos ocupantes orientem melhorias no ciclo projetual (Preiser, Rabinowitz & White, 1988).

No contexto brasileiro, as primeiras aplicações ocorreram na década de 1970 em conjuntos habitacionais de São Paulo, marcando o início da adaptação da metodologia às condições locais (Del Carlo & Motta, 1975, conforme citado em Villa & Ornstein, 2013). Desde então, a APO tem sido amplamente empregada em empreendimentos de Habitação de Interesse Social, com o propósito de aprimorar o processo projetual a partir da vivência e das percepções dos moradores (Galvão, Ornstein & Ono, 2016). O fortalecimento dessa abordagem ocorreu com o Programa Habitare, criado em 1994, que impulsionou a produção científica sobre o tema e estimulou o desenvolvimento de protocolos metodológicos voltados à avaliação de ambientes residenciais (Abiko & Ornstein, 2002).

Além do campo habitacional popular, a APO expandiu-se para diferentes segmentos do mercado imobiliário, sendo reconhecida como ferramenta útil para o aperfeiçoamento de projetos públicos e privados. Estudos realizados em edifícios residenciais de São Paulo evidenciam seu potencial como instrumento de qualificação dos espaços, especialmente quando associada à percepção dos usuários sobre conforto, funcionalidade e bem-estar (Villa, 2008).

A literatura contemporânea reforça a importância de integrar abordagens qualitativas e interdisciplinares aos processos avaliativos. A partir dessa perspectiva, a APO é compreendida não apenas como um procedimento técnico, mas como um método sensível à complexidade das relações entre sujeitos e ambientes. Contribuições recentes indicam que metodologias inspiradas na Teoria Ator-Rede e em estratégias participativas favorecem a compreensão dos vínculos entre o espaço físico e os significados atribuídos por seus usuários (Rheingantz & Pedro, 2016).

Essa ampliação conceitual aproxima a APO dos debates da Psicologia Ambiental. A análise do habitar sob dimensões afetivas, culturais e identitárias reforça que a avaliação de ambientes deve

considerar as formas de apropriação, pertencimento e apego que emergem na vida cotidiana (Elali & Pinheiro, 2016). Estudos de campo também evidenciam que a inclusão dos moradores nas etapas de planejamento e adaptação das moradias contribui para o bem-estar e reduz a necessidade de reformas posteriores (Imai, 2016).

A incorporação dessas dimensões subjetivas ao processo avaliativo ressoa com os fundamentos da Psicologia Ambiental. As práticas de apropriação e territorialidade, discutidas por Cavalcante e Elias (2011), e a perspectiva multimetodológica proposta por H. Günther, Elali e Pinheiro (2011), sustentam a relevância de integrar experiências, percepções e vínculos simbólicos às avaliações pós-ocupacionais. A APO, nesse sentido, ultrapassa o caráter de ferramenta técnica e se consolida como dispositivo de compreensão do habitar, unindo aspectos objetivos e subjetivos do morar.

No âmbito desta pesquisa, a Avaliação Pós-Ocupação (APO) é adotada como um referencial metodológico ampliado, voltado à compreensão da experiência residencial em imóveis funcionais da Universidade de Brasília. Em vez de uma avaliação técnica das condições físicas das unidades, a análise concentra-se nos aspectos subjetivos da relação pessoa–ambiente, explorando vivências, percepções e significados atribuídos pelos moradores, por meio de entrevistas, diário de campo e análise documental.

Imóveis funcionais no contexto de Brasília

Desde sua fundação, Brasília destacou-se pelo planejamento urbanístico singular do Plano Piloto, concebido por Lúcio Costa e reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade. Estruturado em quatro escalas monumental, gregária, residencial e bucólica, o Plano Piloto organizou a vida urbana de forma inovadora, tendo nas superquadras a expressão mais emblemática da escala residencial (Reis, Ribeiro & Pinto, 2015).

Essas superquadras reuniram, desde o início, imóveis privados e unidades funcionais destinadas a servidores públicos. A criação dessas habitações institucionais remonta à inauguração da cidade, em 1960, como estratégia para fixar os funcionários transferidos do Rio de Janeiro para a nova capital (Mueller, 2019). Ao longo das décadas, os imóveis funcionais tiveram papel decisivo na consolidação das instituições públicas do Distrito Federal. No caso da Universidade de Brasília, foram destinados a docentes e técnicos-administrativos, configurando um patrimônio habitacional singular que articula dimensões coletivas e individuais, públicas e domésticas.

A padronização arquitetônica das superquadras, ainda que funcional, abriu espaço para múltiplas formas de apropriação. Os moradores reinterpretaram os projetos originais e atribuíram significados próprios ao morar, fenômeno que dialoga com as análises de Villa (2020) sobre os apartamentos paulistanos. A autora observa a coexistência entre a lógica moderna marcada pela racionalidade construtiva e pela promessa de conforto padronizado e a prática cotidiana dos residentes, que transformam os espaços para atender a suas necessidades. Embora São Paulo e Brasília apresentem contextos distintos, em ambos os casos o morar em apartamento expressa ambivalências: de um lado, o ideal de eficiência e homogeneidade; de outro, a emergência de práticas de personalização que tornam cada unidade única.

Em Brasília, essa tensão é ainda mais evidente. As habitações funcionais, além de padronizadas, pertencem ao patrimônio público, o que intensifica o paradoxo identificado por Villa

(2020): o apartamento é simultaneamente símbolo de modernidade e de pertencimento urbano, mas também campo de negociações institucionais e afetivas. Habitar um imóvel funcional, portanto, significa experienciar um espaço onde a condição administrativa de bem público se entrelaça à vivência íntima e subjetiva do lar, um cenário privilegiado para compreender como dimensões institucionais, simbólicas e afetivas se articulam na experiência de habitar.

Imóveis funcionais da Universidade de Brasília

Desde sua fundação, a Universidade de Brasília integrou-se à lógica urbanística e social do Plano Piloto, incorporando um patrimônio imobiliário destinado à moradia de docentes e técnicos-administrativos. A origem desses bens remonta à Lei nº 3.998/1961, que instituiu a Fundação Universidade de Brasília e determinou a doação de doze superquadras residenciais para compor seu patrimônio inicial (Diário Oficial da União, 1961). Essa política buscava atrair e fixar profissionais qualificados na nova capital, assegurando condições habitacionais que permitissem consolidar o projeto de uma universidade pública de excelência no Planalto Central.

Desde a década de 1960, as moradias funcionais exerceram papel fundamental na formação da comunidade acadêmica, ao oferecer proximidade física entre vida doméstica e vida institucional. Contudo, transformações administrativas e restrições orçamentárias das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) alteraram significativamente esse cenário. Estudos recentes apontam que, diante da necessidade de otimizar o patrimônio, a UnB passou a adotar estratégias alinhadas à lógica da *New Public Management*¹, destinando parte das unidades à locação para terceiros como forma de gerar receitas adicionais (Velooso, Delgrossi, Cabello & Fortes, 2024).

¹ A expressão *New Public Management* designa uma abordagem administrativa voltada à modernização da gestão pública, com base em princípios de eficiência, descentralização e accountability, inspirados no setor privado (Velooso, Delgrossi, Cabello & Fortes, 2024).

Essa mudança aproximou a gestão imobiliária da universidade de práticas típicas do setor privado, inspiradas no *Facility Management*². A instituição chegou a desenvolver metodologia própria para calcular taxas de administração de sua carteira locatícia, variando de 3,7% a 12,9%, conforme a inclusão de custos de manutenção e reforma (Wilbert, Morgan, Amarante & Costa, 2024). Esse movimento revela tanto a profissionalização da gestão quanto a tensão inerente entre a natureza pública desses bens e sua inserção em lógicas de mercado.

Os dados institucionais recentes ilustram a evolução dessa política habitacional. Em 2014, o patrimônio imobiliário da UnB contabilizava 1.716 unidades, das quais 1.514 eram residenciais, 176 comerciais e 26 garagens, com R\$ 12,2 milhões em subsídios concedidos (Universidade de Brasília, 2014). Em 2023, o total chegou a 1.789 imóveis, com 651 destinados a servidores e 831 ao público geral, indicando redução na taxa de ocupação funcional (82%), ainda que a arrecadação tenha ultrapassado R\$ 57 milhões (Universidade de Brasília, 2023). No ano seguinte, manteve-se o mesmo total de unidades, mas os custos de manutenção alcançaram R\$ 17,4 milhões frente a uma arrecadação de R\$ 58,7 milhões (Universidade de Brasília, 2024).

Esses dados revelam duas tendências complementares: a diminuição progressiva das moradias funcionais exclusivas para servidores e a reorientação da política patrimonial universitária em direção a práticas de mercado. Contudo, tais transformações ultrapassam a dimensão administrativa e repercutem diretamente na vivência cotidiana dos moradores. Ao reduzir o espaço destinado ao habitar funcional, a universidade altera também as formas de apropriação, pertencimento e apego que historicamente sustentaram o sentido comunitário do campus.

² O termo Facility Management refere-se a práticas de gestão predial que integram manutenção, operação e desempenho funcional de edificações, visando eficiência e qualidade dos serviços (Wilbert, Morgan, Amarante & Costa, 2024).

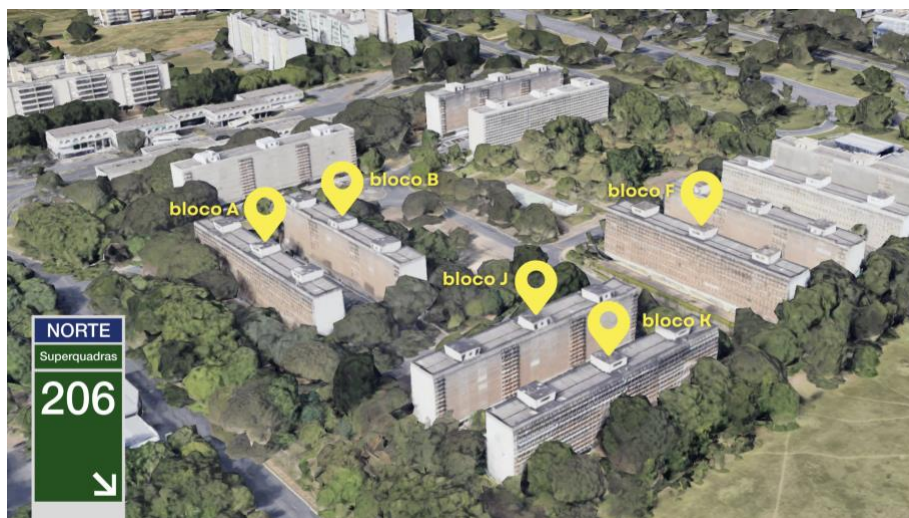
A Superquadra 206 Norte (SQN 206)

A Superquadra 206 Norte foi escolhida como campo empírico desta pesquisa por reunir características particularmente relevantes para compreender a relação entre espaço urbano, habitação e vida comunitária. Projetada em 1977 pelos arquitetos Marcílio Mendes Ferreira e Takudoo Takada, a quadra possui onze blocos residenciais construídos em sistema pré-moldado de concreto (Ferreira & Gorovitz, 2015). Sua homogeneidade arquitetônica, marcada pela repetição volumétrica e pela padronização construtiva, constitui um cenário privilegiado para analisar como os moradores se apropriam de espaços idênticos de maneiras singulares.

De acordo com levantamento da Coordenadoria de Administração de Condomínios da UnB (2024), cerca de 180 unidades funcionais localizam-se na quadra, distribuídas entre os blocos A, B, F, J e K. Os demais blocos — C, D, E, G e I — pertencem ao mercado privado, compondo um arranjo híbrido entre o público e o particular. Essa configuração revela uma convivência complexa entre regimes distintos de propriedade e modos de uso, evidenciando as tensões que permeiam o morar na SQN 206, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1

Blocos Funcionais da Universidade de Brasília SQN 206



Nota. Figura extraída do Google Earth, sinalizada pela pesquisadora (2024).

A homogeneidade arquitetônica da quadra reflete o ideal modernista de racionalidade construtiva, que buscava oferecer soluções habitacionais replicáveis e eficientes em larga escala (Villa, 2020). Contudo, essa padronização não elimina a dimensão vivida e subjetiva do habitar. Tal como observa Villa (2020) em seus estudos sobre apartamentos paulistanos, a lógica moderna de homogeneidade convive com a prática cotidiana da personalização, na qual moradores transformam e reinterpretam seus espaços segundo suas necessidades e estilos de vida. Em Brasília, essa dinâmica ganha novas camadas de sentido, pois envolve também imóveis funcionais pertencentes ao patrimônio público.

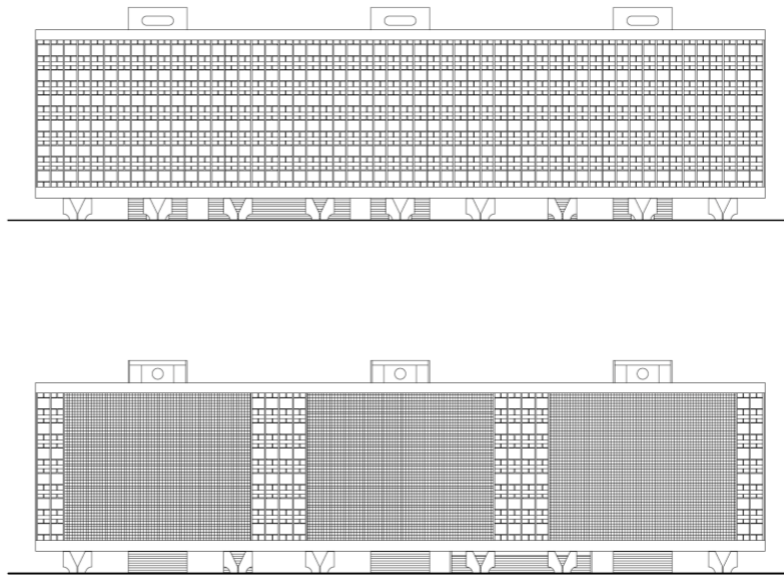
Nesse contexto, o apartamento torna-se simultaneamente símbolo de modernidade e pertencimento urbano, mas também um espaço atravessado por disputas institucionais, afetivas e simbólicas. O morar na SQN 206 revela, assim, o paradoxo entre a padronização formal e a apropriação subjetiva, entre o caráter coletivo do patrimônio e a experiência íntima do lar.

Em 2020, o Bloco I — de propriedade privada — recebeu o Selo CAU/DF Arquitetura de Brasília, concedido pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal. O reconhecimento destacou a preservação da fachada em concreto aparente, o cuidado com os pilotis e a manutenção do paisagismo, reforçando o valor arquitetônico e cultural da superquadra. Embora o prêmio não se refira especificamente às unidades funcionais, ele reforça o caráter simbólico da 206 Norte como um conjunto exemplar da arquitetura residencial de Brasília, evidenciando sua relevância como campo de investigação sobre as relações entre forma, uso e significado.

As Figuras 2 a 5 ilustram aspectos arquitetônicos e espaciais da SQN 206 que fundamentam essa discussão, incluindo as fachadas dos blocos, a planta baixa do pavimento tipo e exemplos de blocos específicos, contribuindo para a compreensão da relação entre padronização construtiva e possibilidades de apropriação pelos moradores.

Figura 2

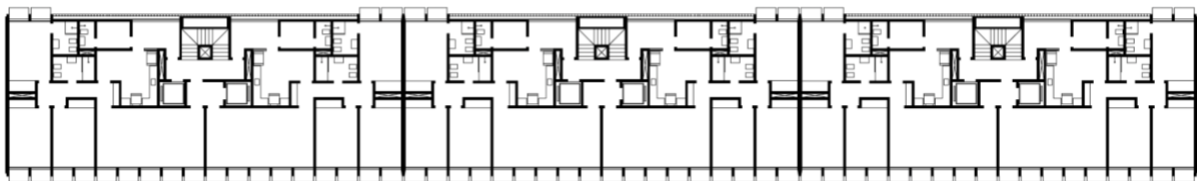
Fachada principal e posterior dos blocos da SQN 206



Nota. Extraído de Ferreira e Gorovitz (2020).

Figura 3

Planta baixa pavimento tipo SQN 206



Nota. Extraído de Ferreira e Gorovitz (2020).

Figura 4

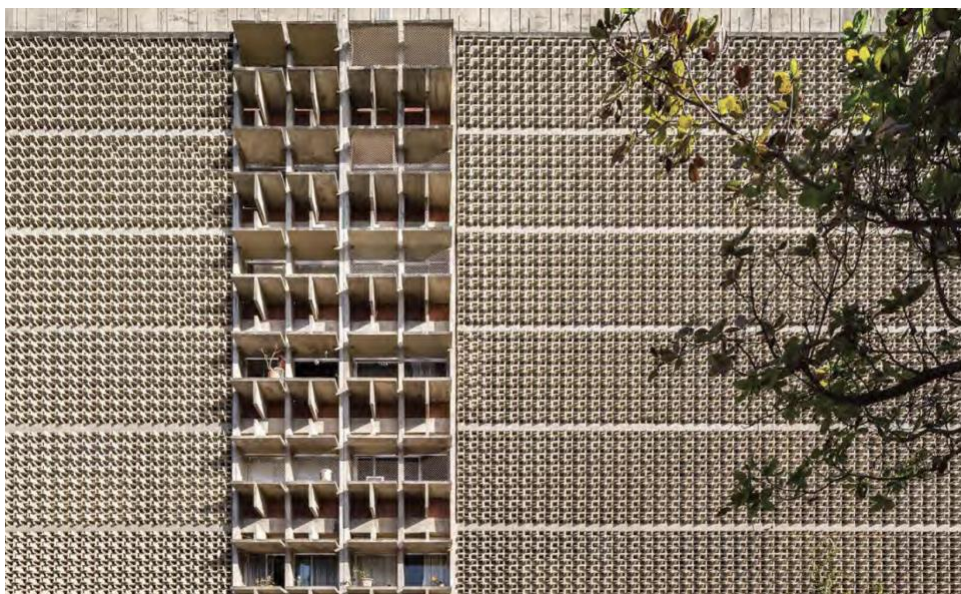
Bloco B da SQN 206



Nota. Extraído de Ferreira e Gorovitz (2020).

Figura 5

Fachada de um dos blocos – SQN 206



Nota. Extraído de Ferreira e Gorovitz (2020).

Justificativa

A habitação funcional ocupa lugar singular na história da Universidade de Brasília. Desde sua fundação, esteve associada às políticas de atração e fixação de docentes e técnicos-administrativos em um território recém-criado e ainda carente de infraestrutura (Ribeiro, 1995; Grinberg & Grinberg, 1989). Essas moradias desempenharam papel essencial na consolidação da comunidade universitária e na constituição de vínculos entre o trabalho acadêmico e a vida cotidiana no campus.

Apesar de sua relevância institucional e simbólica, os imóveis funcionais permanecem pouco explorados nos estudos da Psicologia Ambiental, cujas abordagens têm privilegiado, de forma mais recorrente, a Habitação de Interesse Social (Villa & Ornstein, 2013, 2016). As habitações universitárias configuram, assim, um objeto híbrido: não se enquadram plenamente na lógica da habitação social nem no mercado privado, constituindo um território analítico pouco estudado e marcado por ambivalências relacionadas ao uso, à gestão e ao pertencimento.

Nas últimas décadas, transformações na gestão da UnB alteraram significativamente o significado e a função desses imóveis. Espaços antes voltados à consolidação do corpo docente e técnico passaram a ser administrados sob uma lógica próxima à do setor privado, orientada por princípios da *New Public Management* e do *Facility Management* (Velooso et al., 2024; Wilbert et al., 2024). Essa mudança desloca o eixo da moradia funcional de uma política de valorização do servidor para uma perspectiva patrimonial e financeira, produzindo tensões entre função social e função administrativa.

A escolha do tema desta pesquisa também se relaciona ao percurso formativo e acadêmico da pesquisadora, arquiteta e urbanista, cuja trajetória anterior incluiu experiências com APO em iniciação científica realizada aproximadamente uma década antes do início deste mestrado. O ingresso no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO) decorreu do interesse em aprofundar abordagens qualitativas e compreender, de forma mais

prática, acadêmica e sistemática os processos de escuta, interpretação e produção de sentidos.

Nesse contexto, a pesquisa dialoga com uma concepção de APO de caráter ampliado às dimensões sociais do morar ou seja, há uma orientação social no campo da Psicologia Ambiental.

Além disso, o contato recorrente com referências aos imóveis funcionais da UnB ao longo do percurso acadêmico e profissional despertou a curiosidade em compreender o papel inicial dessas moradias e suas possíveis funções na vida de quem chega a uma nova cidade. Não sendo natural de Brasília, a pesquisadora reconhece que o acesso a esse tipo de habitação poderia ter desempenhado papel relevante em processos de adaptação, mobilidade e pertencimento em sua época de mudança, o que reforçou o interesse em investigar como esses imóveis são vividos, apropriados e ressignificados por seus moradores.

A relevância desta pesquisa se apoia em três dimensões complementares. A primeira é acadêmica, ao preencher uma lacuna sobre apropriação, pertencimento e apego ao lugar em imóveis funcionais universitários, ampliando o campo da Psicologia Ambiental no Brasil. A segunda é institucional, ao oferecer subsídios que podem orientar reflexões sobre a gestão habitacional da UnB e o papel desses imóveis na vida comunitária. A terceira é social e política, ao problematizar as formas de habitar o patrimônio público, articulando-as aos vínculos identitários e comunitários e ao debate sobre o direito à moradia e à preservação do bem coletivo.

Objetivos da Pesquisa

A habitação funcional universitária constitui um campo pouco explorado pela Psicologia Ambiental, embora possua relevância singular para compreender as interações entre espaço, instituição e experiência subjetiva. Apesar da ampla produção sobre Habitação de Interesse Social e Avaliação Pós-Ocupação (APO), os estudos sobre os imóveis funcionais permanecem escassos, especialmente quando se consideram seus significados simbólicos e identitários. Essas moradias apresentam natureza híbrida: não se inserem integralmente na lógica da habitação social nem no

mercado privado, o que as torna um objeto de investigação relevante para examinar como se articulam a percepção de apropriação, pertencimento, apego ao lugar e qualidade de vida no contexto institucional da Universidade de Brasília.

Dessa forma, esta pesquisa propõe compreender como os moradores da SQN 206, conjunto funcional da UnB, vivenciam essas dimensões psicossociais do habitar, articulando-as a uma Avaliação Pós-Ocupação de caráter qualitativo e interpretativo. A análise busca captar tanto os aspectos objetivos das condições residenciais quanto os significados subjetivos atribuídos ao espaço doméstico e à vida comunitária, considerando o entrelaçamento entre o público e o privado que caracteriza os imóveis funcionais.

Objetivo Geral

Compreender como os moradores de imóveis funcionais da Universidade de Brasília experienciam apropriação, pertencimento, apego ao lugar e qualidade de vida em seus espaços habitacionais.

Objetivos Específicos

1. Analisar as formas de apropriação como reformas, personalizações e soluções improvisadas e seus efeitos na qualidade de vida percebida;
2. Examinar percepções de pertencimento e apego ao lugar, considerando vínculos simbólicos, relacionais e identitários;
3. Investigar o papel da gestão institucional e das relações de vizinhança na experiência residencial e no bem-estar dos moradores;
4. Compreender de que modo o tempo de permanência e as comparações com moradias anteriores influenciam o sentimento de pertencimento e a satisfação residencial.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, combinando entrevistas semiestruturadas, análise documental, registros fotográficos, observações *walkalong* e anotações em diário de campo, permitindo uma leitura integrada das dimensões físicas, simbólicas e afetivas do habitar.

Método

A opção por uma abordagem qualitativa justifica-se pelo objetivo central desta pesquisa, que não se restringe a mensurar indicadores objetivos da habitação, mas busca compreender significados subjetivos, práticas cotidianas e vínculos afetivos estabelecidos entre os moradores e seus espaços. Essa perspectiva, de natureza interpretativa, valoriza a experiência vivida e os sentidos atribuídos pelos participantes, reconhecendo a realidade social como construída na interação entre pesquisador e pesquisados (Flick, 2009; Minayo, 2012).

Trata-se de um estudo exploratório, uma vez que não foram identificadas pesquisas anteriores que aplicassem, de modo sistemático, conceitos da Psicologia Ambiental como apropriação, pertencimento e apego ao lugar ao contexto específico dos imóveis funcionais em Brasília. Assim, não se partiram de hipóteses fechadas, mas da intenção de identificar categorias emergentes nas falas dos participantes e explorar, de forma aberta e contextual, como constroem suas experiências de habitar. Diferentemente dos métodos quantitativos, que poderiam medir a frequência de reformas ou o grau de satisfação em escalas numéricas, a abordagem qualitativa possibilita acessar narrativas, sentidos simbólicos e processos de apropriação que emergem da vivência direta.

Essa perspectiva dialoga com o campo da Avaliação Pós-Ocupação (APO), cujo foco é compreender o uso real das edificações para além de seus aspectos técnicos. Desde as formulações de Preiser, Rabinowitz e White (1988), a APO tem se constituído como um método de retroalimentação entre projeto e uso, incorporando, progressivamente, dimensões subjetivas e psicossociais (Villa & Ornstein, 2013). Embora o projeto arquitetônico busque adequar o espaço às atividades humanas, sua materialização frequentemente antecede o uso cotidiano, gerando desafios de apropriação (Elali & Pinheiro, 2013). Inspirada nesses princípios, esta pesquisa adota procedimentos qualitativos compatíveis com a tradição da APO para compreender como os

moradores de imóveis funcionais da Universidade de Brasília se apropriam de seus espaços e desenvolvem sentimentos de pertencimento e apego ao lugar.

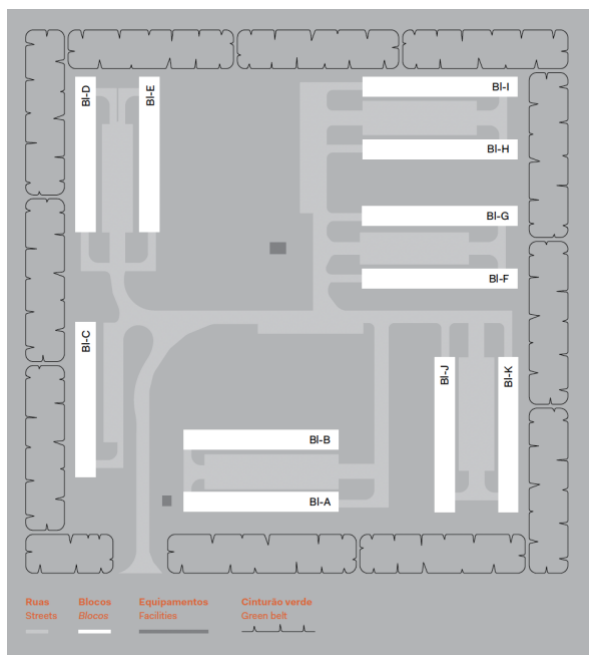
Caracterização da área de estudo

A pesquisa foi realizada na SQN 206, localizada no Plano Piloto de Brasília. A quadra é composta por onze blocos residenciais; cinco deles (A, B, F, J e K) pertenciam à Universidade de Brasília (UnB) no início desta pesquisa em 2024 e integravam o conjunto de imóveis funcionais destinados à moradia de docentes e técnicos-administrativos, enquanto os demais blocos da quadra pertencem ainda ao mercado privado.

Os blocos funcionais foram projetados em 1977 pelos arquitetos Marcílio Mendes Ferreira e Takudoo Takada, com sistema pré-moldado de concreto, resultando em elevada padronização construtiva (Ferreira & Gorovitz, 2015). No período da pesquisa (2024), estimou-se a existência de aproximadamente 180 unidades funcionais ativas na quadra, ainda que alterações pontuais como a alienação de unidades nos blocos B e J tenham modificado parcialmente o arranjo original. A coexistência, no mesmo conjunto, de blocos funcionais e privados caracteriza um contexto empírico híbrido, no qual diferentes formas de gestão e uso se articulam na experiência cotidiana do habitar, conforme ilustrado na Figura 6.

Figura 6

Desenho esquemático da implantação da SQN 206



Nota. Extraído de Ferreira e Gorovitz (2020).

Participantes

Os participantes desta pesquisa foram moradores dos blocos funcionais da SQN 206, em Brasília. O foco recaiu sobre a experiência de habitar imóveis funcionais, considerando as implicações institucionais, legais e subjetivas que atravessam esse tipo de moradia e influenciam a construção de vínculos com o espaço vivido.

A definição do grupo de participantes ocorreu de forma gradual, acompanhando o avanço do trabalho de campo e respeitando os princípios éticos da pesquisa. A participação foi voluntária, conforme aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), e todas as entrevistas foram realizadas em locais definidos pelos próprios participantes, de modo a garantir privacidade e conforto durante a interação.

Ao longo da coleta, a busca por participantes exigiu adaptações no desenho inicial. O plano original previa comparar experiências entre moradores de blocos funcionais da Universidade de

Brasília (UnB) e de blocos particulares da mesma superquadra. No entanto, conforme os meses avançaram, observou-se significativa resistência em localizar moradores disponíveis tanto nos blocos privados quanto, em alguns casos, nos funcionais por razões que serão discutidas mais adiante na seção de considerações de campo. Diante desse cenário e da necessidade de assegurar coerência analítica, optou-se por delimitar o corpus final apenas às entrevistas realizadas nos blocos funcionais.

Foram realizadas 17 entrevistas ao longo do trabalho de campo, totalizando 19 encontros presenciais, sendo 17 entrevistas semiestruturadas com roteiro principal e 2 encontros no formato *walkalong*. Dentre essas, 14 entrevistas realizadas em imóveis funcionais compõem o corpus analítico desta pesquisa. Um dos encontros (E8), realizado em bloco de propriedade privada, correspondeu a um *walkalong* exploratório sem aplicação de roteiro, incluído apenas como registro metodológico e apresentado em apêndice. As demais entrevistas realizadas fora do universo dos imóveis funcionais não integram o *corpus* de análise, nem foram utilizadas na etapa interpretativa.

O número de participantes deve ser interpretado à luz da abordagem qualitativa adotada. Mais do que representar estatisticamente uma população, o estudo buscou explorar a complexidade das experiências e significados atribuídos pelos moradores ao habitar funcional. A pesquisa qualitativa privilegia a profundidade interpretativa sobre a amplitude amostral, considerando a noção de saturação teórica como critério de suficiência analítica (Stake, 1995; Minayo, 2012; Flick, 2009). A diversidade de perfis em gênero, idade, tempo de moradia, vínculo institucional e local de entrevista conferiu densidade ao material empírico, garantindo consistência interpretativa para o conjunto dos dados.

Tabela 2*Quadro de caracterização geral dos entrevistados da pesquisa*

Entrev.	Gên.	Idade	Origem	Tempo na SQN 206	Local entrevista	Vínculo UnB	Análise (<i>corpus</i>)
E1	Fem.	48	PR	4 anos	Copa do bloco	Servidor UnB	✓
E2	Fem.	60	GO	5 anos	Copa do bloco	Cônjuge	✓
E3	Fem.	46	DF	5 anos	Apartamento	Cônjuge	✓
E4	Fem.	40	RS	9 anos	Pilotis	Cônjuge	✓
E5	Fem.	45	DF	2 meses	Copa do bloco	Servidora UnB	✓
E6	Masc.	37	GO	5 anos	Apartamento	Servidor UnB	✓
E7	Fem.	42	SP	6 anos	Pilotis	Cônjuge	✓
E8	Masc.	73	MG	30 anos	Pilotis	Síndico particular	✗
E9	Masc.	44	DF	6 anos	Pilotis	Servidor UnB	✓
E10	Fem.	51	MG	24 anos	Apartamento	Servidora UnB	✓
E11	Masc.	52	SP	7 anos	Apartamento	Servidor UnB	✓
E12	Fem.	38	DF	4 anos	Apartamento	Servidora UnB	✓
E13	Fem.	48	DF	3 anos	Pilotis	Cônjuge	✓
E14	Fem.	43	ES	4 anos	Apartamento	Servidora UnB	✓
E15	Fem.	71	RJ	10 anos	Pilotis	Servidora UnB	✓
E16	Masc.	53	GO	23 anos	Apartamento	Arquiteto	✗
E17	Fem.	52	MG	23 anos	Apartamento	Dentista	✗

Nota. Abreviações *Entrev.* = Entrevistado; *Gên.* = Gênero; *SQN* = Superquadra Norte; *Local Entrev.* (coluna) = Local da entrevista. *Servidor UnB*: docentes e técnicos vinculados à Fundação Universidade de Brasília (FUB), *Cônjuge*: familiares que responderam em nome do servidor responsável pelo imóvel funcional. *Síndico particular (E8)*, *Arquiteto (E16)* e *Dentista (E17)* correspondem a moradores ou gestores de blocos particulares, que não foram incluídos na análise final do *corpus*.

Instrumentos

A Avaliação Pós-Ocupação (APO) de habitações demanda uma abordagem interdisciplinar e o uso articulado de diferentes métodos de coleta e análise. Conforme apontam Mallory-Hill, Preiser e Watson (2012, apud Villa & Ornstein, 2013), a combinação de múltiplas técnicas e perspectivas possibilita compreender de modo mais abrangente as experiências dos moradores, suas percepções de qualidade e seus processos de apropriação do espaço. No Brasil, a prática de APO tem evoluído em diálogo com as transformações do mercado imobiliário e com a busca por qualidade habitacional (Villa & Ornstein, 2013), consolidando-se como ferramenta estratégica para aproximar o ambiente construído das necessidades reais de seus usuários.

Com base nesses referenciais, esta pesquisa integrou diferentes instrumentos qualitativos, descritos a seguir.

Entrevistas semiestruturadas

O principal instrumento de coleta consistiu em entrevistas semiestruturadas, compostas por 36 perguntas distribuídas em blocos temáticos: rotina e uso dos espaços; conforto ambiental; apropriação e pertencimento; interação com vizinhança; lazer; comparação com moradia anterior; emoções e bem-estar; satisfação geral; segurança e privacidade. Também foram incluídas questões de perfil sociodemográfico.

Optou-se por não incluir perguntas diretas sobre renda, considerando que todos os participantes eram servidores da Universidade de Brasília ou seus cônjuges, o que garante relativa homogeneidade de estabilidade financeira. Além disso, a renda constitui tema sensível em entrevistas qualitativas, podendo gerar desconforto ou respostas imprecisas (Minayo, 2012). Para captar aspectos socioeconômicos, o roteiro incluiu perguntas sobre lazer, viagens e hábitos de consumo, permitindo inferir padrões de acesso cultural e simbólico sem exposição indevida.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, mediante consentimento livre e esclarecido, e transcritas integralmente para posterior análise de conteúdo temática. O roteiro completo encontra-se no Apêndice B.

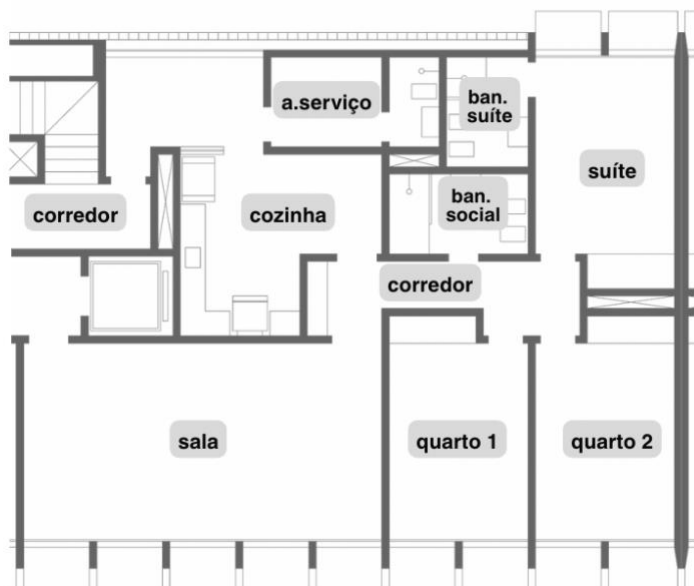
A elaboração do questionário baseou-se na leitura dos instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação apresentados por Roméro e Ornstein (2003). Embora originalmente quantitativos, esses instrumentos foram reinterpretados de forma qualitativa, em diálogo com referenciais da Psicologia Ambiental sobre apropriação, pertencimento e apego ao lugar. Assim, buscou-se manter a estrutura inspirada na APO clássica, mas abrindo espaço para narrativas subjetivas e experiências pessoais dos moradores.

Análise documental

Como apoio às entrevistas, foi utilizada a planta baixa original dos blocos da SQN 206, reproduzida em Ferreira e Gorovitz (2020). Durante as entrevistas, os participantes foram convidados a indicar no desenho os cômodos e modificações realizadas, o que permitiu compreender espacialmente as transformações e práticas de apropriação do ambiente doméstico.

Figura 7

Planta baixa apartamentos SQN 206 sinalizada com distribuição de cômodos como exemplo



Nota. Fonte Secretaria de Estado de Obras e Infraestrutura do GDF; reprodução em Ferreira e Gorovitz, 2020.

Registros fotográficos

Foram realizados registros fotográficos de áreas comuns e, quando autorizado, de espaços internos das unidades. Parte das imagens foi produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo, enquanto outras foram disponibilizadas pelos próprios participantes, de forma voluntária, como recurso exploratório para complementar os relatos verbais. As fotografias documentaram personalizações, reformas e soluções criativas dos moradores, fortalecendo o processo de triangulação dos dados e possibilitando uma leitura visual das formas de apropriação do espaço. Nos Resultados, os registros fotográficos são apresentados de forma articulada às falas dos participantes, sendo utilizados apenas quando contribuíram para a compreensão das práticas descritas. Em todos os casos, o uso das fotografias seguiu as normas éticas de consentimento e privacidade, garantindo o anonimato dos participantes.

Diário de campo

O diário de campo foi utilizado como instrumento de registro das impressões, observações e interações espontâneas durante a coleta. Serviu também como espaço de reflexividade, permitindo à pesquisadora observar sua própria inserção no campo e as dinâmicas de comunicação estabelecidas com os moradores, conforme propõe Lourau (1993).

Entrevistas walkalong ou go-along

A técnica *walkalong* consiste em conduzir entrevistas enquanto se percorre, juntamente com o participante, o espaço de vivência. Essa estratégia favorece a emergência de significados situados e de percepções espaciais que dificilmente seriam evocadas em contextos formais (Carpiano, 2009).

Nesta pesquisa, foram realizados dois *walkalongs*: o primeiro com uma representante de bloco funcional, cujas observações complementam as análises principais; e o segundo com o síndico de um bloco privado, incluído no Apêndice F como material comparativo. Em ambos os casos, a caminhada serviu como meio para que os próprios moradores guiassem o olhar da pesquisadora, destacando os aspectos mais relevantes de seu cotidiano e da gestão do edifício.

Figura 8

Métodos da Avaliação Pós-Ocupação de Habitações



Nota. Extraído de Villa, Saramago & Garcia, 2016.

Assim, a Avaliação Pós-Ocupação (APO) adotada neste estudo foi compreendida em sua vertente qualitativa e psicossocial, voltada à experiência dos usuários e à produção de significados associados ao habitar. Diferentemente da APO clássica, de enfoque técnico-funcional (Preiser et al., 1988), a presente pesquisa aproxima-se das perspectivas interpretativas e centradas no usuário Rheingantz e Pedro (2016) e Villa e Ornstein (2013). Nessa abordagem, o interesse recai menos sobre o desempenho físico das edificações e mais sobre os modos como os moradores percebem, transformam e atribuem sentidos aos espaços que habitam. Assim, a APO é aqui entendida como um processo de retroalimentação simbólica, em que a vivência cotidiana se torna fonte de conhecimento sobre a relação pessoa–ambiente, mantendo sua validade metodológica e ampliando seu escopo de aplicação para a Psicologia Ambiental.

Procedimentos

Mais do que aplicar tecnicamente os instrumentos de pesquisa, buscou-se garantir a credibilidade e a coerência interpretativa dos dados por meio da construção de uma relação de confiança com os participantes. As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelos próprios moradores, respeitando sua privacidade, disponibilidade e conforto. Durante as conversas, a pesquisadora procurou confirmar interpretações junto aos entrevistados, promovendo uma validação comunicativa que favorecesse a compreensão mútua dos significados atribuídos à experiência habitacional. Esse cuidado metodológico compreende que a pesquisa qualitativa é um processo social de construção de conhecimento, no qual os pesquisadores exercem julgamento ao aceitar ou não a posição subjetiva do outro (H. Günther, 2006)

O convite à participação ocorreu de forma gradual, ao longo de visitas aos blocos e da inserção progressiva da pesquisadora no cotidiano da comunidade. Foram distribuídos panfletos em atividades locais, como bazares e reuniões de condomínio, contendo um QR Code que direcionava a um sistema de agendamento online (*Calendly*). Esse recurso permitiu que cada participante

escolhesse livremente o dia e o horário da entrevista, recebendo lembretes automáticos por e-mail e SMS, estratégia que contribuiu para otimizar o cronograma e reduzir desistências.

As entrevistas semiestruturadas foram conduzidas individualmente, gravadas mediante consentimento e, quando autorizado, acompanhadas por registros fotográficos das unidades e áreas comuns. Nos casos em que não houve autorização para imagens, utilizou-se a planta baixa dos blocos para que o morador indicasse, diretamente no desenho, as modificações e apropriações realizadas. Paralelamente, o diário de campo registrou impressões, interações espontâneas e observações contextuais, incluindo gestos, pausas e silêncios utilizados apenas quando relevantes para a análise interpretativa. Em consonância com as recomendações de H. Günther (2004), a descrição dos procedimentos buscou apresentar informações essenciais para a compreensão e acompanhamento do estudo, respeitando o contexto real em que os dados foram produzidos.

Durante a revisão, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial como apoio estrutural e de revisão, sob curadoria e supervisão integral da autora. Esses recursos limitaram-se à organização e formatação textual, preservando a autoria e a integridade científica do trabalho. Todo o percurso teórico, metodológico, empírico e analítico é de responsabilidade da pesquisadora.

Pré-análise

A fase de pré-análise correspondeu à preparação e organização do *corpus* de pesquisa, etapa inicial da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). As entrevistas foram gravadas em áudio (.m4a) e transcritas integralmente com apoio de ferramentas de reconhecimento de voz em ambiente Google Colab (Odorizzi, 2024), sendo posteriormente revisadas manualmente pela pesquisadora. Essa dupla verificação garantiu a fidedignidade das narrativas e preservou a singularidade das falas, aspecto essencial para a validade interpretativa em pesquisas qualitativas (H. Günther, 2006).

As entrevistas foram numeradas sequencialmente (E1–E17), mas o corpus final contemplou 14 entrevistas realizadas em blocos funcionais, mantendo a numeração contínua para preservar a coerência dos registros. A entrevista E8, referente a um bloco particular, foi excluída do corpus principal e apresentada em apêndice como material complementar, enquanto a entrevista E10, pela riqueza descritiva e detalhamento simbólico, foi integralmente transcrita em apêndice como exemplo ilustrativo.

Além das entrevistas, foram organizados registros fotográficos por unidade, plantas baixas dos apartamentos (Ferreira & Gorovitz, 2020) e anotações de diário de campo, compondo um conjunto diversificado de fontes de informação. Essa integração de materiais favorece a triangulação de dados, princípio metodológico valorizado por H. Günther (2006) e por Villa e Ornstein (2013), que ampliam a compreensão do fenômeno ao combinar diferentes modos de apreensão da realidade.

Exploração do material

Na etapa de exploração, buscou-se identificar unidades de registro e unidades de contexto conforme a proposta de Bardin (2011). As unidades de registro corresponderam a temas diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa: apropriação dos espaços habitacionais, pertencimento, dificuldades e soluções cotidianas, bem-estar e qualidade de vida residencial, bem como às expressões emocionais presentes nos discursos. As unidades de contexto foram mantidas em frases ou trechos completos, de modo a preservar o sentido narrativo e afetivo das falas.

A exploração do material envolveu também o exame de registros fotográficos, plantas baixas e notas de campo, analisados de forma articulada às falas dos participantes. Essa integração permitiu compreender as relações entre discurso e prática, ampliando o alcance da análise para além da linguagem verbal. A leitura interpretativa das manifestações dos moradores sobre seus espaços evidencia não apenas usos e funções, mas também significados simbólicos e afetivos do habitar (Elali e Pinheiro, 2013).

Tabela 3*Etapas da Análise de Conteúdo*

Etapa	Descrição	Detalhamento no estudo
1. Pré-análise	Fontes	Entrevistas semiestruturadas; análise documental; registros fotográficos (produzidos pelos participantes e pela pesquisadora); diário de campo; observação acompanhada (<i>walkalong</i>).
	Objetivos específicos	Apropriação; pertencimento; apego; qualidade de vida; gestão institucional; interação com vizinhança; mobilidade residencial.
	Preparação do material	Áudios (.m4a); transcrição via IA; numeração (E1, E2...E17); organização dos registros fotográficos junto às transcrições; leitura flutuante no <i>Atlas.ti 2025</i> .
2. Exploração do material	Unidades de registro	Temas, acontecimentos, expressões emocionais (positivas, negativas, ambivalentes), descrições visuais nos registros fotográficos.
	Unidades de contexto	Expressões/frases completas; trechos significativos; legendas e descrições fotográficas; frequência

3. Tratamento dos resultados	Construção de categorias	qualitativa; concorrências entre códigos.
	Meios tecnológicos	A priori: apropriação, pertencimento, apego, qualidade de vida. A posteriori: limitações, desigualdade, adaptações, gestão, redes, convivência. Codificação no <i>Atlas.ti 2025</i> (entrevistas e registros fotográficos vinculados); sínteses parciais em Word; planilhas de apoio no Excel.
	Apresentação	Tabelas e quadros de categorias; figuras esquemáticas; síntese transversal das emoções (positivas, negativas, ambivalentes); seleção de registros fotográficos representativos.

Nota. A tabela apresenta de forma resumida os procedimentos da análise de conteúdo aplicada nesta pesquisa, articulando categorias a priori (fundamentadas na literatura) e a posteriori (emergentes do corpus empírico). O uso do software *Atlas.ti 2025* auxiliou na codificação, recuperação e triangulação dos dados, permitindo integrar entrevistas, observações e registros fotográficos.

Tratamento dos resultados e interpretação

O tratamento do material envolveu a construção de categorias a priori e a posteriori, em consonância com a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). As categorias a priori foram definidas com base na literatura da Psicologia Ambiental e nos blocos temáticos do

roteiro de entrevistas, enquanto as categorias a posteriori emergiram indutivamente do corpus empírico, refletindo sentidos e expressões recorrentes nas falas dos participantes.

Para apoiar a organização e a sistematização dos dados, utilizou-se o software *Atlas.ti* 2025 (versão Mac), que possibilitou integrar entrevistas, registros fotográficos e notas de diário de campo em um mesmo ambiente analítico. O programa permitiu codificar trechos, agrupar códigos em famílias, elaborar memos interpretativos e gerar visualizações de relações entre categorias como, por exemplo, as conexões entre Apropriação ↔ Pertencimento ↔ Qualidade de Vida.

O sistema categorial inicial contemplava os eixos de apropriação, pertencimento, apego, qualidade de vida, gestão institucional, interação com a vizinhança e mobilidade residencial. Durante a codificação, emergiram subcategorias indutivas, como Segurança (em Qualidade de Vida) e Desejos de mudança (em Apropriação), incorporadas ao quadro analítico por sua relevância empírica. Esse movimento de revisão constante reflete o caráter dinâmico da análise qualitativa, em que o pesquisador constrói interpretações progressivamente a partir da interlocução entre teoria e dados (H. Günther, 2006; Bardin, 2011).

A utilização de ferramentas digitais de apoio à organização textual ocorreu apenas como etapa auxiliar de sistematização, sem substituir o trabalho interpretativo, que permaneceu sob responsabilidade integral da pesquisadora. Por fim, os resultados foram construídos a partir da triangulação das fontes: entrevistas, registros fotográficos, diário de campo e *walkalong*, o que possibilitou responder às perguntas de pesquisa e evidenciar tanto padrões coletivos quanto singularidades. Essa triangulação assegura a credibilidade e a validade interna do estudo, em consonância com a perspectiva qualitativa defendida por H. Günther (2006), segundo a qual a interpretação dos dados deve emergir da convergência entre múltiplos olhares sobre o mesmo fenômeno.

A integração desses diferentes registros reforça o princípio de que a compreensão do habitar demanda considerar simultaneamente dimensões físicas, simbólicas e relacionais, diretriz presente na literatura da Psicologia Ambiental e das Avaliações Pós-Ocupação qualitativas (Elali & Pinheiro, 2013; Villa & Ornstein, 2013).

Categorias de análise

A partir do processo de análise de conteúdo (Bardin, 2016), as falas dos participantes foram organizadas em um conjunto de categorias temáticas que sintetizam os principais sentidos atribuídos à experiência residencial nos imóveis funcionais da Universidade de Brasília. Essas categorias articulam dimensões teóricas previamente identificadas na literatura da Psicologia Ambiental com elementos emergentes do corpus empírico, resultando em uma estrutura interpretativa que reflete tanto a teoria quanto a vivência concreta dos moradores.

O objetivo dessa sistematização foi evidenciar os modos pelos quais os residentes se apropriam do espaço, constroem vínculos afetivos e simbólicos, percebem sua qualidade de vida e se relacionam com a gestão institucional e com a vizinhança. Assim, buscou-se compreender como o habitar se constitui simultaneamente como prática espacial, social e identitária e como tais dimensões se expressam na vida cotidiana em imóveis funcionais.

Foram definidas sete categorias principais, cada uma subdividida em subcategorias específicas que detalham os processos vividos e os significados atribuídos ao habitar. Como cada participante abordou múltiplos aspectos de sua experiência, um mesmo entrevistado pôde ser associado a diferentes subcategorias, em conformidade com a natureza multifacetada das falas e das experiências analisadas (Bardin, 2016).

A Tabela abaixo apresenta a síntese das categorias e subcategorias identificadas, acompanhadas de suas respectivas descrições. Essa sistematização servirá como guia para a exposição e discussão dos resultados, apresentada no próximo capítulo, onde as categorias são

exploradas em profundidade e articuladas aos referenciais teóricos da Psicologia Ambiental e da Avaliação Pós-Ocupação.

Tabela 4

Categorias da análise de conteúdo

Categoria	Subcategorias	Descrição
Apropriação do Espaço Habitacional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adaptações físicas 2. Personalização 3. Soluções improvisadas 4. Desejos de mudança 5. Limitações 	Reformas, ajustes estruturais e estratégias criativas realizadas pelos moradores; intenções de alterações não concretizadas, evidenciando barreiras institucionais; e restrições arquitetônicas ou de manutenção que ultrapassam a capacidade de intervenção dos residentes.
Pertencimento ao Lugar	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sentimento de lar 2. Identificação com quadra/bloco 3. Memórias associadas 	Experiências afetivas e simbólicas que consolidam a moradia como espaço de referência e vida cotidiana.
Apego ao Lugar	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vínculo emocional 2. Valorização simbólica 3. Desejo de continuidade 	Laços afetivos e simbólicos que sustentam a intenção de permanecer e resistir a mudanças.
Qualidade de Vida	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conforto ambiental 2. Privacidade 3. Segurança 4. Bem-estar 5. Satisfação geral 6. Lazer 	Avaliação global do ambiente residencial e sua influência sobre privacidade, saúde, descanso e bem-estar.

Gestão Institucional (SPI/UnB)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Comunicação 2. Manutenção 3. Percepções de desigualdade 	Relação entre moradores e a gestão da universidade, incluindo falhas, respostas e comparações com imóveis particulares.
Interação com a Vizinhança	<ol style="list-style-type: none"> 1. Contato cordial 2. Conflitos 3. Cooperação comunitária 4. Uso dos espaços comuns 	Práticas cotidianas de convivência, tensões e iniciativas coletivas no espaço da superquadra.
Mobilidade Residencial	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tempo de permanência 2. Motivos de mudança 3. Comparações com moradias anteriores 	Trajetórias habitacionais que influenciam motivos de mudança e comparação com outras moradias.

Nota. Tabela elaborada pela pesquisadora com base na análise de conteúdo de Bardin (2016) e nas dimensões teóricas da Psicologia Ambiental apresentadas nos capítulos anteriores. Cada participante pôde ser associado a mais de uma subcategoria, resultando em 27 subcategorias distribuídas entre os 14 entrevistados analisados.

Nos capítulos de resultados e discussão, as subcategorias são identificadas por códigos alfanuméricos (por exemplo, 1a, 1b, 1c), com o objetivo de facilitar a organização e a referência cruzada entre os achados empíricos.

Considerações sobre o campo e implicações da Psicologia Ambiental

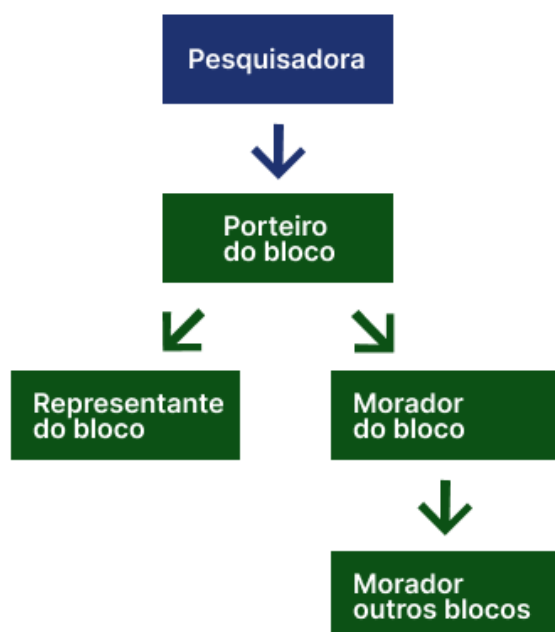
O processo de coleta de dados foi atravessado por circunstâncias institucionais e sociais que influenciaram diretamente o acesso ao campo e a condução da pesquisa. Mudanças na gestão condominial da superquadra, associadas à alienação de algumas unidades e à substituição da administração pública por síndicos externos, alteraram a dinâmica de responsabilidades sobre os espaços comuns e a relação entre moradores e instituição. Essas transformações evidenciaram tensões entre o caráter público da moradia funcional e sua vivência cotidiana, exigindo ajustes nas estratégias de aproximação com os participantes.

A greve dos servidores técnico-administrativos da Universidade de Brasília, iniciada em março de 2025 e vigente durante parte do trabalho de campo, também impactou a rotina dos moradores e a organização da pesquisa. A instabilidade institucional e temporal demandou flexibilidade metodológica, readequação de agendas e atenção às variações de disponibilidade dos participantes ao longo do período de coleta.

A aproximação com os moradores ocorreu de forma gradual, por meio de visitas aos pilotis, entrega de panfletos, divulgação em grupos de WhatsApp e participação em eventos comunitários. As conversas informais, bem como convites e recusas, revelaram preocupações recorrentes com segurança e privacidade, aspectos centrais da vida em condomínios residenciais. A mediação de porteiros e representantes de bloco mostrou-se fundamental para o estabelecimento de confiança e para a indicação sucessiva entre vizinhos, configurando um processo de amostragem por bola de neve na Figura 9.

Figura 9

Fluxograma – efeito bola de neve



O *corpus* final da pesquisa foi constituído por 14 entrevistas com moradores de imóveis funcionais. Esse conjunto apresentou densidade e diversidade das narrativas produzidas, que permitiram identificar regularidades e singularidades nas experiências relatadas. A recorrência temática observada ao longo das entrevistas indicou a saturação teórica das categorias de análise, confirmando a adequação do *corpus* aos objetivos propostos.

Materiais complementares

Para apoiar a compreensão do trabalho e garantir transparência metodológica, foram incluídos Apêndices com documentos utilizados e produzidos ao longo da pesquisa. Esses materiais não integram a análise central, mas oferecem suporte à leitura, evidenciando o percurso metodológico, os instrumentos de coleta e exemplos empíricos que contribuíram para a construção dos resultados.

O Apêndice A apresenta um glossário de siglas e termos técnicos empregados no texto, elaborado para facilitar a leitura e a contextualização dos conceitos e instituições mencionadas. Considerando que parte dos termos se refere a elementos específicos do urbanismo de Brasília, buscou-se esclarecer expressões que podem não ser familiares a leitores externos ou mesmo a residentes que desconhecem a origem e o funcionamento de certas denominações.

O Apêndice B contém o roteiro de entrevistas semiestruturadas, organizado por blocos temáticos e utilizado como guia para a coleta de dados qualitativos.

O Apêndice C reúne o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que assegurou o cumprimento das normas éticas em pesquisas envolvendo seres humanos.

O Apêndice D apresenta a página de agendamento on-line (*Calendly*), utilizada para o convite e a marcação voluntária das entrevistas, exemplificando o procedimento de aproximação com os participantes.

O Apêndice E contém os materiais de convite e divulgação da pesquisa, incluindo a versão física do panfleto e a mensagem de convite enviada pelo aplicativo *WhatsApp*, ambos voltados à sensibilização e ao recrutamento dos moradores.

O Apêndice F inclui o resumo da entrevista *walkalong* realizada com o síndico de um bloco particular da SQN 206, mantida como ilustração metodológica e elemento comparativo em relação aos blocos funcionais.

Por fim, o Apêndice G apresenta a transcrição integral da entrevista com a participante E10, escolhida por sua densidade descritiva e representatividade dos temas abordados na pesquisa.

Quando necessário, os termos e siglas foram explicados ao longo do texto ou em notas de rodapé, de modo que o conjunto dos Apêndices funcione como complemento à compreensão integral do estudo.

Resultados

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa, organizados a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores da SQN 206, complementadas por registros fotográficos, anotações em diário de campo e uma entrevista *walkalong*. A análise foi conduzida segundo os princípios da análise de conteúdo (Bardin, 2016; Minayo, 2012), com apoio do software *Atlas.ti 2025*, permitindo integrar diferentes fontes empíricas e apreender tanto experiências individuais quanto significados compartilhados na vivência de habitar imóveis funcionais da Universidade de Brasília.

As entrevistas ocorreram em diferentes espaços da quadra, conforme a disponibilidade e a preferência dos participantes. Parte delas foi realizada no interior das unidades habitacionais, possibilitando observar diretamente as formas de apropriação, personalização e organização do espaço doméstico. Outras conversas aconteceram em áreas comuns, como pilotis, copas de serviço e jardins, que se configuraram como locais de encontro, descanso e interação entre vizinhos. Esses ambientes, ilustrados nas Figuras 10 e 11, evidenciam que a experiência de habitar os imóveis funcionais se estende para além do apartamento, incorporando também os espaços coletivos e institucionais da quadra.

Nos registros da copa dos funcionários (Figura 10), ambiente de uso cotidiano e compartilhado, emergiram relatos relacionados à manutenção e às interações informais entre moradores. Já nos pilotis (Figura 11), onde parte das entrevistas e observações foi conduzida, observaram-se dinâmicas de convivência e formas de apropriação simbólica do espaço comum, como o uso de bancos, plantas e objetos pessoais, que contribuem para a construção de vínculos de pertencimento.

Figura 10

Copa dos funcionários de um dos blocos funcionais



Nota. Registrada pela pesquisadora na data da primeira entrevista.

Figura 11

Pilotis de um dos blocos funcionais



As categorias apresentadas nas seções seguintes refletem essa complexidade, articulando práticas de apropriação, sentimentos de pertencimento e percepções de qualidade de vida a partir das narrativas e observações produzidas no campo empírico.

A partir do material coletado, as categorias foram definidas de forma híbrida, combinando uma dimensão a priori, fundamentada na literatura da Psicologia Ambiental e nos blocos temáticos do roteiro de entrevistas, e outra emergente, construída a partir do corpus empírico. Essa organização permitiu evidenciar tanto os aspectos discutidos pela teoria quanto aqueles que se manifestaram de maneira singular na experiência concreta dos moradores.

Tabela 5*Categorias e subcategorias identificadas no Atlas.ti 2025*

Categoria central	Subcategoria (código)	Frequência	Frequência total
Apropriação do espaço habitacional	1a. Adaptações físicas	45	159
	1b. Desejos de mudança	44	
	1c. Limitações	28	
	1d. Personalização	32	
	1e. Soluções improvisadas	10	
Pertencimento	2a. Sentimento de lar	22	53
	2b. Identificação com a quadra	17	
	2c. Memórias associadas	14	
Apego ao lugar	3a. Vínculo emocional	34	80
	3b. Valorização simbólica	29	
	3c. Desejo de continuidade	17	
Qualidade de vida	4a. Conforto ambiental	49	261
	4b. Privacidade	11	
	4c. Segurança	26	
	4d. Bem-estar	81	
	4e. Satisfação geral	78	
	4f. Lazer	16	
Gestão institucional (SPI/UnB)	5a. Comunicação	15	99
	5b. Manutenção	74	
	5c. Percepções de desigualdade	10	
Interação com a vizinhança	6a. Contato cordial	37	107
	6b. Conflitos	28	
	6c. Cooperação comunitária	20	
	6d. Uso dos espaços comuns	22	
Mobilidade residencial	7a. Tempo de permanência	18	72
	7b. Motivos de mudança	21	
	7c. Comparações com moradias anteriores	33	

As categorias são apresentadas em uma ordem analítica que reflete a progressão da experiência de habitar os imóveis funcionais, iniciando-se pelas práticas de apropriação do espaço habitacional, passando pelas dimensões de pertencimento e apego ao lugar e avançando para aspectos relacionados à qualidade de vida, à gestão institucional, à interação com a vizinhança e à mobilidade residencial. Embora a Tabela 5 apresente as categorias em termos de frequência, a organização do capítulo prioriza a articulação conceitual entre os temas, em consonância com os objetivos da pesquisa.

A leitura das frequências apresentadas na Tabela 5, associada à análise qualitativa das narrativas, indica que a experiência de habitar os imóveis funcionais da SQN 206 é estruturada por processos interdependentes de apropriação do espaço, construção de vínculos afetivos, percepção de qualidade de vida e mediações institucionais. Esses processos não se apresentam de forma isolada, mas de forma articulada no cotidiano dos moradores, conforme descrito a seguir.

Apropriação do Espaço Habitacional

A apropriação destacou-se como uma dimensão central na experiência dos moradores da SQN 206. As entrevistas, registros fotográficos e anotações de campo mostraram que os apartamentos funcionais, embora caracterizados pela padronização arquitetônica e pelas restrições impostas pela gestão institucional, foram continuamente transformados pelos residentes. Esse processo envolveu tanto ajustes práticos quanto escolhas estéticas e simbólicas, expressando necessidades cotidianas, valores pessoais e identidades familiares.

De modo geral, cinco formas principais de apropriação foram identificadas:

(1a) adaptações físicas, voltadas à melhoria do funcionamento do imóvel;

(1b) personalização, por meio de elementos que conferem identidade ao espaço;

(1c) soluções improvisadas, criadas diante das limitações estruturais e da demora na resposta da gestão;

(1d) desejos de mudança, que revelam intenções de reforma ou alteração não concretizadas e evidenciam os limites da apropriação diante das barreiras institucionais; e

(1e) limitações, relacionadas a restrições técnicas ou de manutenção que ultrapassam a capacidade de intervenção dos moradores, especialmente em função da condição de não proprietários.

Essas formas de apropriação evidenciam a tensão constante entre a padronização institucional e a criatividade dos residentes, que reinterpretem o espaço e buscam transformá-lo em um lugar dotado de sentido. O habitar, nesse contexto, manifesta-se como um processo de negociação entre o dado e o criado entre o espaço funcional e o lar vivido.

Observou-se também que esse processo não se restringe às intervenções realizadas pelos atuais moradores. Em diversos casos, as transformações foram “herdadas” de ocupantes anteriores ou resultaram de ações da própria gestão institucional, como reformas parciais, substituição de pisos e instalação de armários. Esses elementos incorporados ao cotidiano interferem nas decisões nas possibilidades de apropriação, configurando uma experiência em constante reconstrução.

Adaptações físicas

As adaptações físicas foram frequentemente mencionadas pelos moradores como estratégias para tornar os apartamentos mais adequados às necessidades do dia a dia. Apesar das limitações estruturais impostas pelo projeto original e pelas regras institucionais, os entrevistados relataram pequenas reformas, ajustes e substituições de equipamentos que representaram investimentos significativos na melhoria da funcionalidade do lar. As Figuras 12 e 13 ilustram exemplos dessas adaptações realizadas nas salas de estar, evidenciando modificações no layout, no mobiliário e na organização espacial como formas de adequação do espaço às rotinas e preferências.

Figura 12

Sala de estar da entrevistada E12

**Figura 13**

Sala de estar da entrevistada E10



Além das modificações feitas diretamente pelos entrevistados, algumas adaptações físicas foram herdadas ou promovidas pela gestão institucional. E2 relatou, por exemplo, que já encontrou o quarto com piso laminado e parte da iluminação resolvida, restando apenas instalar novos painéis de LED. Já E3 destacou que a reforma realizada pelo morador anterior foi determinante para a escolha do apartamento:

A pessoa que morou antes aqui fez uma reforma grande no apartamento. Trocou os armários, os guarda-roupas. Tanto que quando eu entrei, que eu olhei a cozinha, que era tudo novinho, sabe? Eu falei, ah não, é aqui mesmo que a gente vai ficar. (E3, cônjuge).

Para lidar com essas limitações, moradores realizaram intervenções como a troca de luminárias, pintura de ambientes e instalação de aparelhos de ar-condicionado. E1 descreveu, por exemplo, a instalação de um ar-condicionado voltado ao conforto de seus animais de estimação, evidenciando como adaptações físicas também carregam sentidos afetivos. Além de E1, a entrevistada E12 também destacou mudanças realizadas para adequar o apartamento às suas necessidades. Assim, ela relatou:

A gente pintou algumas paredes só, as paredes que a gente não pintou tão na cor original, acho que é esse gelo horrroso, mas tudo bem, mas algumas que a gente pintou foi porque a gente aprecia a obra de arte [...] a gente mudou todas as luminárias para o conforto luminoso e também trazer uma iluminação quente, porque todas as lâmpadas eram frias [...] eu já tinha algumas luminárias do outro apartamento e outras a gente comprou trilhos para colocar iluminação. Outra adaptação foram os armários só do banheiro, da cozinha e da área de serviço. [...] No futuro a gente pretende mexer nos armários dos quartos, porque são originais e já não atendem mais. Mas nos armários, como a UnB fez uma reforma, assim que a gente entrou já tinha acabado de ser reformado, mas essa reforma não incluiu armários nos banheiros [...] somente na cozinha tinha armário, mas já era antigo e eu mudei só a

parte de fora dos armários da cozinha [...] e na área de serviço a gente também não tinha armário, só tinha um tanque, e eu precisava de uma base, de um armário para guardar produtos de limpeza. [...] A gente trocou algumas torneiras do tanque da cozinha, o chuveiro também, um modelo mais moderno, um modelo melhor. Teve ainda a mudança de uma tomada que era dentro do armário, a gente puxou para acrescentar um ponto de tomada na cozinha para os eletrodomésticos. Acho que é só isso. (E12, docente).

Figura 14

Cozinha da entrevistada E12



Além disso, algumas adaptações envolveram reorganizações espaciais. Um exemplo é a criação de um closet no espaço entre os dois quartos, solução que ilustra como os moradores expandem a funcionalidade do apartamento dentro de suas restrições estruturais.

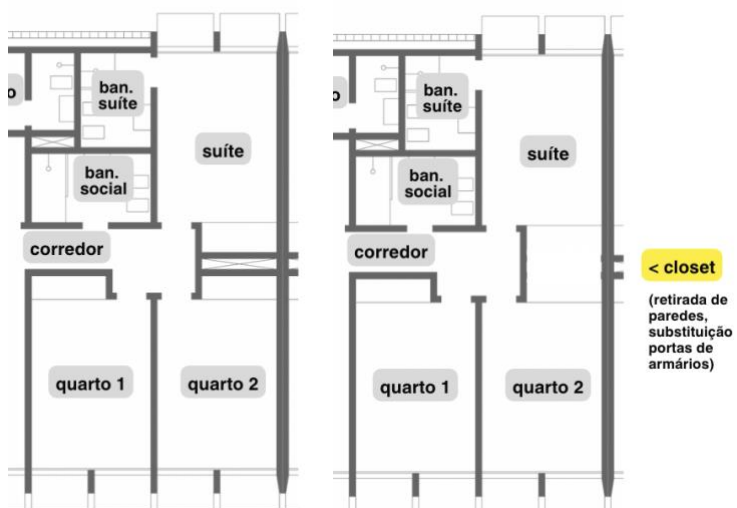
Figura 15

Vista interna do closet criado por E10 a partir da junção de dois quartos



Figura 16

Comparativo entre a planta original (à esquerda) e a planta modificada (à direita), com destaque em amarelo para o closet criado por E10



Nota. Recorte da planta baixa da unidade funcional, sinalizando a modificação realizada pela moradora E10 entre dois quartos.

Desejos de mudança

Além das adaptações físicas já realizadas, todos os 14 entrevistados manifestaram desejos de alteração que permanecem em suspenso, seja pela falta de recursos financeiros pessoais, seja pelas barreiras impostas pela gestão institucional. Esses relatos revelam não apenas necessidades práticas, mas também os limites da apropriação em imóveis funcionais, nos quais os moradores dependem de autorizações, trâmites burocráticos e decisões da SPI.

E15 sintetizou esse quadro ao mencionar o envelhecimento do apartamento:

Ah, gostaria, porque tem coisas que estão velhas, né? O apartamento precisa de reforma. Ele está velho. [...] Ele é original. Ele [também] precisa de uma pintura externa, tá? Isso é importante. (E15, docente).

E1 detalhou de forma mais crítica as dificuldades enfrentadas ao tentar reformar o banheiro, cuja execução depende da tramitação institucional:

O banheiro é pequeno e mal projetado, o box ocupa muito espaço. [...] Eu realmente tenho intenção, mas eu estou esperando porque o CAD aprovou. Agora, isso aí está na SPI e eles falam que estão fazendo análise no jurídico. [...] A UnB tem que ser mais qualificada. Então eu não acho que isso é uma experiência nossa inédita para a UnB, para isso demorar mil anos. (E1, docente).

Já E12, mesmo após realizar adaptações significativas, apontou reformas ainda pendentes:

No futuro a gente pretende mexer nos armários dos quartos, porque são originais e já não atendem mais as divisões internas. (E12, docente).

Esses exemplos mostram que os desejos de mudança constituem uma dimensão própria da apropriação: expressam o projeto idealizado do morador, mas também evidenciam os entraves estruturais e institucionais que restringem a autonomia dos residentes sobre seus lares funcionais.

Limitações

Para além das adaptações e soluções improvisadas, os moradores relataram um conjunto de limitações estruturais e institucionais que afetam diretamente a apropriação do espaço. Esses entraves estão ligados tanto ao projeto arquitetônico dos edifícios quanto à ausência de manutenção adequada por parte da universidade, resultando em frustrações cotidianas.

Um exemplo recorrente refere-se aos brises de concreto dos blocos funcionais. Embora concebidos como solução projetual para proteção solar e ventilação, na prática tornaram-se superfícies de difícil conservação, especialmente devido ao acúmulo de resíduos externos. A entrevistada E5 relatou que, com o tempo, poeira, folhas secas e pequenos detritos ficam presos entre as lâminas, comprometendo a ventilação e a aparência da fachada. Segundo ela, “a sujeira fica impregnada, não sai de jeito nenhum”. A Figura abaixo ilustra essa situação, mostrando o acúmulo de resíduos visível entre as lâminas dos brises.

Figura 17

Brises metálicos da unidade da entrevistada E5, com acúmulo de resíduos



Na mesma direção, a entrevistada E3 destacou que os brises, apesar de contribuírem para manter o ambiente fresco, se transformaram em fonte de incômodo devido à dificuldade de higienização e à ausência de acesso para limpeza adequada:

É outra coisa que eu acho estranha nesse prédio. Mas ela [a proteção] ajuda a manter o ambiente bem fresco. Porque ele tem várias direções, tanto horizontal quanto vertical. [...] Só que é complicado de limpar, porque junta folha, junta

sujeira. Você não tem acesso para limpar. Não tem acesso ali em cima. Aí as coisas que caem dos apartamentos de cima vão cair naquela mureta de cima. Você não tem acesso para limpar, não tem como. E a manutenção do prédio tem que esperar a SPI, e a SPI nem sempre vai fazer essa manutenção. Se fosse para limpar e higienizar, é muito caro, teria que contratar uma empresa. E os moradores não entram em acordo para pagar por conta. E a UnB não faz. Nunca fez. E eu acho que nem vai fazer. (E3, cônjuge).

As limitações estruturais também se estendem a outros elementos, como o elevador, fonte de insegurança recorrente. A entrevistada E13 relatou ter ficado presa em quatro ocasiões, descrevendo medo intenso e mudanças de comportamento:

O elevador. Já fiquei presa quatro vezes. [...] Primeira vez eu quase enfartei. [...] Eu recomendo no máximo entrar duas, três pessoas só no elevador. Você entra mais aí e ele para. [...] Eu não desço, por exemplo, sem celular. [...] Então eu acho que vou morrer ali dentro. (E13, cônjuge).

Esses episódios evidenciam como falhas de manutenção estrutural ultrapassam o desconforto material, gerando ansiedade, sensação de risco iminente e reforçando a dependência institucional dos moradores. Ao mesmo tempo, revelam o contraste entre as intenções originais do projeto arquitetônico voltadas ao conforto ambiental e os limites impostos pela precariedade da manutenção e pela ausência de autonomia dos residentes em imóveis funcionais.

Personalização

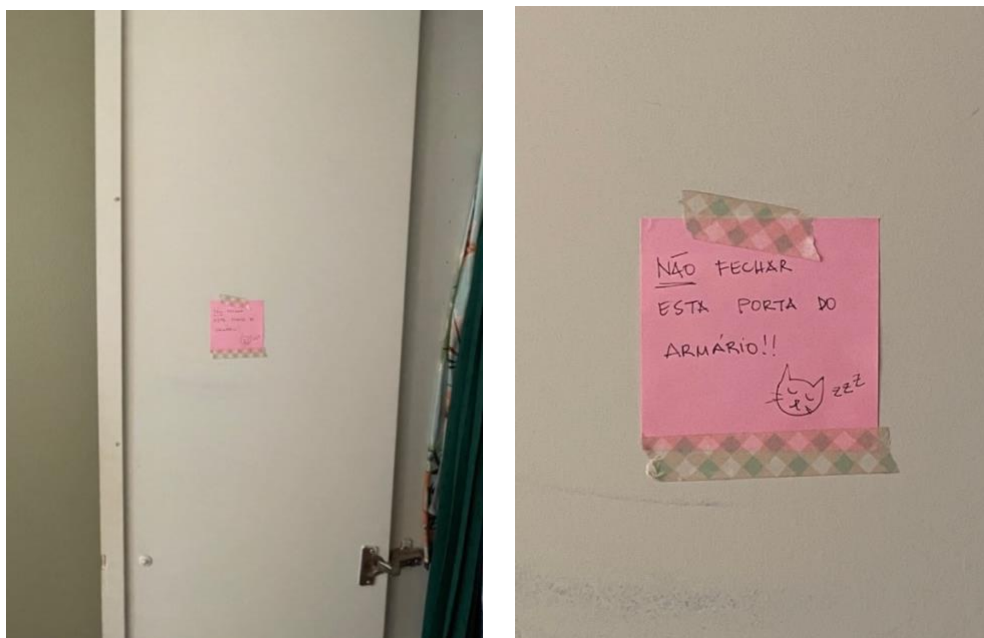
Enquanto as adaptações físicas estavam voltadas principalmente a corrigir falhas ou limitações estruturais para viabilizar o uso cotidiano do apartamento, a personalização diz respeito às escolhas que expressam identidade e estilo de vida dos moradores. Assim, embora ambas

componham o processo de apropriação, optou-se por apresentá-las separadamente a fim de destacar suas motivações distintas: uma mais funcional, outra mais simbólica.

A relação com os animais de estimação foi uma das formas mais evidentes de personalização. A entrevistada E12 explicou que até o uso de móveis foi pensada para acomodar seus gatos: “deixo sempre a porta aberta porque é onde o gato dorme” (E12, docente), revelando como até a organização do mobiliário foi influenciada pelo convívio com os pets. Esse aspecto afetivo ilustra como os apartamentos se moldam à rotina familiar.

Figura 18

Organização do mobiliário adaptada à rotina dos animais de estimação, com bilhete “não fechar esta porta do armário”



Além de escolhas individuais, a personalização revelou-se também como um processo de negociação entre os moradores. A entrevistada E12 destacou que, enquanto ela prefere ambientes minimalistas e vazios, seu marido tende a acumular objetos, como instrumentos musicais e bicicletas, o que gera atritos na organização do lar:

Eu gosto de ter menos coisas, um ambiente mais vazio, mas meu marido gosta de preencher os vazios. Ele não se contenta em ter um instrumento, já compra cinco. (E12, docente).

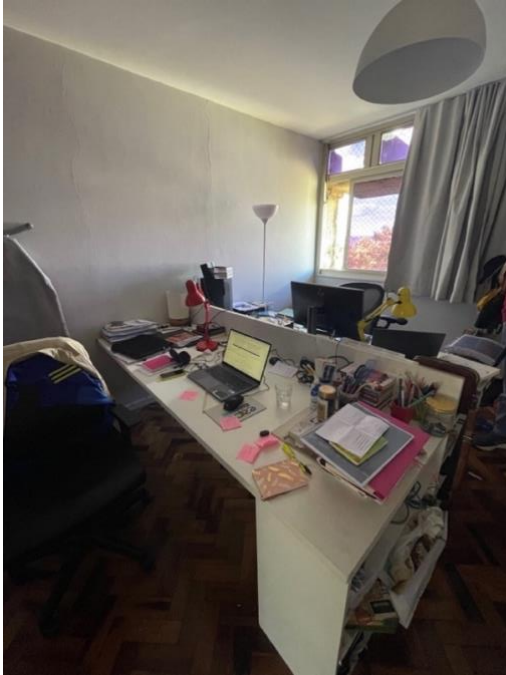
Esse exemplo mostra como a personalização ultrapassa a dimensão estética, tornando-se um campo de disputas simbólicas sobre o uso do espaço. Nos imóveis funcionais, cujas restrições estruturais limitam a amplitude das adaptações, tais diferenças tornam-se mais visíveis e exigem acordos domésticos para viabilizar a convivência.

A criatividade também emergiu em projetos autorais. O entrevistado E11, arquiteto, relatou que desenhou e construiu uma mesa de madeira especialmente para o apartamento, contemplando duas estações de trabalho remoto:

Eu mesmo projetei e construí essa mesa. É grande, com dois lugares de trabalho, para mim e para minha esposa. (E11, docente).

Figura 19

Mesa projetada e construída pelo entrevistado E11, com duas estações de trabalho remoto para o casal de moradores



Em alguns apartamentos, moradores já encontraram alterações feitas por residentes anteriores, como a retirada das portas dos armários, o que acabou facilitando a organização dos pertences, segundo relato de E11. Esses exemplos evidenciam como a personalização também se dá por pequenas escolhas estéticas e funcionais no cotidiano.

Figura 20

Armário modificado por moradores anteriores ao entrevistado E11, com retirada das portas



Figura 21

Pintura das portas de armários realizada pela entrevistada E12



Por outro lado, algumas falas mostraram preferência a não realizar modificações. A entrevistada E10 afirmou sua escolha por preservar elementos originais da década de 1970, como forma de valorização patrimonial: *“Eu prefiro manter os azulejos e o piso como estão, porque fazem*

parte da história desse prédio, são o patrimônio.” Esse olhar revela que a personalização pode significar também a decisão consciente de conservar o existente.

Figura 22

Banheiro da entrevistada E10, preservando os azulejos originais de 1977



Figura 23

Sala da entrevistada E10, com piso de taco original de 1977



Assim, a personalização se expressou em diferentes direções: no cuidado projetado com os animais, em criações autorais, em renovações estéticas e também na valorização da memória material. Entre inovação e preservação, os moradores encontraram formas singulares de se apropriar de seus espaços, revelando a diversidade de significados atribuídos ao morar na SQN 206.

Soluções improvisadas

A ausência de respostas institucionais rápidas e a necessidade de lidar com problemas cotidianos levaram os moradores a desenvolver soluções improvisadas para adaptar o espaço às suas rotinas. Essas práticas evidenciam, de um lado, a resiliência e a criatividade dos residentes e, de outro, as fragilidades da gestão de manutenção, que frequentemente transfere aos indivíduos a responsabilidade por resolver falhas básicas do ambiente construído.

Um exemplo recorrente foi o enfrentamento à presença de pombos nas janelas, relatado por diferentes entrevistados. A entrevistada E6 descreveu a dificuldade de evitar que as aves pousassem nos parapeitos e deixassem sujeira, até que encontrou uma solução inusitada e eficaz:

Os pombos paravam todo dia [na janela], era muita sujeira, sem falar no risco de piolho de pombo. Eu tentei várias coisas, mas nada adiantava. Aí, um dia, coloquei um ursinho de pelúcia na janela e funcionou. [...] É engraçado, mas foi o que deu certo, porque só assim eles pararam de entrar. (E6, servidor UnB).

Figura 24

Solução improvisada com urso de pelúcia por E6 para afastar pombos em sua janela



A Figura acima demonstra essa estratégia, em que o brinquedo é posicionado sobre o parapeito, funcionando como um “espantalho doméstico”, uma forma de controle ambiental que revela como pequenas ações cotidianas se tornam práticas de apropriação.

A presença de pombos também foi mencionada em outras unidades, levando alguns moradores a expressarem humor e ironia diante das limitações de manutenção. Em uma das fachadas, um antigo morador da unidade de E12 fixou no brise a inscrição “Pombal 5 estrelas”, como forma de protesto bem-humorado contra a recorrência do problema e a ausência de soluções

institucionais. Essa intervenção transforma o incômodo em comentário crítico sobre o morar em um imóvel funcional.

Figura 25

Intervenção “pombal 5 estrelas”, realizada por morador anterior à entrevistada E12



Pertencimento ao Lugar

Os relatos mostraram que o sentimento de pertencimento foi construído tanto no interior dos apartamentos quanto nos espaços comuns da quadra. De modo geral, três aspectos principais marcaram esse pertencimento: (2a) o sentimento de lar, ligado ao acolhimento e à adaptação cotidiana; (2b) a identificação com o bloco e a quadra, valorizando o urbanismo e a convivência no Plano Piloto; e (2c) as memórias associadas ao espaço de acordo com as trajetórias familiares.

Sentimento de lar

Para cinco entrevistados (E4, E7, E10, E14 e E15), os apartamentos funcionais se configuraram claramente como espaços de acolhimento e refúgio. Apesar das limitações físicas, os relatos mostraram que a sensação de estar em casa foi considerada fundamental para o bem-estar.

E10 destacou como práticas de cuidado e pequenas transformações pessoais contribuíram para criar esse sentimento:

Eu fui fazendo pequenas mudanças, pintando, cuidando, ajeitando a sala. Eu não espero manutenção externa, eu cuido desse apartamento como se fosse meu. Acho que isso ajuda a me sentir bem, porque do contrário ficaria só esperando a UnB resolver, e isso nunca acontece. (E10, docente)

Já E7 enfatizou a tranquilidade e o uso confortável dos espaços internos, destacando a importância do lar como espaço de descanso:

Eu gosto muito daqui, é tranquilo, silencioso. A sala é onde a gente fica mais, é bem iluminada, então dá aquela sensação de estar em casa mesmo. (E7, cônjuge)

E14 ressaltou a qualidade construtiva, a amplitude dos ambientes e a vista para o verde, fatores que reforçam a sensação de pertencimento e acolhimento:

Não, é excelente. Aqui é sol da manhã [...] ventilação cruzada, que é excelente. A gente pegou a melhor posição possível. [...] Eu gosto dessa vista aqui, eu gosto de pegar o nascer do sol todo dia aqui, eu acordo 5h45 [...] passa arara aqui, adoro isso, então tem essa relação com o exterior, né, eu acho que essa janela em fita proporciona isso maravilhosamente bem. (E14, docente)

Por fim, E15 apontou o silêncio e a calma como elementos decisivos para reconhecer o apartamento como um verdadeiro lar, adequado às suas atividades acadêmicas:

As condições de vida me permitem ter calma para preparar as aulas, para estudar. [...] Precisa ter silêncio, precisa ter calma. Eu mudei para cá, no outro imóvel que eu estava, não tinha as mesmas condições. (E15, docente)

Assim, práticas cotidianas de cuidado, organização e valorização do espaço, aliadas a atributos ambientais como iluminação, ventilação e silêncio, mostraram-se decisivas para ressignificar a transitoriedade do funcional em um verdadeiro espaço de vida.

Identificação com quadra

A identificação com o bloco e a quadra foi mencionada em 10 das 14 entrevistas (E2, E3, E4, E7, E9, E10, E12, E13, E14, E15). Esse pertencimento se expressou em três eixos principais: (a) valorização do urbanismo e da ambiência das superquadras, (b) apreciação das vistas, da arborização e da escala humana, e (c) convivência e redes cotidianas no entorno imediato. E7 valorizou o conjunto arquitetônico e a experiência cotidiana:

Eu acho esse prédio uma joia arquitetônica. A maneira como a quadra se organiza, as árvores, os pilotis, os caminhos faz diferença na vida diária. [...] Gosto de voltar pra casa andando por aqui, ver a escala humana funcionando. (E7, cônjuge).

Um dos elementos mais recorrentes nesse sentido foi a valorização da vista da janela. Em 13 das 14 entrevistas, os moradores mencionaram espontaneamente esse aspecto como a primeira característica positiva do apartamento. Para E14, a vista se tornou não apenas um cenário contemplativo, mas também um espaço de cuidado cotidiano: ela relatou a prática de comprar plantas ornamentais e de organizá-las junto à janela, acompanhada de seu pet.

Figura 26

Vista da janela, mencionada por 13 de 14 entrevistados como aspecto valorizado do apartamento



Nota. Registro enviado pela entrevistada E14 via WhatsApp.

Figura 27

Loja localizada na SQN 206, procurada por moradores para aquisição de plantas



Figura 28

Registro da janela da entrevistada E14, com plantas ornamentais adquiridas na loja local e a presença de seu animal de estimação



A experiência de pertencimento também foi reforçada nos espaços comuns. Pilotis, jardins e áreas externas apareceram como lugares de convivência, caminhabilidade e socialização. Eventos comunitários, como festas e bazares, também foram lembrados como práticas que fortalecem o senso de identidade coletiva e serão explorados em subcategorias mais à frente.

Memórias associadas

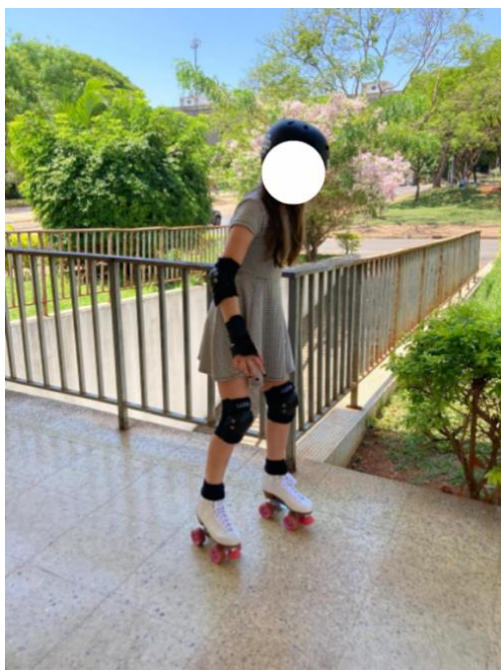
As memórias vinculadas ao espaço apareceram diretamente em 5 das 14 entrevistas, funcionando como reforço importante do pertencimento. Para esses moradores, a quadra não é apenas cenário de moradia, mas parte das suas biografias: lugar onde filhos cresceram, onde experiências de chegada a Brasília se consolidaram e onde rotinas familiares se transformaram em lembranças afetivas.

E10 associa a moradia a um ciclo de vida familiar longo: “Eu moro aqui desde setembro de 2001. [...] Eu cheguei aqui grávida da minha filha e ela vai fazer 24 anos.” Já E7 recordou momentos da infância dos filhos como marcos de sua vida na quadra:

Aqui meus filhos aprenderam a andar de bicicleta. Eles brincavam no pilotis, corriam nos jardins. [...] É um lugar que vai ficar para sempre na memória deles e na minha. (E7, cônjuge).

Figura 29

Criança andando de patins nos pilotis da SQN 206



Nota. Registro fotográfico compartilhado por um participante da pesquisa, preservado o anonimato.

E14 trouxe memórias recentes ligadas à pandemia, quando acompanhou a filha no processo de alfabetização dentro do apartamento.

Esses relatos evidenciam como a SQN 206 se inscreve na biografia dos moradores, associando-se tanto a fases de crescimento familiar quanto a eventos históricos recentes, como a pandemia covid-19.

Apego ao Lugar

O apego ao lugar apareceu em 13 das 14 entrevistas, revelando vínculos emocionais e simbólicos que extrapolam os usos cotidianos e sustentam o desejo de permanência. Essa categoria organizou-se em três dimensões: (3a) o vínculo emocional, expresso no afeto pelo espaço e pela

vizinhança; (3b) a valorização simbólica, em que morar no Plano Piloto é entendido como conquista e prestígio; e (3c) o desejo de continuidade, manifestado na intenção de permanecer no local mesmo diante de limitações.

Vínculo emocional

O vínculo afetivo foi citado em 11 entrevistas, associado ao conforto, segurança e familiaridade construídos ao longo do tempo. A entrevistada E10 sintetizou esse vínculo ao afirmar:

Aqui é o meu lugar. Eu gosto muito da vizinhança, da rotina. Mesmo com os problemas, eu não me vejo saindo daqui tão cedo.

E3 também destacou a relação construída com o ambiente imediato:

Eu já acostumei com tudo aqui. A claridade, o jeito do prédio, os vizinhos que conheço. [...] A gente cria uma relação que vai além do apartamento em si. (E3, cônjuge, 2025).

Essas falas evidenciam que o apego não depende exclusivamente das condições materiais do imóvel, mas está enraizado nas relações cotidianas e nos significados construídos ao longo do tempo.

Valorização simbólica

Em 8 entrevistas, o apego foi expresso como valorização cultural, simbólica e ou pragmática do espaço. Nesse ponto, a fala de E9 foi destacada por articular o pertencimento com o que ele chamou de “privilegio de acesso”:

Eu penso frequentemente [em sair], mas desisto, faço as contas, vejo que é muito privilégio morar aqui, a taxa de ocupação³ é muito baixa. [...] Mesmo pagando a

³ A *taxa de ocupação* é a contraprestação financeira cobrada pelo uso de imóveis residenciais funcionais da União. Diferencia-se do aluguel convencional porque decorre de cessão de uso vinculada à função pública, sendo regulamentada por normas da Secretaria de Patrimônio da

maior taxa, no maior tempo de ocupação aqui, ainda é mais barato do que um aluguel de apartamento idêntico na mesma quadra. Então, é isso, é um privilégio muito grande. (E9, docente).

De modo semelhante, E7 destacou o prestígio de residir em um edifício assinado por arquiteto reconhecido:

Eu não quero sair daqui. É perto de tudo, eu me sinto bem porque é diferente morar na Asa Norte, especialmente numa quadra dessa, com um prédio do arquiteto Marcílio. (E7, cônjuge).

Esses depoimentos revelam que o apego também se ancora na valorização cultural do espaço urbano e na percepção de que a moradia integra um patrimônio arquitetônico coletivo. O apartamento deixa de ser apenas funcional e passa a representar estabilidade, reconhecimento e pertencimento a uma comunidade simbólica.

Desejo de continuidade

O apego também se expressou de forma quase unânime no desejo de permanência. Entre os 14 participantes, 12 afirmaram não se imaginar mudando de moradia, mesmo diante de outras alternativas. No entanto, algumas falas revelaram nuances. E5 apresentou alguma dúvida sobre sua permanência justificada pela sua recente mudança e E2, por exemplo, foi a única a explicitar o projeto de adquirir um imóvel próprio, articulando apego à quadra, mas sem intenção de permanecer indefinidamente no funcional:

A ideia é ficar até a gente conseguir o nosso. Até a gente comprar o nosso. [...] Mas sim, gosto muito da quadra, é uma quadra muito tranquila. (E2, entrevista, 2025)

E15 projetou a continuidade até o fim da vida laboral:

União e, no caso da Universidade de Brasília, por resoluções de seu Conselho Diretor (ex.: Resoluções nº 001/2016, nº 003/2016 e nº 005/2016).

Eu penso em ficar aqui até me aposentar. Eu gosto daqui, já me acostumei com o espaço e com a quadra. (E15, docente).

Como destacado na subcategoria acima, E9 relacionou diretamente o desejo de permanecer às condições econômicas vantajosas de morar em um imóvel funcional e E10, por sua vez, explicitou tanto o pertencimento quanto os limites institucionais e financeiros que atravessam sua experiência:

Eu tenho que sair daqui algum dia, quando eu me aposentar, né? Porque esse apartamento aqui, até o que eu saiba, a UnB não tem uma política de vender estes imóveis. [...] Mas, eu então vou ter que sair daqui algum dia, e eu gostaria de morar num apartamento com varanda, muito próximo daqui, porque a gente se acostuma com essa vizinhança, é perto da UnB, então assim, é muito bem localizado.

O preço do mercado hoje é pelo menos R\$1.500 mais caro do que eu pago aqui. [...] Então é isso que me faz ficar aqui. E outra coisa também, que quando você mora de aluguel, pode ser que a pessoa peça o apartamento, a UnB não vai pedir o apartamento, então a gente fica tranquilo também de saber que só quando eu me aposento. (E10, docente)

Esses relatos reforçam que o desejo de continuidade não se explica apenas pelo custo reduzido da taxa de ocupação ou pela localização privilegiada, mas sobretudo pelo enraizamento afetivo, pelas rotinas e pela identificação com a quadra. Ao mesmo tempo, fica evidente que fatores financeiros e institucionais como o subsídio no valor de ocupação, a tranquilidade de não enfrentar risco de despejo e a impossibilidade de adquirir um imóvel semelhante no mercado privado constituem elementos centrais para a permanência. Nesses casos, o apego combina dimensões emocionais, econômicas e jurídicas, revelando a complexidade do habitar nos imóveis funcionais.

Qualidade de Vida

A qualidade de vida foi uma dimensão que articulou percepções sobre condições ambientais, saúde, lazer e satisfação residencial. De modo geral, seis aspectos se destacaram (4a) o conforto ambiental, marcado por fatores como ventilação, iluminação e presença de ruídos urbanos (Eixão, Eixinho e eventos); (4b) a privacidade; (4c) a segurança, tanto externa quanto interna, abrangendo percepções de tranquilidade, episódios de violência na quadra, preocupações com vulnerabilidade física e medidas de autoproteção; (4d) o bem-estar, físico e psicológico, incluindo preocupações e medos relacionados à parte estrutural da unidade de apartamento, como infiltrações, além da presença de animais peçonhentos e pombos; (4e) a satisfação geral, que sintetiza percepções positivas ligadas à localização, ao custo-benefício e ao vínculo afetivo com a quadra e (4f) o lazer e as viagens, mencionados por todos os participantes como práticas recorrentes que proporcionam descanso e funcionam como marcador indireto de estabilidade socioeconômica.

Conforto ambiental

Iluminação e ventilação

A abundância de luz natural e a ventilação cruzada foram mencionadas em 9 das 14 entrevistas. Esses elementos apareceram como marcadores de bem-estar cotidiano, associados tanto ao conforto físico quanto à sensação de vitalidade no espaço doméstico.

E7 resumiu essa percepção:

O apartamento é muito arejado, entra vento de todo lado. Isso faz diferença para mim, porque não gosto de lugar abafado e eu avaliei isto na hora de visitar e escolher a nossa unidade. (E7, cônjuge)

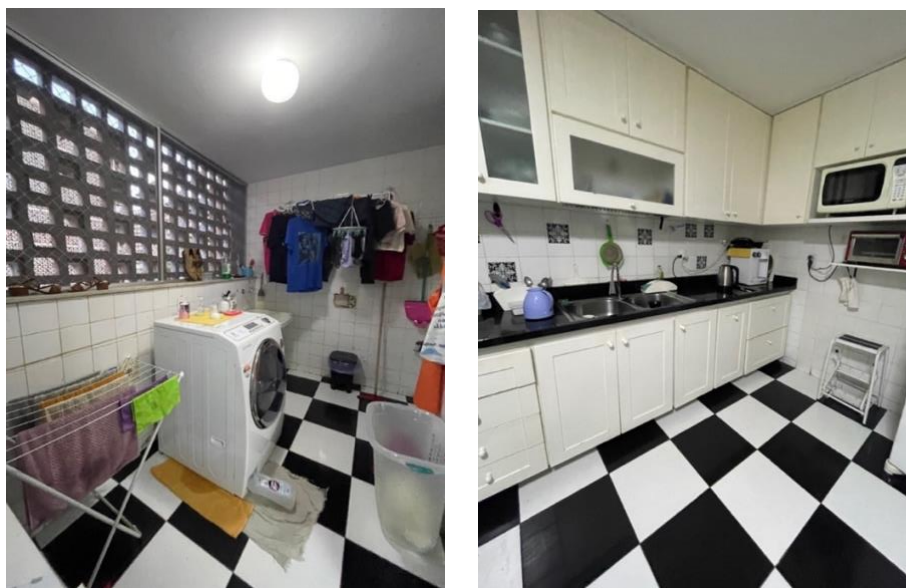
E13 reforçou a mesma ideia, valorizando a vista junto à luminosidade:

A sala tem uma claridade muito boa, e como dá pras árvores, é uma delícia. Eu gosto de ficar ali porque é fresco e iluminado. (E13, cônjuge)

Por outro lado, limitações especialmente em cozinhas, banheiros e áreas de serviço. E1 comentou: *“A área de serviço e a cozinha são escuras”*, reforçando a insuficiência da iluminação natural. E essa mesma insuficiência de iluminação também foi observada por E3, que relatou a dependência da luz artificial para realizar atividades domésticas.

Figura 30

Área de serviço/cozinha de E3 às 15h da tarde (uso de iluminação artificial para tarefas)



Esses contrastes mostram como o conforto é percebido de forma ambivalente devido ao projeto de arquitetura e implantação do edifício: enquanto salas e quartos são valorizados pela ventilação e luminosidade, cozinhas e áreas de serviço revelam questões que afetam o cotidiano.

Ruído

Além disso, o ruído urbano proveniente do Eixão⁴ foi um tema recorrente nas entrevistas, revelando

⁴ O Eixo Rodoviário de Brasília, popularmente conhecido como Eixão, é a via expressa que corta o Plano Piloto no sentido norte-sul. Desde 1991, a via é fechada aos domingos e feriados para

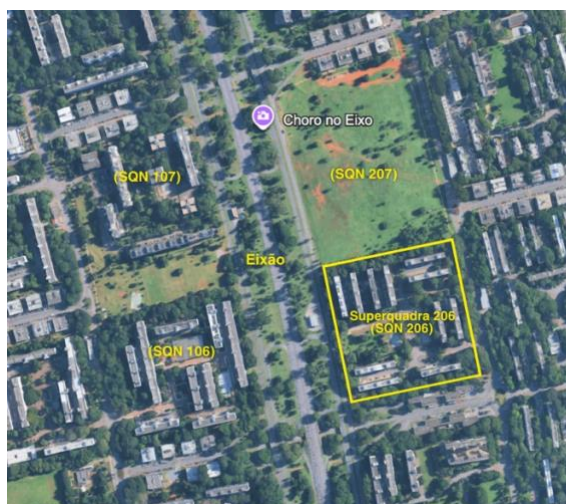
percepções distintas entre os moradores. Os relatos revelaram percepções distintas: para alguns moradores, representa incômodo diário; para outros, um ganho em termos de lazer e vida cultural.

A entrevistada E14 detalhou o impacto negativo do barulho dentro de sua unidade:

Então, de apartamento, o que acontece? Tem o ruído todo domingo, né? O eixão tá aqui e ele toca dentro de casa, assim, né? Então, se eu quero ver uma série, se eu quero ler um livro, se eu quero estudar, se eu quero fazer qualquer outra coisa que não seja ouvir a música do eixão, eu não consigo fazer adequadamente. Nem na sala, se fechar tudo não dá. Não, não. Porque, até assim, não tem estanqueidade o suficiente nas esquadrias e passa tudo, né. (E14, docente).

Figura 31

Localização da SQN 206 em relação ao Eixo Rodoviário Norte–Sul (Eixão) e quadras vizinhas



Nota. Imagem elaborada pela pesquisadora a partir de captura do *Google Earth*.

O entrevistado E11 destacou que os eventos realizados no Eixão, em especial os shows de domingo, representam forte incômodo sonoro:

práticas de lazer, iniciativa que foi posteriormente consolidada pela Lei Distrital nº 4.757, de 7 de fevereiro de 2012 (Distrito Federal, 2012).

Incomoda sobretudo nos finais de semana, não é nem por ele estar fechado, que é uma coisa que sempre teve, é porque transformaram o eixo num lugar de show de choro. E o show começa domingo 8, 9 horas da manhã, vai até 6 horas da tarde, shows o dia inteiro, com caixa de som voltada pra cá. É o dia inteiro de barulho. O incômodo nosso é relativo, mas nesse bloco tem uma professora que a filha tem TEA, e para a menina isso é um problema seríssimo. Ela não aguenta, chora, e a mãe já reclamou várias vezes. (E11, docente).

E12 explicou que o impacto do ruído varia de acordo com a posição do apartamento dentro do bloco:

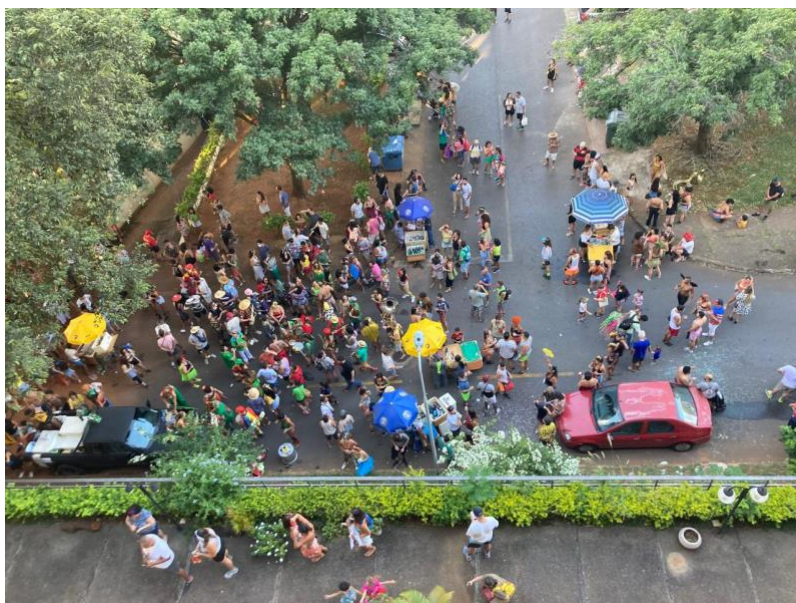
A suíte que é a parte, é o único quarto com suíte, ela é voltada para a área de estacionamento. Nós dormíamos lá e eu desisti, eu mudei para um outro quarto que não tem banheiro, justamente por causa do barulho, principalmente de manhã cedo. Chega os funcionários da limpeza, as pessoas conversam muito no estacionamento, barulho de carro entrando e saindo da garagem. Aí não dava. Agora eu durmo em outro quarto, que é muito silencioso. Aqui desse lado escuto cachorro e instrumentos do vizinho, mas não incomoda, é tranquilo. (E12, docente).

Já a entrevistada E10 ressaltou o valor simbólico e afetivo do Eixão e dos eventos culturais: O apartamento é ótimo, o prédio é lindo [...] a quadra é muito boa, a localização dela, o que tá acontecendo em volta, o eixão do lazer, sabe, assim, tudo perto. Muito legal aqui. Então ainda tem o eixão do lazer aqui com o choro, a música assim, e a parte mais legal e mais concentrada do eixão é bem aqui, em frente à 7. (E10, docente).

Assim, o Eixão e eventos culturais próximos se apresentam como símbolos ambivalente da experiência residencial: para alguns, uma fonte de incômodo; para outros, uma oportunidade de lazer, cultura e valorização urbana conforme demonstra a figura 32 abaixo.

Figura 32

Movimentação na SQN 206 durante o carnaval



Nota. Registro enviado pela entrevistada E14 via *WhatsApp*.

Privacidade

Os relatos sobre privacidade demonstram como a presença de brises, janelas amplas e proximidade entre blocos pode favorecer situações de proteção ou exposição, exigindo estratégias de controle visual e comportamental.

A entrevistada E5 relatou que precisou adotar soluções de controle após perceber o risco de exposição entre apartamentos, especialmente enquanto aguardava a instalação das cortinas:

Enquanto as cortinas ficavam prontas, eu precisei improvisar alguma coisa porque eu sabia que se o meu vizinho se dispusesse a fazer esse movimento, ele também

veria dentro do meu quarto, assim como se eu me dispusesse, eu veria o dele. (E5, docente).

O tema também apareceu em situações de invasão mais direta. A entrevistada E3 narrou um episódio marcante em que se sentiu exposta dentro de seu próprio banheiro:

Eu saí de toalha desse banheiro [...] e lá do outro lado tinha os meninos da obra trabalhando no primeiro andar. Na hora que eu entrei no quarto de toalha, o cara olhou assim pra mim. [...] Outra vez eu entrei só de roupa íntima, e aí você fica com essa sensação de que pode ter sido vista. [...] A minha colega [do outro bloco] disse: 'eu sei tudo o que você faz, eu sei que horas você levanta, eu sei quando você está trabalhando, porque ela mora de frente'. [...] Basta ter alguém conhecido pra te contar, senão você nunca ia saber. Dá pra ver tudo. (E3, cônjuge).

Já E2 destacou a ausência de visibilidade direta entre apartamentos:

Eu acho o isolamento do apartamento bom [...] A nossa vista é livre. [...] É bem iluminado, mas os vizinhos não têm visão direta. (E2, cônjuge).

Esses relatos mostram que a privacidade não é vivida de maneira homogênea: depende da orientação das janelas, da presença de brises, do uso de cortinas e da proximidade com vizinhos ou trabalhadores externos. Essa ambivalência revela como a experiência de morar oscila entre o desconforto da exposição e a valorização do resguardo, compondo uma dimensão fundamental da qualidade de vida.

Segurança

A segurança foi um aspecto recorrente nas entrevistas, articulando experiências concretas de violência, percepções críticas de risco e sentimentos de tranquilidade. E1 relatou ter sofrido uma tentativa de assalto durante um passeio com os cachorros no período da noite, associando o episódio à falta de iluminação e ao descuido da vegetação no entorno:

Eu sofri uma tentativa de [assalto] aqui em cima, estava andando com meus cachorros, esse dia já estava escuro, mas era tarde não, era nem oito horas [...] um rapaz me abordou, pediu um celular [...] eu gritei também, socorro, aí eu corri mesmo. [...] É exatamente a sala aberta, as árvores, o mato que tem ali [...] então precisava fazer uma tora nessas árvores aí. (E1, docente)

E2, policial, ofereceu uma visão baseada em sua experiência profissional. Para ela, embora a quadra aparente tranquilidade, há falhas graves que fragilizam a segurança, como porteiros sem treinamento, entrada liberada para desconhecidos e precariedade da iluminação. Além disso, destacou o aumento da presença de pessoas em situação de rua circulando pela quadra:

Porque pelo fato de ser policial, acho que a gente sempre acha que nada está tão seguro quanto deveria estar. [...] O pessoal que trabalha no guarita, eles não têm um curso de fato ali pra estar ali. Então, se acontecer alguma coisa aqui, então todo mundo descobre. [...] Eu acho perigoso, assim. Principalmente a questão da iluminação. Às vezes está tudo apagado [...] tem muito trânsito de morador de rua [...] não digo que sejam pessoas perigosas, mas a gente não conhece, né? [...] Eu acho que já foi mais segura. (E2, cônjuge)

E3 trouxe uma percepção marcada por ambiguidades: por um lado, afirmou se sentir relativamente segura por não ter vivenciado episódios diretos; por outro, relatou situações de gritos noturnos que sugeriam brigas, o receio de vulnerabilidade nas áreas externas e até pesadelos relacionados à possibilidade de invasão de sua unidade. Como medida preventiva, instalou telas de proteção nas janelas:

Olha, aqui na frente tem essa florestinha, agrofloresta e tem o gramado. [...] já aconteceu de madrugada a gente escutar uns gritos. Já escutei gritos [...] como se estivesse brigando com alguém, entende? [...] Já tive até pesadelo nesse sentido, de

estar dormindo e ter a sensação de que tinha alguém entrando pela janela do apartamento. [...] Ainda bem que eu coloquei essa tela de proteção, porque também, às vezes, a gente fica pensando assim, né? Porque dá pra subir e entrar.

(E3, cônjuge)

Por outro lado, E9 contrapôs essa percepção ao afirmar que considera a quadra segura e menciona a existência de uma “cultura do medo” alimentada por relatos e vídeos compartilhados entre moradores:

Eu particularmente sim, acho que há uma volta e meia, aparecem alguns relatos, o pessoal fala alguma coisa, compartilha vídeo [...] cultura do medo [...] mas eu particularmente acho muito tranquilo, acho níveis de segurança absurdos, não sinto nenhum tipo de receio em relação a isso.” (E9, docente)

Além dos relatos de furtos e invasões, a segurança foi associada também ao funcionamento precário das portas de acesso internas. A entrevistada E12 relatou que a fechadura da prumada de seu andar não funciona, obrigando moradores a deixarem a porta aberta durante o dia:

Me incomoda a questão da segurança mesmo, porque não funciona o sistema de abertura da fechadura da minha prumada, porque tem algum problema na fechadura mesmo, que não funciona. [...] Eu sempre peço para alguém abrir, ou de dia eles deixam destrancado, o que é um problema, perigoso. (E12, docente)

Surgiram falas sobre riscos estruturais que também afetam a sensação de segurança, como relatado por E2:

Do nosso prédio é a questão mais importante mesmo. A questão da reforma da garagem. Porque eu estou vendo ela cair em cima de algum carro. Sério. E além da garagem, o pessoal reclama muito nos primeiros andares da questão do voltar a água da caixa de gordura. Volta na pia. E num da casa das pessoas. (E2, cônjuge)

Esses depoimentos indicam que a segurança é sentida de forma múltipla, abrangendo riscos urbanos, estruturais, institucionais e simbólicos. Com base em autores que discutem o habitar e suas dimensões perceptivas e afetivas, as subcategorias foram organizadas em quatro dimensões interdependentes, conforme a Tabela 6.

Tabela 6

Dimensões e aspectos de segurança identificadas nas entrevistas

Dimensão de segurança	Aspecto analisado	Descrição
Física e ambiental	Percepção de vulnerabilidade	Medo ou preocupação diante de situações de risco, furtos ou presença de estranhos na quadra. Inspirada em Caldeira (2000), que analisa o medo da violência e o enclausuramento urbano como resposta à insegurança, e em Jacobs (1961), que defende a vitalidade e o olhar social como formas de proteção nos espaços públicos.
Estrutural e material	Falhas em equipamentos de acesso	Problemas em fechaduras, interfones e portarias que afetam a confiança no ambiente construído, associando a sensação de segurança à previsibilidade e confiabilidade do ambiente que tratam da segurança como atributo de qualidade ambiental percebida (Elali e Pinheiro, 2013; Bonnes e Bonaiuto, 2002).
Institucional	Fragilidade na gestão e controle de acesso	Falta de treinamento de porteiros, manutenção precária e comunicação deficiente com a gestão universitária. Relaciona-se à visão de Ornstein (2016), para quem a gestão e a manutenção são determinantes da confiança do usuário, e de Rheingantz e Pedro (2016), que abordam a

Psicológica e simbólica	Estratégias de proteção e tranquilidade	segurança institucional como efeito da mediação entre gestão e moradores. Ações preventivas, como reforço de trancas ou telas, associadas à busca de serenidade e estabilidade emocional. Dialoga com Lewicka (2011), que identifica a segurança como componente afetivo do apego ao lugar, e com Pallasmaa (2006), que entende o lar como abrigo existencial e extensão do corpo.
-------------------------	---	---

As falas dos moradores demonstram que o sentimento de segurança vai além da ausência de risco físico. Ele envolve confiança ambiental, previsibilidade e estabilidade afetiva que são elementos centrais da experiência de habitar (Elali & Pinheiro, 2013). As estratégias relatadas, como instalar telas ou apoiar-se em vizinhos, mostram como a segurança é também uma forma de apropriação e cuidado com o espaço, revelando o que Pallasmaa (2006) chama de segurança existencial. Nesse sentido, o lar torna-se um mediador entre o medo externo e a necessidade de proteção interna, ou, nas palavras de Lewicka (2011), um espaço de continuidade e familiaridade que sustenta o apego e o pertencimento.

Bem-estar

O bem-estar dos moradores foi impactado não apenas pelas condições subjetivas de conforto e rotina, mas também por ameaças concretas à saúde e à segurança dentro dos apartamentos. Três aspectos principais foram recorrentes nos relatos: (a) infiltrações e falhas estruturais, (b) presença de animais peçonhentos e (c) riscos associados aos pombos.

Infiltrações e falhas estruturais

Alguns episódios de infiltração trouxeram desgaste emocional e sensação de insegurança. A entrevistada E2, moradora do último andar de seu bloco, descreveu em detalhe um alagamento:

Eu estava deitada, coberta, e comecei a sentir um pingo em cima de mim. Quando olhei para cima, a luminária estava tomada de água. Foi desesperador, fiquei chateadíssima. A gente tinha acabado de trocar de cama e molhou tudo. Tive que colocar um balde em cima da cama para parar de pingar, uma verdadeira humilhação. No fim, a gente ainda precisou afastar a cama para o canto, porque a luminária fica bem no centro do quarto. (E2, cônjuge).

Figura 33

Registro de alagamento por chuva, relatado pela entrevistada E2



Nota. Registro enviado pela entrevistada E2 via WhatsApp.

Além do medo imediato, a precariedade estrutural reforçou a percepção de vulnerabilidade, mostrando como falhas de manutenção ultrapassam o desconforto material e atingem diretamente o bem-estar psicológico.

Animais peçonhentos

Dos 14 entrevistados, quatro relataram efetivamente encontrar escorpiões dentro dos apartamentos ou áreas comuns (E3, E4, E6, E7), além de outros que expressaram preocupação indireta (como E5).

E6 descreveu um episódio de aparição de escorpião em sua unidade:

Aqui já apareceu escorpião na área de serviço. Eu fiquei em pânico, porque não sabia de onde tinha vindo. Agora olho todo dia antes de entrar. (E6, servidora técnica UnB).

E4, por sua vez, expressou o medo recorrente desse tipo de situação, recordando inclusive casos de vizinhos:

Já acharam escorpião no bloco. Eu mesma já encontrei um dentro de casa. Fico sempre preocupada, porque sei de gente que foi picada aqui na quadra. Então eu vivo com esse medo, ainda mais tendo criança em casa. (E4, cônjuge).

Além da presença dentro das unidades, a garagem foi mencionada como espaço de risco. E3 afirmou:

Eu não gosto de descer na garagem sozinha. É escura, tem muita sujeira, é moradia de bicho: escorpião, lacraia. Dá medo, eu evito sempre que posso. (E3, cônjuge).

Presença de pombos

A presença constante de pombos foi relatada em quatro entrevistas, trazendo preocupações que ultrapassaram o incômodo cotidiano e chegaram a afetar diretamente a saúde e a percepção de bem-estar. E3 descreveu um episódio grave envolvendo sua filha:

Minha filha teve alergia por causa de piolho de pombo. Tivemos que levar ela ao médico e ele confirmou que era isso mesmo. Ela ficou cheia de manchas no corpo e coçando muito, principalmente à noite. O médico passou remédio para controlar a alergia, mas eu fiquei apavorada. Desde então vivo preocupada, porque sei que pode acontecer de novo. Eu limpo sempre, mas não adianta, porque os pombos continuam aqui no bloco.

Já E6, que anteriormente relatou uma estratégia improvisada para afastar os pombos (cf. seção 3.2.1.3 Soluções improvisadas), também reforçou o incômodo diário e o risco de contaminação associado à presença das aves. E esses relatos mostram que o convívio com os pombos foi recorrente e gerou tanto estratégias criativas individuais quanto desgaste emocional e riscos de saúde.

Satisfação geral

Quando questionados sobre sua satisfação em morar nos apartamentos funcionais da SQN 206, todos os 15 entrevistados responderam afirmativamente. As justificativas variaram entre aspectos objetivos como custo-benefício e dimensões subjetivas ligadas ao apego ao lugar, à rotina e à qualidade de vida. E10 relatou de forma detalhada os aspectos que considera positivos em sua experiência residencial:

Essa sala, com essa luz, é o lugar que eu mais gosto da casa. Eu amo tomar café da manhã aqui, com o sol entrando. Acho lindo, bom para as plantas e para o nosso dia.

O apartamento é ótimo, o prédio é lindo, é um projeto marcante, de uma arquitetura bem feita, diferente de muitos lugares. Além disso, é perto de tudo, muito bem localizado. Eu sei que um dia vou ter que sair, quando me aposentar, mas eu não tenho vontade. Aqui é o meu lugar, eu cuido desse apartamento como se fosse meu. (E10, docente).

Ela também destacou o fator financeiro como central para sua satisfação:

Eu pago mais baixo do que o preço de mercado. O condomínio é caro, mas a taxa de ocupação é subsidiada, então compensa. Se fosse alugar, eu pagaria pelo menos R\$ 1.500 a mais por mês. E aqui tenho a tranquilidade de saber que só preciso sair quando me aposentar. Isso dá segurança. (E10, docente).

De forma semelhante, E12 reforçou o equilíbrio entre limitações e ganhos:

Eu gosto de morar aqui. O apartamento tem tudo o que eu preciso. Eu já pensei se valeria a pena sair, mas não vejo outro lugar que ofereça a mesma qualidade de vida, pelo preço que pago aqui. Mesmo com alguns problemas de manutenção, eu acho que o saldo é muito positivo. Aqui é silencioso, tem árvores, é perto da UnB. Eu me sinto bem, me sinto parte do lugar. (E12, docente).

Já E15, de maneira breve, afirmou que pretende permanecer no apartamento até a aposentadoria, associando sua satisfação à familiaridade com a quadra e à estabilidade construída ao longo dos anos. Esses relatos mostram que a satisfação geral não se reduz ao custo-benefício, mas envolve o sentido de pertencimento e a qualidade de vida proporcionados pela quadra, transformando os apartamentos funcionais em espaços de permanência desejada.

Figura 34

Foto compartilhada por E14 como exemplo de lazer associado à satisfação residencial

**Lazer**

Todos os entrevistados relataram realizar, ao menos anualmente, deslocamentos voltados ao lazer, descanso ou ao convívio com familiares e amigos. Essas práticas foram associadas à manutenção do equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, além de representarem uma dimensão de bem-estar subjetivo.

A entrevistada E7 destacou que as viagens em família são parte essencial de sua rotina:

A gente sempre viaja, pelo menos uma vez no ano. Geralmente no meio do ano a gente vai para a praia, porque é um momento de descansar, de deixar as crianças livres, de aproveitar juntos. [...] Eu considero fundamental, porque é quando realmente a gente consegue se desligar daqui, do trabalho, e viver outras experiências. (E7, cônjuge)

Em outros casos, a frequência das viagens foi percebida como excessiva, chegando a se tornar objeto de reflexão. E10 relatou que a família costuma viajar constantemente, para lazer, congressos ou visitas:

Nossa, a gente viaja muito. [...] Ano passado fomos para o Peru, depois eu fui para a Itália duas vezes, em congresso em Siena, depois Pirenópolis, Chapada, Minas com a minha mãe. [...] Também vamos a São Paulo visitar uma prima. Então, a gente realmente viaja para valer. (E10, docente)

Entre os que não são originalmente de Brasília, as viagens para visitar familiares ocupam lugar central. E11 contou que costuma se deslocar regularmente para rever parentes:

Eu viajo para ver minha família, vou muito para o interior, é sempre por causa deles. Não é só lazer, é mais por esse lado de manter o vínculo. (E11, docente)

De forma semelhante, E4 e E14 relataram viajar para os estados de origem e para a família do cônjuge:

A gente viaja no mínimo duas vezes por ano. [...] Seja perto ou para o Sul, sempre vamos visitar minha família e a família do meu marido que mora lá. (E4, cônjuge)

Recentemente a gente foi para o Rio Grande do Sul, por família e por lazer. Eu sou do Espírito Santo, então também vamos a Vitória, aniversário da minha mãe. No próximo ano devemos voltar ao Japão, onde nos conhecemos. A gente viaja por família e viaja por lazer. (E14, docente)

Esses relatos evidenciam que as viagens cumprem dupla função: representam momentos de descanso e diversão, mas também mantêm vivos o apoio familiar em outros locais. Ao mesmo tempo, revelam um padrão relativamente homogêneo entre os moradores em relação à estabilidade financeira, já que todos relataram ter acesso a práticas de lazer que envolvem deslocamentos regulares.

Gestão Institucional (SPI/UnB)

As falas dos moradores destacaram a relação com a gestão institucional da UnB como fator determinante da experiência de morar em imóveis funcionais. Três dimensões principais se sobressaíram: a comunicação, frequentemente descrita como burocrática e ineficaz; a manutenção, lembrada por longas esperas, serviços precários e improvisos por parte dos moradores; e as percepções de desigualdade, especialmente em comparação com blocos particulares.

Comunicação

Todos os entrevistados afirmaram enfrentar dificuldades para se comunicar com a Superintendência de Patrimônio Imobiliário (SPI/UnB), responsável pela gestão dos imóveis. As críticas se concentraram na ausência de informações claras sobre regras, prazos ou procedimentos.

E4 exemplificou:

A gente nunca sabe direito com quem falar. Manda e-mail, demora semanas para responder, às vezes não responde. Quando responde já passou o prazo. É sempre assim, parece que a gente está correndo atrás e nunca consegue resolver nada. (E4, cônjuge).

A entrevistada E7 reforçou essa percepção ao afirmar:

Tudo é muito burocrático, sempre pedem papel, carimbo, protocolo. Parece que a gente está pedindo favor, e não é, a gente mora aqui. (E7, cônjuge).

De forma semelhante, E10, cuja entrevista completa está transcrita no apêndice, sintetizou o desgaste recorrente em lidar com a instituição:

Eles nunca dão retorno. Você protocola, espera, e fica sem resposta. Parece que não existe um canal de comunicação direto, tudo se perde no meio do caminho. E isso desanima, porque a gente precisa resolver coisas simples e acaba deixando pra lá. (E10, docente).

Essas falas revelam um contraste marcante: apesar da existência de resoluções e normativas da UnB que regulamentam ocupação, taxas e responsabilidades administrativas como a Resolução do Conselho Diretor nº 001/2016 e suas atualizações (Universidade de Brasília, 2016a, 2016b, 2019), os moradores percebem que tais normas pouco influenciam na rotina prática de comunicação e resolução de demandas.

Manutenção

As entrevistas revelaram forte insatisfação com a gestão da manutenção dos imóveis funcionais. Todos os moradores relataram experiências de demora, ausência de resposta ou serviços considerados precários, o que frequentemente os levou a buscar soluções por conta própria. E12 destacou como o padrão entregue pela UnB não atendia às necessidades básicas de conforto e conservação:

As luminárias eram aquelas de prato que acumulam bicho, então escurece mais ainda o ambiente. A gente teve que trocar tudo para ter iluminação decente. [...]
Nos armários também, os da cozinha eram antigos, só que não estavam em péssimas condições, então eu mudei só a parte de fora, mas nos quartos ainda estão muito velhos, não fecham direito. É um improvisado atrás do outro. (E12, docente).

E2 relatou sua insegurança diante de uma infiltração grave que não foi resolvida:
Já teve infiltração desde o começo. Eu liguei, abri chamado, vieram aqui olhar, disseram que iam resolver e nada. Aí passa um tempo, vem de novo, olha de novo, fala que vai voltar, e a gente continua com o problema. Eu fico sem saber se um dia vão resolver mesmo. (E2, cônjuge).

E11 reforçou a sensação de cansaço diante da espera:

A gente cansa de esperar. Porque quando precisa de alguma coisa, a manutenção não vem. Você fica pedindo, pedindo, e nada acontece. Então a gente vai dando um jeito, mas não era para ser assim. (E11, docente).

Além da demora nos atendimentos, surgiram críticas à qualidade dos serviços prestados.

E14 descreveu a frustração após uma obra considerada insuficiente:

Quando a gente chegou, o apartamento já tinha passado por uma renovação. Mas pouco tempo depois tivemos problema de vazamento. A empresa responsável veio, fez um serviço que ficou muito a desejar, e tivemos que refazer por conta própria a recuperação do gesso e da pintura. Se fosse esperar por eles, estaríamos até hoje com o problema. (E14, docente).

E5 acrescentou problemas elétricos que aumentam a sensação de precariedade:

Aqui a parte elétrica é complicada. Já queimou tomada, já deu curto enquanto meu filho estava tomando banho. (E5, docente).

Figura 35

Banheiro do entrevistado E11 após reforma e substituição de azulejos originais pela SPI/UnB



Esses relatos ilustram um padrão comum: a manutenção institucional aparece como tardia, insuficiente ou ineficaz, fazendo com que os moradores assumam custos e improvisos para assegurar a habitabilidade de seus apartamentos. Esse quadro contrasta com normativas como a Resolução nº 005/2016 do Conselho Diretor da UnB, que estabelece a responsabilidade da Fundação Universidade de Brasília pela conservação dos imóveis funcionais (Universidade de Brasília, 2016c). Na prática, os moradores percebem que tais dispositivos não se traduzem em ações concretas, reforçando a sensação de abandono institucional.

Percepções de desigualdade

As entrevistas evidenciaram uma percepção recorrente de desigualdade entre blocos funcionais e blocos particulares, especialmente no que se refere à conservação estrutural e à gestão cotidiana.

E4, que já havia morado em um bloco particular antes de se mudar para o funcional, destacou esse contraste:

Eu já morei em um [bloco] particular. [...] Um bloco totalmente limpo, bem cuidado, isso. [...] A manutenção de elevador mais novo, da garagem toda iluminada, limpa. [...] Limpa no sentido de clean, de iluminada, ventilada. Essa parte mais estrutural mesmo falando. (E4, cônjuge).

Na mesma direção, E1, representante de bloco funcional, reforçou que a diferença também é visível externamente:

O prédio é antigo, mas tem algumas coisas que mesmo de fora você consegue ver. [...] Você vê que tem uma diferença muito grande de conservação entre aqui e os particulares. [...] Principalmente nos blocos da UnB, tem muita gente que não dá valor, que acha que é da UnB, não precisa cuidar, não é seu. [...] A gente vê floreira virando depósito, sapateira feita de caixa de feira furando as pastilhas históricas, ar-

condicionado instalado com buraco na parede, sem fiscalização. E aí o patrimônio vai sendo destruído. (E1, docente).

Esse contraste também se expressa dentro de um mesmo edifício. E12 relatou que uma unidade de seu bloco foi vendida e transformada em particular, acentuando a disparidade:

A gente tem até um apartamento aqui que foi vendido, de uma arquiteta, e a diferença é gritante. [...] No mesmo prédio, parece outro mundo. (E12, docente).

De forma semelhante, E14 ressaltou a valorização simbólica e arquitetônica dos blocos particulares vizinhos, citando inclusive o reconhecimento do CAU/DF:

Os particulares, eu acho que eles são diferentes. Tem um aqui na frente que não é da UnB e recebeu aquele selo do CAU, sabe? Isso mostra como eles são mais valorizados. [...] Os elevadores [daqui] estão muito precários, [...] a infraestrutura do edifício está muito precária. Talvez eu pensasse que falta até um salão de festas. [...] Você quer celebrar, fazer qualquer coisa, não tem onde fazer isso que não seja no seu próprio apartamento. É uma quadra que merecia ser melhor cuidada, né, mas não existe um consenso aqui pra trabalhar essa melhoria, então a gente vai aceitando o que vai vindo. (E14, docente)

Além das diferenças de conservação, emergiram também percepções de desigualdade ligadas ao modelo de gestão. A entrevistada E13 relatou a transição de seu bloco para regime de condomínio, com aumento dos custos e novas preocupações com segurança:

Como aqui virou condomínio agora, que não é mais da [UnB], a gente não paga mais taxa de ocupação. A gente paga condomínio. Subiu bastante o valor, inclusive. [...] A gente tá conversando bastante com o novo síndico por essas e outras questões de segurança. [...] Teve relatos de que invadiram o bloco E e roubaram bicicletas. (E13, docente).

Esse quadro dialoga com as tentativas recentes da Universidade de Brasília de revisar a administração dos imóveis funcionais. Em 2023, a Resolução CAD nº 0029/2023 dispôs sobre a gestão dos edifícios residenciais por administração de compossuidores, modelo que buscava transferir parte da responsabilidade aos próprios moradores organizados coletivamente. Contudo, em maio de 2025, a medida foi revogada pela Resolução CAD nº 0017/2025, restabelecendo à Universidade a responsabilidade direta sobre esses imóveis (Universidade de Brasília, 2023; 2025).

Interação com a Vizinhaça

As interações entre vizinhos revelaram múltiplas formas de convivência, oscilando entre proximidade e distanciamento. De modo geral, três subcategorias sintetizam essa experiência: o contato cordial, marcado por cumprimentos e relações discretas; os conflitos, associados principalmente ao barulho e ao uso dos espaços comuns; a cooperação comunitária, que inclui desde pequenas ajudas cotidianas até a organização de bazares, festas e melhorias coletivas nos blocos e o uso dos espaços comuns do bloco e da quadra.

Contato cordial

As interações entre vizinhos revelaram múltiplas formas de convivência, oscilando entre proximidade e distanciamento. A entrevistada E3 destacou que as relações dentro do bloco são marcadas pelo distanciamento, ainda que haja aproximações mediadas pelas crianças:

Os vizinhos da gente aqui eles são bem fechados, sabe? [...] Eu acho a relação aqui bem distante, né? Eu acho bem distante, pessoal. Já na quadra eu já consegui descendo como eu tenho filha. A minha filha foi brincando com as filhas de outras pessoas. Então, assim, aí a gente conseguiu construir uma amizade, uns grupos de amizade, né? (E3, cônjuge).

O entrevistado E9 interpretou a convivência como cordial, mas distante, associando esse comportamento ao perfil urbano de Brasília:

Aqui cada um fica no seu apartamento. Eu cumprimento, digo bom dia, boa tarde, mas não passa disso. Acho que isso é da classe média em Brasília, esse jeito mais fechado, cada família no seu espaço. Não é que tenha problema, é natural, faz parte do jeito daqui. (E9, docente).

Conflitos

O tema dos conflitos apareceu associado principalmente ao barulho, à convivência com animais de estimação e ao cuidado com os espaços coletivos. Esses episódios revelam tensões cotidianas que ultrapassam as paredes dos apartamentos, tornando-se parte significativa da experiência residencial nos imóveis funcionais.

A entrevistada E3 relatou um episódio recente de conflito com a vizinha do andar inferior, que a acusou de produzir barulho no meio da noite. O relato revela tanto o desconforto vivido quanto a expectativa de que a pesquisadora pudesse intervir na situação:

Essa semana mesmo. Só que até agora eu estou tentando descobrir de onde que veio essa queixa. Essa semana, a vizinha daqui de baixo mandou uma mensagem meia noite e meia, foi de sexta para sábado, mandou uma mensagem reclamando de sapato. Alguém caminhando de sapato dentro do apartamento. De cadeira arrastando. E aí eu não entendi. Porque nós estávamos dormindo. Então de onde que ela poderia estar escutando esse barulho? Daqui desse apartamento não era. Absolutamente. Eu não consegui entender. É meio fantasmagórico. [...] E quando ela colocou a queixa ela não direcionou para nenhum apartamento. Mas a gente se incomodou. Porque quem mora em cima é a gente. A gente se preocupou. Então devia estar vindo de alguma lateral. [...] Se você for conversar com a vizinha do andar de baixo, já aproveita e fala para ela, se ela participar da entrevista. Eu fiquei assim, a gente não tem nada a ver com a história. (E3, cônjuge).

E14 relatou sua experiência conflituosa com uma vizinha que frequentemente a acusa de produzir barulho:

Temos uma vizinha embaixo que ela é estressada [...] ela acha que a gente tá fazendo barulho o tempo todo. Já aconteceu, a gente tá dormindo, ela reclama da gente. Então, assim, é porque é um edifício que não tem muita estanqueidade quanto ao ruído. [...] Então, assim, aí a gente virou a cruz de todo mundo. A gente tem problema com a vizinha de baixo complicado, né? É, por conta disso. Ela grita, grita, grita, grita. Às vezes xinga, xinga, xinga, xinga. E eu tenho uma filha pequena. Aí a gente tem que explicar, né? Então, filha, é isso. Ela não escolheu ser assim, mas a condição dela é essa. Mas ela implica muito com a gente, muito. Desde que a gente se mudou, ela é o calo do nosso [...] Então, assim, talvez o nosso barulho, que eu não considero, eu acho que é barulho da vida, né? A gente acaba sofrendo pressão, né? Assédio da vizinha, da mãe. (E14, docente).

Além do barulho, conflitos emergiram também em torno do convívio com animais de estimação. A entrevistada E12 descreveu as queixas da vizinha relacionadas ao seu gato como um “abuso de vizinhança”:

Para não incomodar, eu coloquei tela, mas mesmo assim, quando a gente começou a ter o gato, ele miava mais antes de ser castrado. A vizinha do lado reclamava, dizia que a filha tinha trauma. Eu cheguei a pedir desculpas, mas achei isso super abuso de vizinhança. [...] Acho que é preconceito contra gato, porque quando é cachorro ninguém reclama. (E12, docente).

Além dos barulhos, conflitos também surgiram em torno do cuidado com os espaços coletivos. E1 narrou um episódio envolvendo o jardim:

No começo, quando as pessoas não viam o que a gente estava fazendo, o que era a intenção, todo mundo ia dar palpite. [...] Aí uma moradora de outro bloco veio falar: ah, vocês estão arrancando as plantas? Porque é tão bonito quando eu passo [...]. Aí eu falei, mas, então, quando você fala de longe, pode até parecer legal, mas quando as pessoas chegarem perto você vai ver, aí ali está cheio de lixo, cheio de mato, é tudo irregular, se alguém entrar ali, pode se machucar, pode ter algum bicho. Falou algumas vezes, aí na terceira vez, eu perdi minha paciência. (E1, docente).

Esses relatos mostram que, embora a convivência na SQN 206 seja em geral cordial, tensões ligadas a barulho, animais de estimação e uso dos espaços comuns atravessam o cotidiano e revelam os limites da vida comunitária nos blocos funcionais.

Cooperação comunitária

A cooperação entre moradores foi lembrada como uma forma importante de manter a vida comunitária nos blocos, seja em pequenas ações do dia a dia, seja na organização de eventos coletivos. A entrevistada E1 destacou seu envolvimento direto na gestão do bloco, com atenção especial ao jardim e à realização de bazares para arrecadar recursos:

Eu acabei, quando eu assumi a representação do bloco, me envolvendo muito com a parte de fora. Eu cuido do jardim, acabo conhecendo todo mundo. Por outro lado, eu também consegui apoio: o pessoal da prefeitura da UnB chegou a doar plantas, e a gente conseguiu melhorar bastante o jardim. [...] E tem ainda o bazar, que organiza recursos para pagar serviços emergenciais que a UnB não cobre. Uma vez a gente pôde pagar uma pessoa, com os recursos que a gente arrecada no bazar, com aluguel de vaga extra, para poder pagar, porque a empresa prestadora de serviço não tem plantão, a UnB não paga plantão para ela. Então o bazar tem sido fundamental para isso. (E1, docente).

A entrevistada E4 reforçou a importância da cooperação, sobretudo para famílias com crianças, descrevendo como a mobilização coletiva foi decisiva em diferentes momentos:

A gente vive numa comunidade muito gostosa aqui. Especialmente entre o pessoal da UnB, que tem mais flexibilidade de horário, a gente se encontra bastante nos finais de tarde e nos finais de semana. Criança, cachorro, todo mundo desce, e isso cria um clima muito bom. Eu mesma criei um grupo das mães da quadra, e foi por ele que organizamos uma ação coletiva para pedir melhorias no parquinho: tirei fotos, compartilhei no grupo, e várias mães entraram no site da ouvidoria para registrar pedido de manutenção. No outro dia já tinha um ônibus do SLU limpando e recolhendo tudo. Foi uma força coletiva muito forte. [...] Além disso, organizamos aniversários e festas juninas no pilotis, porque não temos salão de festas. Eu fui a primeira a fazer festa no pilotis, e hoje todo mundo faz, porque o espaço funciona muito bem para reunir os moradores. (E4, cônjuge).

O uso do pilotis como espaço coletivo também foi relatado por outros moradores. E3 lembrou aniversários e confraternizações organizadas ali.

Teve aniversário de criança, teve até o meu aniversário, fiz aqui no pilotis. A gente não tem salão de festas, mas dá um jeito. [...] Na pandemia, então, foi o espaço que salvou, porque a gente podia se encontrar sem estar fechado, com ventilação. (E3, cônjuge).

Por outro lado, alguns moradores expressaram menor envolvimento. E13 contou que participou apenas uma vez de um evento coletivo:

Uma vizinha organizou um piquenique, eu fui, mas fora isso não participo muito não. Eu cumprimento, converso, mas não tenho tanto vínculo assim. (E13, cônjuge).

E E11, que já foi representante de bloco, afirmou atualmente não se envolver em atividades comunitárias: “Não existem eventos sociais na quadra. Cada um fica no seu, eu não participo de nada assim.” (E11, docente).

Esses relatos mostram que a cooperação comunitária é vivida de formas distintas: para alguns moradores, representa um esforço ativo de manutenção e convivência, enquanto para outros aparece de modo pontual ou até inexistente. O engajamento em iniciativas coletivas, como bazares, festas e piqueniques, reflete não apenas a disposição para mobilizar vizinhos, mas também a importância atribuída às áreas comuns da quadra como espaços de encontro.

Uso dos espaços comuns

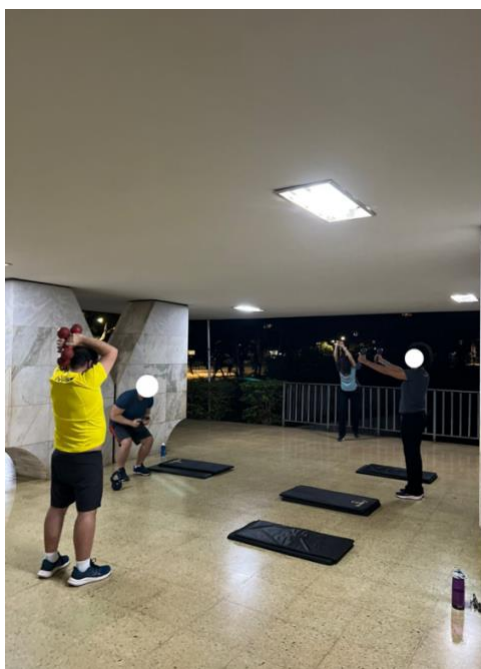
Se por um lado a cooperação evidencia o envolvimento de moradores em ações conjuntas, por outro, o uso dos espaços comuns destaca a função que ambientes como pilotis, jardins e bicicletários assumem na rotina da quadra, servindo tanto para atividades cotidianas quanto para eventos comunitários.

A entrevistada E10 destacou:

Eu uso o pilotis de várias formas. Às vezes é só para sentar e ficar, às vezes era para a criançada brincar quando eles eram pequenos, mas hoje também tem o funcional com personal que não é só gente da 206, vem gente de fora também. [...] Já teve aniversário do meu enteado aqui, já fiz reunião com alunos na pandemia, até aula de funcional duas vezes por semana. Esse espaço é muito útil, dá para fazer muita coisa. É comunitário de verdade. (E10, docente).

Figura 36

Moradores utilizando os pilotis da SQN 206 para práticas esportivas e atividades de lazer



E7 também ressaltou a apropriação das áreas externas, relacionando o espaço à criação dos filhos e às atividades de lazer:

A gente quer ficar até meus filhos crescerem, porque a gente tem muitos amigos, que são pais com crianças, e a gente faz festa junina, faz evento, a gente se apropria mesmo do espaço. Faz muitos aniversários também no pilotis. [...] Tem o parquinho, tem a quadra de esportes ali em cima. Então, isso nos atende, que eu sou mãe de duas crianças. (E7, cônjuge).

De forma semelhante, E14 mencionou a ausência de espaços de apoio mais estruturados, como salão de festas, ao mesmo tempo em que destacou a importância de áreas externas para a vida cotidiana:

Falta um salão de festas, né, você quer celebrar, você quer fazer qualquer coisa, não tem onde fazer isso que não seja no seu próprio apartamento. [...] Aqui não tem, tem esse gramadão aí [se referindo ao gramado da SQN 207 sem blocos

residenciais], mas nada acontece, só os cachorrinhos que vêm. [...] Então, de certa forma, o que eu sinto falta é de um exterior de verdade, de uma varanda ou de uma área de convivência mais estruturada. (E14, docente).

Mobilidade Residencial

A mobilidade residencial apareceu como dimensão importante para compreender as trajetórias de chegada e permanência nos imóveis funcionais. Essa categoria foi estruturada em três eixos: o tempo de permanência, que variou de longas histórias de estabilidade a experiências recentes de adaptação; os motivos de mudança, associados a regras institucionais, aspectos financeiros e busca por mais espaço; e as comparações com moradias anteriores, que revelaram tanto perdas quanto ganhos em relação à vida nos apartamentos da SQN 206.

Tempo de permanência

Os relatos mostraram experiências distintas em relação ao tempo de permanência nos imóveis funcionais. Enquanto alguns moradores afirmaram morar há muitos anos na SQN 206, reforçando vínculos estáveis, outros chegaram recentemente e ainda estavam em processo de adaptação. A entrevistada E5 mencionou sua chegada recente ao bloco, explicando que ainda estava conhecendo o lugar e que não sabia ao certo se permaneceria no futuro:

Faz pouco tempo que a gente está aqui, então é tudo novo. Ainda não sei se quero ficar para sempre, depende de como vai ser daqui para frente. (E5, docente).

Outros moradores relataram tempos medianos de permanência, que já possibilitaram criar vínculos, mas ainda sem a sensação de longa estabilidade. E7, residente desde 2019, destacou:

Foi antes da pandemia [...] fevereiro de 2019. Acho que é isso. Por aí, mais ou menos, tá? [...] Então tem um lapso aí, porque a gente saiu daqui e foi pra São Paulo ficar com os pais, enfim... Mas a gente voltou. Então, dá uns seis anos mais ou menos. (E7, cônjuge).

De forma semelhante, E14 contou que chegou ao bloco em 2021, relacionando sua mudança ao período da pandemia:

A gente se mudou aqui no meio da pandemia [...] foi 2021 que a gente veio, então.

Foi isso mesmo, porque já tinha passado um ano de pandemia, a gente completou um ano, estava quase enlouquecendo e aí saiu, né, chamaram a gente pra vir para o apartamento e a gente não pensou duas vezes. (E14, docente).

Esses relatos evidenciam que a SQN 206 reúne tanto histórias de longa permanência, marcadas por estabilidade e vínculo, quanto experiências recentes ou medianas, em que os moradores ainda estão consolidando sua vivência na quadra.

Motivos de mudança

Duas entrevistadas relataram mudanças motivadas pela necessidade de adequação às regras do funcional da UnB. A entrevistada E4 contou em detalhe como ela e a família venderam uma casa própria na 704 norte para poder ingressar na fila do funcional:

Na verdade eu mudei em 2016 para quadra, porque anteriormente eu morava na 704, que lá era nosso. Aí como a gente queria entrar no funcional, a gente vendeu lá, aí alugou aqui em um bloco particular para poder entrar na fila do funcional, que depois você entra no funcional e não pode ter imóveis no DF. Então a gente vendeu lá para entrar na fila do funcional, eu fiquei 3 meses no particular e já consegui no funcional. (E4, cônjuge).

De forma semelhante, E13 relatou ter vendido um apartamento próprio em outra localidade do Distrito Federal, optando por se mudar para o funcional. Para ela, a decisão envolveu tanto aspectos financeiros quanto a conveniência da localização:

É porque a gente morava no Park Sul. E aí o meu marido falou, não, vamos morar num apartamento funcional. Então a gente vendeu o Parque Sul. E foi na pandemia,

a gente resolveu mudar logo. Sai logo do Parque Sul. E aí a gente alugou um apartamento na 310 antes daqui. [...] Mas de gostar de morar, eu gosto mais de morar aqui. Não sei te explicar. Não tem piscina, igual tinha lá. Não tem churrasqueira, igual tinha lá. Não tem... A única coisa que eu lamento é que eu fazia hidroginástica, que estava incluído no condomínio. Mas eu acho aqui mais agradável morar do que no Park Sul. (E13, cônjuge)

Já a entrevistada E5 destacou que sua mudança esteve relacionada à busca por mais espaço para si e sua família, depois de 13 anos em um apartamento menor na 214 Norte:

Eu morava na 214 Norte. [...] Eu saí única e exclusivamente por conta do espaço. Porque eu realmente precisava de um espaço maior, sabe? [...] Eu gostava muito daquele apartamento, fiz várias alterações, mas chegou um momento que não dava mais. Então a mudança para cá foi por causa do tamanho mesmo. (E5, docente).

Para os outros 13 moradores, especialmente aqueles 9 que não são de Brasília, a opção pelo funcional esteve ligada à própria vinda para a cidade. E11 relatou sua chegada à capital a partir da carreira acadêmica, associando a moradia funcional ao início de sua trajetória na UnB:

Eu não sou daqui, vim por causa do trabalho. [...] O funcional foi a solução, porque não teria como comprar ou alugar algo no mercado logo de início. Foi o jeito de conseguir me estabelecer na cidade. (E11, docente).

Esses relatos mostram que as comparações entre a moradia atual e as anteriores envolveram diferentes dimensões, como espaço interno, insolação, qualidade construtiva, áreas externas e sensação de pertencimento. Enquanto alguns moradores destacaram perdas específicas como a ausência de varanda ou de equipamentos de lazer existentes em residências anteriores, outros ressaltaram ganhos relacionados ao conforto ambiental, à proximidade com a UnB e à arquitetura da quadra. De modo geral, a experiência nos blocos funcionais da SQN 206 foi avaliada

como positiva em relação às moradias anteriores, ainda que cada entrevistado tenha enfatizado aspectos distintos em suas trajetórias habitacionais.

Comparações com moradias anteriores

Os entrevistados compararam a experiência atual nos imóveis funcionais com moradias anteriores, destacando tanto ganhos quanto perdas. Semelhante ao que E13 descreveu na seção anterior, E4 também refletiu sobre sua antiga casa própria na Asa Norte, valorizando suas qualidades ambientais, mas reconhecendo a boa adaptação ao funcional:

Eu gostava muito da 700, eu gosto muito daquele lado lá [apontando para direção acima do eixão]. [...] Eu acho que elas são tranquilas, elas são arborizadas. Elas têm aquela psicologia muito gostosa de caminhar. Eu, particularmente, gosto muito de viver em área arborizada. Tanto aqui. Isso aqui é uma maravilha. [...] Só de você descer, a tua cabeça muda, o teu olhar, você consegue enxergar para fora. Você aumenta a sua visão periférica. Isso te dá muita qualidade de vida. Então, eu não tenho o que falar, mesmo lá na 704 quanto aqui, ambos eram muito agradáveis de morar, não acho nenhuma melhor ou pior do que a outra. (E4, cônjuge).

Outros participantes compararam os imóveis da SQN 206 com experiências anteriores em apartamentos da própria UnB que não eram funcionais. E5, por exemplo, residiu por 13 anos na SQN 214 e, além da diferença de espaço já relatada como motivo de mudança, destacou elementos que valorizava no apartamento anterior:

Eu morava na 214 Norte. [...] Aqui eu acho melhor em relação a esses aspectos que eu estou te falando, que é tamanho, proximidade com a UnB. Mas lá eu tinha uma coisa que eu gostava demais, que era a varanda. Eu fiz questão de não cobrir com blindex, porque era um espaço muito bacana. A gente tomava sol ali, eu cuidava das minhas plantas, era um lugar que me manteve muito tempo naquele apartamento.

Aqui eu não tenho isso, mas acho que meio que compensa com os janelões da sala.
 [...] Eles são enormes, uma parede inteira de vidro, e trazem a vista das árvores e bastante luz, então acabam suprimindo um pouco da falta daquela varanda. (E5, docente).

Figura 37

“Janelões da sala” da entrevistada 5 (E5)



Nota. Registro enviado pela entrevistada E5 via WhatsApp.

Na mesma direção, E14 também residiu anteriormente na SQN 214 e ressaltou a perda da varanda, mas apontou ganhos em termos de qualidade construtiva:

A gente estava antes na 214 [...] perdemos uma varanda, que a gente gostava muito. Mas ganhamos espaço dentro de casa. Qualidade, inclusive, construtiva, assim, né? Porque era diferente a qualidade construtiva do de lá. Então, pra gente, assim, é uma construção mais robusta, uma construção mais sólida do que a da 214. (E14, docente).

Já E11 morou anteriormente na Colina e também na SQN 214, ambos imóveis pertencentes a Universidade de Brasília. Em sua fala, ressaltou os problemas de insolação e umidade enfrentados nos blocos anteriores, em contraste com o conforto ambiental do atual:

Eu fiz um trânsito desde que cheguei em Brasília [...] até mudarmos para 214, que também é da UnB. Só que não é funcional. [...] Como eu morei naquele bloco ali [apontando da janela para um outro bloco da SQN 206], ele é um edifício que sofre muito, do ponto de vista da qualidade ambiental dele. Eu costumo dizer que é um edifício muito doente, que ele não pega sol praticamente nem um dia do ano. Esse aqui é o oposto, eu amanheço com o sol entrando em casa e vou dormir à tarde com o sol entrando em casa. Então, nesse aspecto, ele é perfeito. (E11, docente).

O entrevistado E9 trouxe elementos de comparação entre diferentes experiências de moradia em Brasília. Ao falar sobre sua antiga residência na 406 Sul, destacou o contraste entre o anonimato vivenciado na Asa Sul e a maior sensação de pertencimento na Asa Norte:

É melhor, mas é parecido. Aqui a 206 é interessante, por conta de você estar também em outro lugar [...] Aqui na Asa Norte, você está muito perto da UnB, você está andando aqui, aí, né, vê as pessoas aí, colegas, vê alunos e etc. Na 406 não tinha isso, eu [...] me sentia assim que eu estava em outro lugar, era bem diferente. [...] Eu estava lá como uma pessoa da metropolitana, assim, eu não conheço ninguém, estou aqui, estou ótimo, os lugares que eu vou, ninguém vai. [...] Era meia-noite, um anonimato, assim, sabe? Aqui você cruza aí com as pessoas, é diferente. (E9, docente).

Além disso, ao comparar a SQN 206 com outras alternativas de moradia da UnB, E9 relatou que chegou a considerar a Colina, mas rejeitou a ideia de residir dentro do campus universitário:

Eu vi na 205, quando eu vim para cá, eu vi na Colina, olhei, cheguei a fazer vistoria no apartamento da colina. [...] Mas eu queria mesmo vir para uma superquadra, eu preferia morar numa superquadra do que na Colina. [...] Entre a 205 e a Colina, eu prefiro a 205, porque você está na superquadra. A Colina, aí eu acho que é uma

coisa de você estar psicologicamente dentro do campus e fisicamente dentro do campus também. [...] Claro, se fosse a única opção, pagando o valor que é, que é barato e tudo, aí eu poderia ir [...] mas entre essas opções que existem, aí eu prefiro essa quadra aqui. (E9, docente).

Por fim, E10 comparou o funcional atual com sua moradia anterior na SQN 402, ressaltando ganhos em espaço e qualidade arquitetônica:

É muito melhor, porque eu morava em um apartamento muito pequenininho, na 402. Ele era só um quarto, não era vazado. [...] Aqui é o dobro do tamanho do outro, tá muito mais confortável, espaçoso. [...] E a arquitetura é infinitamente mais linda do que chegar e ver esses pilares de mármore, chegar nessa quadra e ver os pilares, lembrar do Marcílio. É muito mais prazeroso do que aquele prédio feiozinho da 402. (E10, docente).

Dimensão emocional dos discursos

A análise das entrevistas revelou que a experiência residencial nos imóveis funcionais da SQN 206 é permeada por um conjunto complexo de emoções, que se articulam às dimensões espaciais, sociais e simbólicas do habitar. Essas emoções, expressas nas falas dos participantes, não se limitam a reações pontuais, mas configuram modos de estar no mundo, sentidos subjetivos associados à moradia, ao pertencimento e à relação com a instituição.

Em cada narrativa, o espaço habitado emerge como cenário e também como espelho das experiências vividas, confirmando a perspectiva de Saegert (1985) de que o lar não é apenas uma estrutura física, mas uma extensão do *self* e um mediador das emoções cotidianas.

Para fins analíticos, as emoções foram agrupadas em três eixos: positivas, negativas e ambivalentes, acompanhadas de observações sobre o contexto em que se manifestaram e suas inter-relações com as categorias anteriores.

Emoções positivas

As emoções positivas apareceram em 11 das 14 entrevistas analisadas (E1, E2, E3, E5, E6, E7, E9, E11, E13, E14 e E15) e em diferentes contextos de categorias e subcategorias. Contudo, elas se concentraram especialmente nas categorias de pertencimento, qualidade de vida e apego ao lugar.

Os relatos são marcados por sentimentos de tranquilidade, gratidão e orgulho de morar na quadra. Muitos participantes associam a moradia a conforto, segurança e prestígio por fazer parte da Universidade de Brasília. O vínculo institucional é descrito como um sentimento de fazer parte de algo maior, que reforça o pertencimento à comunidade universitária e a tradição do serviço público.

As falas sobre qualidade de vida destacam o bem-estar proporcionado pela ventilação cruzada, pela luz natural e pela presença de árvores e áreas verdes. Esses elementos aparecem associados à sensação de calma e prazer no cotidiano, aproximando-se da ideia de Moser (2018) de que o ambiente físico pode atuar como regulador psicológico.

Entre os que expressaram apego ao lugar, cinco entrevistados (E3, E7, E9, E13 e E15) manifestaram o desejo de permanecer na quadra até a aposentadoria. O tempo vivido no mesmo espaço reforça a familiaridade e a identidade com o entorno. Como observa Lewicka (2011), o apego se sustenta na continuidade e na história pessoal inscrita no lugar.

No conjunto, as emoções positivas revelam que a casa e a quadra funcionam como núcleos de estabilidade afetiva e social. O espaço não é apenas um abrigo físico, mas um mediador de pertencimento e bem-estar.

Emoções negativas

As emoções negativas foram identificadas em nove entrevistas (E2, E4, E6, E7, E10, E11, E12, E13 e E14) e se concentraram nas categorias de qualidade de vida e gestão institucional.

Os sentimentos mais frequentes foram frustração, indignação e cansaço diante de problemas de manutenção, infiltrações, ruídos e falhas nas trancas dos blocos. Para alguns

moradores, como E10 e E12, a falta de cuidado representa não apenas um incômodo material, mas também uma forma de desvalorização simbólica. Sentem que o patrimônio público, e por consequência quem o habita, não recebe a mesma atenção que um imóvel privado. As falas também revelam impaciência com os trâmites burocráticos e a lentidão nas respostas da SPI. Essa percepção de ausência institucional interfere no sentimento de segurança e confiança.

Em síntese, as emoções negativas traduzem o desgaste de conviver com limitações estruturais e comunicacionais. Elas mostram que a relação com a instituição é uma dimensão central da experiência de habitar, capaz de fortalecer ou fragilizar o vínculo com o lugar.

Emoções ambivalentes

Seis entrevistas (E3, E4, E5, E7, E9 e E13) apresentaram de forma clara emoções ambivalentes, nas quais sentimentos de satisfação coexistem com críticas e desconfortos. Essa mistura de afetos traduz a complexidade do morar em imóveis funcionais, que ao mesmo tempo oferecem segurança e impõem restrições.

O tema mais recorrente nas emoções ambivalentes foi o custo-benefício. Os moradores reconhecem as vantagens da localização, das áreas verdes e da taxa de ocupação acessível, mas apontam limitações na impossibilidade de realizar reformas e melhorias desejadas. Em E4 e E13, esse duplo registro é evidente: ambas as entrevistadas expressam gratidão pela oportunidade de morar na quadra, mas frustração por não conseguir adaptar plenamente o espaço ao seu modo de vida. Essa ambivalência mostra que o habitar é uma negociação constante entre liberdade e controle. O mesmo espaço que oferece estabilidade pode gerar sensação de estagnação. Como destaca Sommer (1983), o lar é ao mesmo tempo abrigo e limite, e as emoções que dele emergem refletem essa dualidade.

***Walkalong* com representante de bloco**

Além das entrevistas, foi realizada uma observação acompanhada com a representante e entrevistada E1 de um dos blocos funcionais da UnB. O registro foi feito por meio de anotações simultâneas às caminhadas, acompanhadas de registros fotográficos autorizados pelos participantes.

Durante o percurso pelas áreas externas e comuns, a participante apresentou iniciativas coletivas promovidas pelos moradores, descreveu práticas cotidianas e indicou locais de interesse, ao mesmo tempo em que a pesquisadora registrou fotografias. Essa interação permitiu compreender como os espaços compartilhados são apropriados e transformados pelos residentes.

Revitalização dos jardins

Os jardins permaneceram durante anos sem manutenção adequada, acumulando folhas, galhos e incentivando o descarte irregular de resíduos segundo o relato da representante. A mobilização de alguns moradores resultou em um processo de revitalização, que transformou o espaço em “um ambiente organizado e convidativo”.

Figura 38

Jardim do bloco antes das intervenções de revitalização: 2023



Nota. Registro enviado pela entrevistada E1 via *WhatsApp*.

Figura 39

Jardim do bloco após intervenções realizadas pelos moradores em 2025.



Melhorias nos halls de entrada

Durante o *walkalong*, foram apontadas intervenções realizadas de forma coletiva pelos moradores: pintura dos halls de acesso aos elevadores e escadas, substituição das luminárias antigas por plafons modernos, instalação de vasos de plantas e exposição de quadros confeccionados pelas crianças do bloco. Essas melhorias tornaram os espaços mais acolhedores e expressivos da identidade comunitária.

Figura 40

Hall de entrada do bloco e intervenções realizadas pela representante em 2025

**Figura 41**

Hall de entrada do bloco e intervenções realizadas pelos moradores em 2025



Bazar comunitário

Outro ponto destacado pela representante foi a realização de bazares nos pilotis, organizados pelos próprios moradores. Ela descreveu que o evento se repete outras vezes durante o ano e conta com a venda de roupas, livros e objetos doados, envolvendo não apenas os residentes do bloco, mas também familiares e vizinhos de outras quadras. Os recursos arrecadados são destinados a melhorias coletivas, como pintura, substituição das luminárias e pequenos reparos que foram registrados acima.

“Árvore do abraço”

A representante também destacou o simbolismo atribuído a uma das árvores do jardim, conhecida como “Árvore do abraço”. Ela relatou que, após melhorias realizadas nas áreas externas e jardins, vizinhos de outros blocos e até transeuntes passaram a elogiar os espaços e permanecer próximos às árvores. Em especial, esta árvore se tornou um marco afetivo: moradores e visitantes param para abraçá-la, atribuindo-lhe um significado de acolhimento e vínculo coletivo.

Figura 42

Árvore batizada como a “Árvore do abraço”

**Observações adicionais Diário de Campo**

Conforme descrito no método e no início do capítulo de resultados, foi mantido um diário de campo no qual foram registradas anotações sobre a aproximação com os moradores, as condições de realização das entrevistas e as impressões da pesquisadora. Esses registros se mostraram relevantes para acompanhar o processo de coleta, evidenciar os bastidores da investigação e compreender como as interações em campo moldaram tanto a qualidade das falas quanto a postura adotada diante dos participantes.

O primeiro registro data de 21 de março de 2025, quando foram realizadas abordagens diretas aos porteiros dos blocos, com perguntas sobre os representantes e a entrega dos contatos da pesquisadora. Logo nesse momento, observou-se que havia diferentes graus de abertura: apenas um porteiro dos blocos funcionais aceitou a apresentação formal, enquanto em blocos administrados por síndicos particulares os contatos foram repassados de imediato. Essa experiência inicial já evidenciava barreiras e mediações envolvidas no acesso ao campo.

Nos dias seguintes, a pesquisadora esteve presente em horários mais movimentados da quadra, de modo a encontrar moradores individualmente e em pequenos grupos. Nessas ocasiões, aproximava-se, explicava brevemente que a pesquisa tinha como objetivo ouvir as experiências dos moradores em relação à quadra e perguntava se aceitariam participar das entrevistas. Naquele momento, todos se mostravam receptivos. Contudo, quando o contato prosseguia por meio de mensagens via *WhatsApp*, algumas pessoas não responderam, mesmo após o envio de novas mensagens. Duas entrevistas chegaram a ser agendadas e os participantes não compareceram no horário marcado, sem retorno posterior. Outras foram desmarcadas com a justificativa “deixa que eu entro em contato quando estiver disponível”, mas não houve resposta, mesmo após tentativas de reaproximação.

O efeito “bola de neve” iniciou-se a partir da representante de um dos blocos, que foi receptiva e apresentou outra vizinha disposta a participar. Antes mesmo do agendamento formal, essa representante já relatava problemas do bloco, revelando a centralidade das questões coletivas no cotidiano dos moradores. A participante foi também escolhida para a entrevista piloto. Nesse momento, o diário registrou a insegurança inicial da pesquisadora em conduzir o roteiro, diante da dúvida entre seguir a ordem das perguntas ou alterar a sequência conforme a fala surgia. Com o tempo, percebeu-se que, em algumas situações, era possível reorganizar o roteiro de forma mais flexível, aproveitando os temas já introduzidos pelo entrevistado e favorecendo a fluidez da conversa.

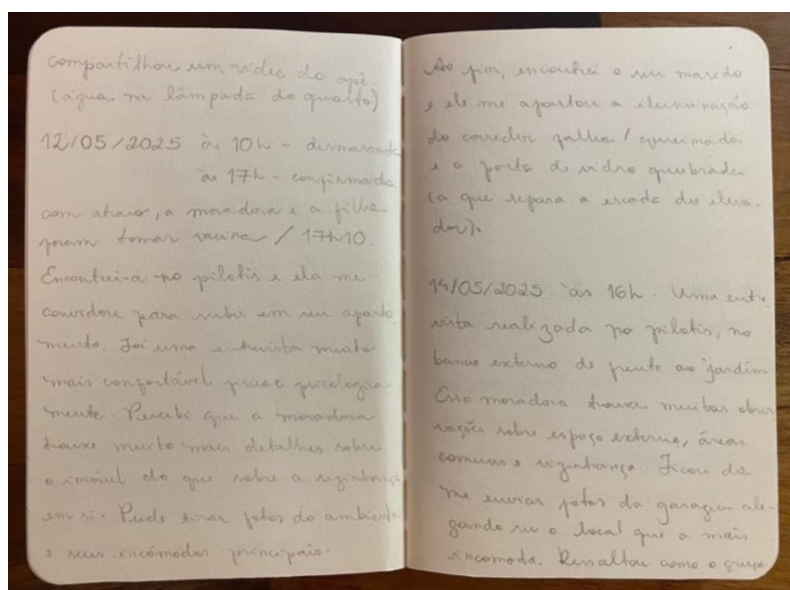
O diário de campo também relata situações de maior desafio como por exemplo, anotações da entrevista com a participante E2, que iniciou-se de forma reticente, com respostas muito breves, exigindo exemplos e encorajamento até que a entrevistada compreendesse a proposta. Já E15 manteve respostas monossilábicas, o que demandou insistência até que a conversa fosse encerrada com limitações de conteúdo. Outro caso registrado foi o de E9, que em alguns momentos parecia

desconfortável e evitava o olhar direto, observação anotada como expressão corporal relevante para a interpretação.

Também foram registradas impressões sobre aspectos cotidianos da interação com os participantes. A pesquisadora levou propés para usar ao entrar nas casas, mas a maioria recusava, pedindo que entrasse normalmente, sendo esse gesto possivelmente interpretado como sinal de informalidade. Houve situações particularmente positivas, como com E3, a primeira participante a convidar para a entrevista em sua unidade de apartamento. A conversa ocorreu de forma tranquila e silenciosa, e a moradora chegou a mostrar fisicamente os aspectos do imóvel aos quais se referia. Durante esse encontro, destacou o papel central da representante de bloco e chegou a solicitar que a pesquisadora atuasse como ponte com uma vizinha em situação de conflito de barulho, o que levou à reafirmação do papel exclusivamente investigativo da pesquisa.

Figura 43

Trecho do diário de campo da pesquisadora (12/05/2025), com anotações sobre o encontro com moradores da SQN 206



Nota. A imagem ilustra o uso do diário como instrumento metodológico de registro de campo, revelando observações situadas, impressões da pesquisadora e aspectos não verbais da interação.

As anotações evidenciaram também uma associação entre o local da entrevista e o foco das falas: moradores que preferiram ser entrevistados nos pilotis ou em áreas externas tenderam a comentar mais sobre jardins, espaços coletivos e convivência; já aqueles que receberam a pesquisadora em seus apartamentos concentraram-se em aspectos internos da habitação.

Assim, o diário de campo revelou-se um recurso fundamental para compreender não apenas o conteúdo verbal das entrevistas, mas também os modos como ocorreram, as relações interpessoais envolvidas e os gestos que enriqueceram a interpretação dos discursos.

Considerações finais dos resultados

Os resultados apresentados ao longo deste capítulo permitem compreender em profundidade a experiência de morar nos imóveis funcionais da SQN 206. A integração de diferentes fontes de dados: entrevistas, análise documental, registros fotográficos, *walkalong* e diário de campo possibilitou captar tanto narrativas individuais quanto significados coletivamente compartilhados. As categorias emergentes organizaram os relatos e ofereceram um panorama abrangente sobre como os moradores constroem, mantêm e interpretam suas relações com a moradia funcional.

A análise identificou sete categorias centrais: 1. Apropriação do espaço habitacional, 2. Pertencimento, 3. Apego ao lugar, 4. Qualidade de vida, 5. Gestão institucional (SPI/UnB), 6. Interação com a vizinhança e 7. Mobilidade residencial. Cada uma delas contribuiu com aspectos específicos, mas, em conjunto, revelam tensões entre limitações institucionais e práticas cotidianas de adaptação, ao mesmo tempo em que reforçam a importância dos vínculos afetivos e simbólicos na produção do sentido de lar.

De forma sintética, os achados podem ser descritos da seguinte maneira:

1. Apropriação do espaço habitacional: adaptações físicas (1a), personalizações (1b), soluções improvisadas (1c), desejos de mudança (1d) e limitações (1e) diante da padronização construtiva e da ausência de manutenção.
2. Pertencimento: sentimentos de lar (2a), identificação com a quadra (2b) e memórias associadas (2c) que conferem continuidade às trajetórias de vida.
3. Apego ao lugar: vínculos emocionais (3a), valorização simbólica (3b) do Plano Piloto e desejo de continuidade (3c) na moradia funcional.
4. Qualidade de vida: percepções sobre conforto ambiental (4a), privacidade (4b), segurança (4c), bem-estar (4d), satisfação geral (4e) e lazer (4f), marcadas por ambivalências entre prazer e limitação.
5. Gestão institucional (SPI/UnB): dificuldades de comunicação (5a), manutenção tardia ou ineficaz (5b) e percepções de desigualdade (5c) em relação aos blocos particulares.
6. Interação com a vizinhança: convivência predominantemente cordial (6a), conflitos pontuais (6b), cooperação comunitária (6c) e uso compartilhado dos espaços comuns (6d).
7. Mobilidade residencial: trajetórias diversas de permanência e mudança, com tempos de permanência variados (7a), motivos de mudança (7b) e comparações com moradias anteriores (7c) ligadas a fases de vida e oportunidades institucionais.

Essas considerações finais também permitem retomar as perguntas que orientaram a pesquisa. Ao indagar como os moradores se apropriam de seus espaços e constroem pertencimento, observou-se que a apropriação se expressa em reformas, adaptações e usos criativos das áreas comuns, enquanto o pertencimento se manifesta em sentimentos de lar, identificação com a quadra e memórias partilhadas. Ao buscar compreender quais fatores influenciam a qualidade de vida, destacaram-se percepções de conforto ambiental, dificuldades de manutenção e, ainda assim, uma avaliação geral positiva da experiência de morar.

Por fim, ao explorar como as trajetórias residenciais e as relações de vizinhança moldam essas vivências, evidenciaram-se histórias diversas de permanência e mudança, bem como uma convivência equilibrada entre cordialidade, privacidade e cooperação. Essas sínteses consolidam os achados empíricos, que servirão de base para a discussão teórica apresentada no capítulo seguinte, em diálogo com autores da Psicologia Ambiental como Elali e Pinheiro (2013), Saegert (1985) e Lewicka (2011).

Tabela 7

Perguntas de pesquisa e síntese dos resultados encontrados

Pergunta de pesquisa	Síntese dos resultados
Eixo 1: Como os moradores de imóveis funcionais da Universidade de Brasília experienciam apropriação, pertencimento e apego ao lugar em seus espaços habitacionais?	Os moradores realizaram adaptações físicas (1a), personalizações (1b) e soluções improvisadas (1c). Também relataram desejos de mudança (1d) não concretizados devido a restrições institucionais e limitações (1e) de apropriação.
Eixo 2: Quais percepções e sentimentos de pertencimento emergem na relação com os blocos e a quadra?	O pertencimento se expressou em sentimentos de lar (2a), identificação com a quadra (2b) e memórias associadas (2c) ao cotidiano. A quadra foi vista como espaço de referência, vizinhança estável e continuidade da vida familiar.
Eixo 3: Quais dificuldades e limitações são vivenciadas no cotidiano desses imóveis e que adaptações ou soluções são elaboradas para lidar com elas?	Foram relatadas limitações estruturais (1e), problemas de manutenção (5b) e questões de segurança (4c). Em resposta, os moradores elaboraram soluções próprias, como reforço de trancas, trocas de luminárias e reorganizações espaciais criativas.
Eixo 4: Como as práticas de apropriação e os sentimentos de pertencimento se articulam com as percepções de morar e de bem-estar residencial?	A apropriação (1) e o pertencimento (2) mostraram-se diretamente relacionados à satisfação geral (4e) com a moradia. Conforto ambiental (4a), privacidade (4b), lazer (4f) e

cooperação comunitária (6c) reforçaram o bem-estar (4d), mesmo diante das dificuldades estruturais e da gestão institucional (5). O apego ao lugar (3) contribuiu para o desejo de continuidade (3c) e valorização simbólica (3b) da experiência residencial.

Discussão

Os resultados desta pesquisa indicam que a experiência de habitar os imóveis funcionais da Universidade de Brasília ultrapassa o domínio estritamente físico da moradia, envolvendo dimensões simbólicas, afetivas e institucionais. As entrevistas, os registros fotográficos, o *walkalong* e as anotações de campo evidenciam que o morar não se restringe à ocupação de um espaço material, configurando-se como um processo contínuo de negociação entre o que é oferecido institucionalmente e o que é transformado pelos moradores no cotidiano. Nessa perspectiva, o habitar emerge como uma experiência relacional, na qual práticas, significados e vínculos identitários se articulam de forma dinâmica, aproximando-se da noção de *dwelling* enquanto modo de estar e viver no espaço.

A análise de conteúdo permitiu identificar sete categorias principais e vinte e sete subcategorias (Tabela 5), distribuídas entre as catorze entrevistas analisadas. As categorias Apropriação do espaço habitacional (1) e Qualidade de vida (4) apresentaram maior recorrência, indicando que a adaptação do ambiente às necessidades pessoais e a busca por bem-estar constituem dimensões centrais da experiência de morar em imóveis funcionais. Também se destacaram as categorias Interação com a vizinhança (6) e Gestão institucional (5), evidenciando o papel das relações comunitárias e das condições administrativas na configuração da vivência residencial.

As redes analíticas elaboradas no *Atlas.ti* (2025), apresentadas ao longo da discussão dos quatro eixos interpretativos, expressam graficamente essas inter-relações por meio de coocorrências entre códigos e memos analíticos. A rede Apropriação (1) ↔ Qualidade de vida (4) evidencia como adaptações físicas (1a), personalizações (1b) e soluções improvisadas (1c) se articulam à percepção de conforto e satisfação no cotidiano residencial. Já a rede Gestão institucional (5) ↔ Qualidade de vida (4) indica que aspectos como manutenção precária (5b) e

comunicação limitada (5a) com a SPI/UnB afetam a percepção de bem-estar (4d) e o senso de controle sobre o ambiente. A rede Vizinhança (6) ↔ Pertencimento (2) ↔ Apego ao lugar (3) destaca que a convivência cotidiana e as interações nos pilotis e espaços comuns fortalecem vínculos afetivos e comunitários, funcionando como extensões simbólicas da moradia. Por fim, a relação Mobilidade residencial (7) ↔ Pertencimento (2) revela que o desejo de mudança (1d) pode coexistir com sentimentos de enraizamento, evidenciando a complexidade das relações identitárias associadas ao habitar funcional.

Essas representações visuais não se limitam a ilustrar os achados, mas operam como instrumentos interpretativos que integram dimensões materiais, relacionais e institucionais. A leitura articulada entre redes, registros fotográficos e narrativas aponta que o habitar nos imóveis funcionais é configurado pela interação entre o espaço construído, as práticas sociais e as condições administrativas, resultando em um modo de morar marcado por tensões entre estabilidade e transitoriedade, autonomia e limitação.

O contexto em que as entrevistas foram realizadas também influenciou as narrativas produzidas. Moradores entrevistados no interior de suas unidades enfatizaram aspectos relacionados ao ambiente doméstico, como conforto térmico, iluminação, ventilação e organização dos espaços. Em contraste, aqueles entrevistados em pilotis, copas e jardins concentraram suas falas nas relações de convivência e nos usos dos espaços coletivos, indicando que diferentes escalas espaciais mobilizam distintos conteúdos experienciais.

Em perspectiva mais ampla, a moradia funcional configura-se como um território de intersecção entre o público e o privado. Embora o espaço doméstico pertença à instituição, ele é apropriado de forma singular pelos ocupantes, que nele constroem rotinas, vínculos afetivos e sentidos de identidade. As práticas de adaptação, as negociações com a gestão e as formas de convivência comunitária revelam modos diversos de equilibrar normas institucionais e necessidades

peçoais. Nesse sentido, habitar um imóvel funcional implica também habitar uma instituição, na qual dimensões materiais, simbólicas e políticas se entrelaçam na experiência cotidiana.

Nos tópicos seguintes, esses achados são aprofundados a partir de quatro eixos interpretativos:

1. Apropriação e Qualidade de Vida, que examina estratégias de adaptação e personalização dos espaços;
2. Gestão Institucional e Qualidade de Vida, que analisa como administração e manutenção interferem na experiência residencial;
3. Vizinhança, Pertencimento e Apego ao Lugar, que explora as relações comunitárias e identitárias na quadra; e
4. Mobilidade, Permanência e Projeto de Vida, que discute trajetórias residenciais e os significados atribuídos ao tempo e à mudança.

Além desses eixos, a discussão retoma aspectos transversais observados no campo, como privacidade, territorialidade e a regulação das fronteiras entre o individual e o coletivo, contribuindo para uma compreensão mais integrada do habitar em imóveis funcionais.

Discussão das categorias temáticas

A análise das entrevistas, das observações e dos registros visuais revelou um conjunto de categorias e subcategorias que expressa a complexidade da experiência de habitar imóveis funcionais da Universidade de Brasília. As sete categorias identificadas 1. Apropriação do espaço habitacional, 2. Pertencimento, 3. Apego ao lugar, 4. Qualidade de vida, 5. Gestão institucional, 6. Interação com a vizinhança e 7. Mobilidade residencial compõem dimensões interdependentes da vivência, articulando aspectos físicos, simbólicos e sociais. A seguir, essas categorias são discutidas à luz da literatura da Psicologia Ambiental e de autores que investigam as relações entre pessoa e ambiente habitado.

Apropriação do espaço habitacional

A apropriação emergiu como um processo contínuo de transformação e negociação, no qual os moradores reinterpretam o espaço institucional à medida que o adaptam às suas rotinas e identidades. As subcategorias adaptações físicas (1a) e personalização (1b) confirmam a presença de um controle ambiental ativo, conceito central proposto por Altman (1975), no qual a pessoa regula o entorno para atender a necessidades funcionais e simbólicas.

Nos blocos funcionais da SQN 206, essa apropriação se manifesta tanto em pequenas reformas e reorganizações quanto na criação de soluções improvisadas (1c) diante da ausência de manutenção institucional. Tais ações expressam o equilíbrio entre autonomia e restrição, revelando o esforço dos moradores em exercer controle sobre o ambiente dentro de uma estrutura administrativa rígida.

Os desejos de mudança (1d) indicam que, mesmo quando relatam satisfação com a moradia, alguns moradores projetam modificações ou possíveis relocações futuras, articulando permanência e transformação como dimensões coexistentes do habitar. Já as limitações (1e), associadas sobretudo à condição de não propriedade, evidenciam que a capacidade de intervenção no espaço é mediada por normas institucionais e autorizações formais. Essa condição dialoga com o conceito de docilidade ambiental, entendido como o grau em que o ambiente admite adaptações e usos diferenciados sem perder suas restrições estruturais (Günther & Elali, 2018). Ainda assim, as práticas de apropriação observadas revelam tentativas de negociação e ressignificação do espaço, configurando formas simbólicas de afirmar o sentido de lar no interior de uma moradia funcional.

Pertencimento

O pertencimento aparece como experiência relacional construída no cotidiano e sustentada por práticas de reconhecimento mútuo. Conforme destacam Cavalcante e Elias (2011), o sentimento de pertencimento emerge da presença ativa no lugar, e não apenas da duração da moradia. Nos

depoimentos, o sentimento de lar (2a) e a identificação com a quadra (2b) são marcados pelo uso dos pilotis, jardins e áreas comuns como espaços de convivência e familiaridade.

As memórias associadas (2c) como o crescimento dos filhos, o convívio com vizinhos e a participação em eventos comunitários reforçam o vínculo simbólico entre pessoa e lugar, aproximando-se da definição de Lewicka (2011), que entende o pertencimento como produto de experiências compartilhadas. Esse vínculo, tecido nas relações cotidianas, mostra que, nos imóveis funcionais, o pertencimento não depende da propriedade, mas da apropriação afetiva e da presença.

Apego ao lugar

O apego ao lugar consolidou-se como dimensão afetiva e simbólica da moradia funcional, refletindo o investimento emocional dos moradores na continuidade da vida no mesmo espaço. As subcategorias vínculo emocional (3a), valorização simbólica (3b) e desejo de continuidade (3c) evidenciam que o apego ultrapassa a satisfação prática, envolvendo significados ligados à estabilidade, segurança e reconhecimento social.

De acordo com Hidalgo e Hernández (2001) e Scannell e Gifford (2010), o apego envolve componentes afetivos, cognitivos e comportamentais, configurando-se como laço relacional com o ambiente. Na SQN 206, essa ligação se expressa tanto pela familiaridade e tranquilidade quanto pelo prestígio simbólico de morar em um conjunto projetado dentro do Plano Piloto. O desejo de permanecer, mesmo diante das limitações e das futuras aposentadorias, confirma o apego como mediação entre o espaço físico e o pertencimento social à instituição.

Qualidade de vida

A categoria 4. Qualidade de vida apresentou o maior número de ocorrências, confirmando sua centralidade na experiência habitacional. Os moradores associaram bem-estar (4d) e satisfação geral (4e) às condições ambientais, à convivência social e à estabilidade institucional.

A subcategoria conforto ambiental (4a) foi amplamente mencionada, revelando a importância de aspectos como ventilação, luminosidade e silêncio para o bem-estar no cotidiano residencial. Esses elementos foram descritos como fatores restauradores, enquanto ruídos e falhas de manutenção geraram incômodos recorrentes. Tais achados dialogam com a Psicologia Ambiental, que compreende o bem-estar associado à moradia como resultado da relação entre morador, ambiente físico e vivências cotidianas (Elali & Medeiros, 2011).

A privacidade (4b) e a segurança (4c), interpretadas como proteção física e previsibilidade, reforçam a noção de qualidade vivida. Já as menções a lazer (4f) evidenciam estratégias de autorregulação e equilíbrio psicossocial, aproximando-se da ideia de ambientes restauradores de Kaplan e Kaplan (1989). Assim, a qualidade de vida percebida resulta da confluência entre conforto ambiental, pertencimento e gestão eficaz.

Gestão institucional (SPI/UnB)

A gestão institucional foi reconhecida como dimensão transversal que condiciona a experiência de morar nos imóveis funcionais. As subcategorias comunicação (5a), manutenção (5b) e percepções de desigualdade (5c) demonstram como a presença ou ausência de respostas institucionais afeta o bem-estar e o sentimento de justiça residencial.

Os relatos sobre demora, burocracia e falhas nos atendimentos refletem o que Rheingantz e Pedro (2016) denominam ruptura da mediação institucional, quando a ausência de diálogo entre gestão e usuários fragiliza a confiança. A literatura de Avaliação Pós-Ocupação reforça que a manutenção contínua é um componente essencial da satisfação (Ornstein, 2016). Assim, as dificuldades relatadas impactam não apenas o conforto físico, mas também a percepção simbólica de cuidado e valorização por parte da Universidade.

Essas constatações indicam que a gestão habitacional não deve ser vista como elemento externo à experiência de morar, mas como parte integrante da ecologia residencial e da qualidade de vida institucional.

Interação com a vizinhança

A convivência nos blocos funcionais apresentou nuances entre distanciamento e cooperação. As subcategorias contato cordial (6a), conflitos (6b), cooperação comunitária (6c) e uso dos espaços comuns (6d) indicam que a proximidade física não garante laços afetivos, mas pode favorecer relações de reconhecimento e apoio mútuo.

As descrições de eventos coletivos como bazares, festas e cuidados com os jardins evidenciam que o uso compartilhado dos espaços cotidianos contribui para o fortalecimento dos vínculos sociais e para a criação de um senso de familiaridade com o lugar. Essas interações, ainda que pontuais, reforçam o papel dos espaços coletivos no processo de apropriação, ao destacar que o uso e a vivência cotidiana conferem significado e identidade aos ambientes. Por outro lado, episódios de conflito por barulho, animais de estimação ou reformas revelam as fronteiras entre o público e o privado, reeditando o olhar social descrito por Jacobs (1961) como mecanismo informal de regulação da convivência.

De modo geral, a interação com a vizinhança reforça a importância dos espaços coletivos, especialmente os pilotis como arenas de convivência e negociação, nas quais se constroem dimensões significativas do pertencimento e da qualidade de vida.

Mobilidade residencial

A categoria 7 sobre Mobilidade residencial revelou-se um eixo temporal essencial para compreender o habitar funcional. As subcategorias tempo de permanência (7a), motivos de mudança (7b) e comparações com moradias anteriores (7c) mostram que a experiência residencial é marcada por trajetórias diversas e percepções comparativas.

Como destacam Cavalcante e Nóbrega (2011), o habitar é um processo em constante redefinição, e o lar se reconstrói a cada mudança. As falas dos moradores da SQN 206 mostram que o tempo de permanência reforça o apego e a adaptação, mas também convive com a consciência de transitoriedade inerente aos imóveis funcionais.

Essas experiências confirmam a perspectiva de Lewicka (2011) de que o vínculo com o lugar não é estático, mas dinâmico, sustentado pela memória, pela comparação e pela possibilidade de continuidade simbólica, mesmo diante de deslocamentos futuros.

De forma sintética, as categorias analisadas revelam que o habitar nos imóveis funcionais da Universidade de Brasília não se restringe à dimensão física do morar, mas constitui uma experiência ecológica, mediada por condições institucionais, práticas cotidianas e vínculos afetivos.

Eixo 1 – Apropriação e Qualidade de Vida

Pergunta 1 – Como os moradores se apropriam dos imóveis funcionais e como essa apropriação afeta a qualidade de vida?

A apropriação emergiu como dimensão central da experiência residencial nos imóveis funcionais da Universidade de Brasília. As entrevistas e observações mostram que os moradores transformam cotidianamente o espaço padronizado para adequá-lo às suas necessidades, identidades e modos de vida. Essas transformações assumem formas complementares: adaptações físicas (1a), personalização (1b) e soluções improvisadas (1c), orientadas à melhoria do conforto e à expressão individual. Os desejos de mudança (1d) coexistem com limitações (1e) inerentes à condição de não propriedade e à dependência da gestão institucional para reparos.

As adaptações físicas (1a) estiveram associadas à busca por conforto ambiental — ventilação, iluminação e reorganização dos ambientes. A personalização (1b) expressou identidades familiares e preferências estéticas, enquanto soluções improvisadas (1c), como uso de cortinas, telas e redistribuição de mobiliário, evidenciaram criatividade frente a restrições estruturais. Os desejos

de mudança (1d) indicam planos de reforma ou realocização, muitas vezes postergados por limitações (1e) físicas, financeiras e administrativas, que modulam a autonomia percebida.

A Figura 44 sintetiza essas relações, evidenciando como a apropriação influencia a percepção de bem-estar. Os resultados confirmam a relevância do controle ambiental e da docilidade ambiental (Elali & Pinheiro, 2013; I. A. Günther & Elali, 2018): o primeiro refere-se à percepção de autonomia para regular o entorno; a segunda, à capacidade do ambiente de permitir ajustes e transformações que acolham novos usos.

Essas práticas se articulam à compreensão da apropriação como construção de sentido nas relações pessoa-ambiente (Cavalcante & Elias, 2011) e ao papel do arranjo espacial na organização das atividades e fluxos domésticos (Campos-de-Carvalho, 2011). A criação de gradientes de privacidade por meio da redistribuição de móveis e da redefinição de usos confirma a função reguladora da privacidade nas interações sociais (Altman, 1975) e dialoga com a dimensão espacial do comportamento social descrita por Sommer (1973).

Nos relatos, a reorganização dos ambientes e o cuidado com iluminação e ventilação aparecem como estratégias para restaurar conforto e bem-estar. A docilidade ambiental (I. A. Günther & Elali, 2018) ajuda a explicar por que a padronização é percebida, ao mesmo tempo, como limite (1e) e oportunidade de adaptação (1a–1c). Essa flexibilidade confirma a relação entre organização espacial e qualidade de vida, discutida por Kuhnen et al. (2010), e reforça a importância de considerar o uso real do espaço em contextos institucionais.

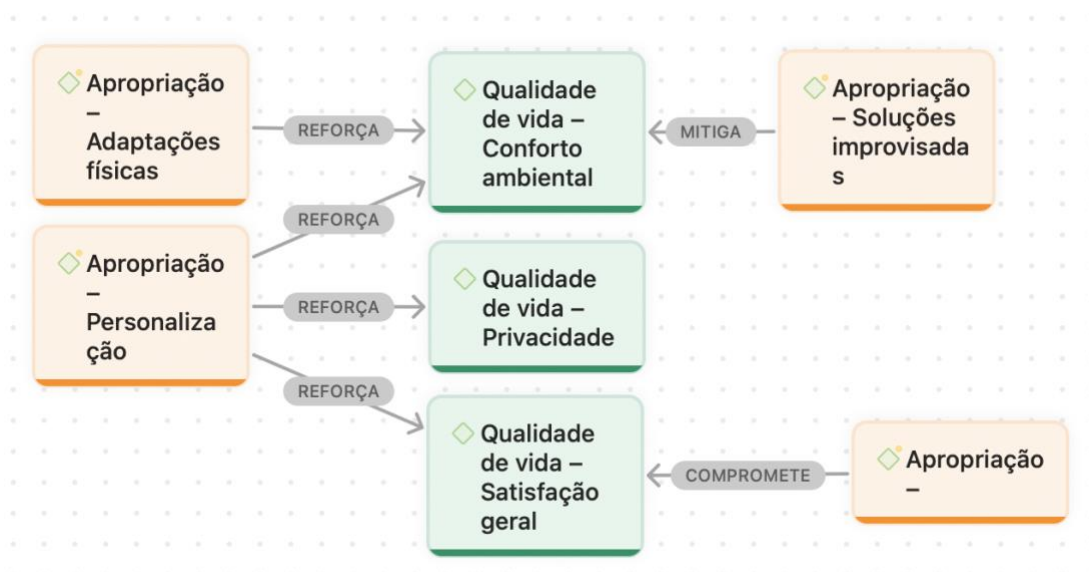
Diferenças de formação e autonomia técnica influenciaram as formas de apropriação. Moradores com formação em Arquitetura demonstraram maior domínio sobre decisões estéticas e funcionais, enquanto outros dependeram mais da gestão para intervenções complexas. Essa variação evidencia o papel do controle ambiental para o bem-estar, indicando que a autonomia percebida sobre o espaço contribui diretamente para a qualidade de vida.

As transformações observadas convergem com o princípio de que a Avaliação Pós-Ocupação (APO) integra aspectos técnicos e psicossociais da habitação (Elali & Veloso, 2006; Ornstein, 2005, 2016). Quando o espaço é rígido, o morador tende a reinterpretá-lo por meio de ações cotidianas (1a–1c) que o tornem mais aderente à rotina e aos afetos. Entretanto, reformas negadas ou suspensas pela gestão evidenciam as restrições (1e) inerentes ao uso público dos imóveis, o que limita a liberdade de modificação. Nesses casos, os moradores recorrem a soluções simbólicas pequenas como decorações e objetos afetivos que reafirmam a dimensão sensorial e identitária do habitar (Pallasmaa, 2006, 2017).

Ou seja, a apropriação na SQN 206 expressa um equilíbrio entre restrição e criação. Reformar (1a), personalizar (1b), improvisar (1c), desejar mudanças (1d) e lidar com limitações (1e) compõem um processo contínuo de mediação entre normas institucionais e experiências pessoais de habitar, com impacto direto na qualidade de vida.

Figura 44

Rede “Apropriação ↔ Qualidade de Vida” (controle ambiental e bem-estar)



Nota. Captura de tela – elaboração própria (Atlas.ti, 2025).

Eixo 2 – Gestão Institucional e Qualidade de Vida

Pergunta 2 – De que forma a gestão institucional interfere na experiência de morar e na percepção de qualidade de vida?

A gestão institucional (5) apareceu como um dos fatores mais determinantes na experiência de morar nos imóveis funcionais da Universidade de Brasília. As falas dos participantes mostraram que o bem-estar cotidiano depende não apenas das condições físicas das habitações, mas também da eficiência administrativa, da comunicação (5a) com a Superintendência de Patrimônio Imobiliário (SPI), da qualidade da manutenção (5b) predial e da percepção de desigualdade (5c) entre os blocos.

Quando o retorno às demandas é ágil e as obras são executadas com qualidade, os moradores relatam maior sensação de segurança, conforto e satisfação. Em contrapartida, a demora na resolução de problemas e a ausência de respostas geram frustração, sentimento de desvalorização e percepção de abandono.

A Figura 45 ilustra essas relações, mostrando que a gestão atua como mediadora entre o espaço físico e a experiência subjetiva de habitar. A manutenção (5b), por exemplo, foi associada a sensações de cuidado e reconhecimento institucional. Em alguns blocos, moradores mencionaram que o reparo de vazamentos ou infiltrações foi realizado de forma rápida e eficaz, o que reforçou a confiança na administração. Em outros, a lentidão e a burocracia nos processos da SPI foram citadas como fatores de desgaste emocional e de redução da satisfação com a moradia.

Também emergiu a percepção de desigualdade (5c) entre blocos funcionais e particulares, tanto nas condições estruturais quanto na atenção dada pela gestão. Essa diferença foi interpretada por alguns moradores como reflexo da distância entre o caráter público dos imóveis e o modo como são administrados. Nos relatos, essa assimetria produziu sentimentos de invisibilidade e de falta de reconhecimento, especialmente entre os que vivem há mais tempo na quadra.

Esses fenômenos revelam que a gestão interfere na qualidade de vida de forma direta, mas também simbólica. As ações de comunicação (5a) e manutenção (5b) ultrapassam o aspecto técnico e passam a representar o vínculo entre a instituição e seus servidores. Quando a relação é percebida como transparente e responsiva, há fortalecimento do sentimento de pertencimento e de confiança coletiva; quando se rompe, instala-se uma sensação de vulnerabilidade e descontinuidade.

A proximidade entre gestão (5) e experiência cotidiana evidencia que a qualidade de vida não depende apenas da infraestrutura, mas também do modo como o ambiente é administrado e das relações institucionais que o sustentam. As falas demonstram que a moradia funcional é também um espaço de negociação entre o público e o privado, onde decisões administrativas moldam o cotidiano e influenciam as formas de apropriação (1) do espaço.

De forma mais ampla, os resultados sugerem que a eficiência da gestão institucional é parte integrante da experiência ambiental. A moradia, enquanto bem público de uso privado, carrega tensões inerentes entre normas administrativas, autonomia individual e senso de pertencimento. Assim, morar em um imóvel funcional significa também lidar com as fronteiras entre gestão (5) e vivência, em que a qualidade de vida (4) depende tanto do espaço construído quanto da qualidade das relações que o sustentam.

Figura 45

Rede “Gestão Institucional ↔ Qualidade de Vida” (segurança e manutenção)



Nota. Captura de tela – elaboração própria (Atlas.ti, 2025).

Eixo 3 – Vizinhança, Pertencimento e Apego ao Lugar

Pergunta 3 – Qual o papel das relações de vizinhança na construção do pertencimento e do apego ao lugar?

As relações de vizinhança (6) mostraram-se centrais na construção do pertencimento (2) e do apego ao lugar (3) entre os moradores dos imóveis funcionais da SQN 206. As entrevistas e observações de campo indicaram que a cooperação comunitária (6c) e o uso dos espaços comuns (6d) são fundamentais para a qualidade de vida (4), pois fortalecem laços de confiança, solidariedade e reconhecimento mútuo. A Figura 46 representa essas interações, evidenciando que a

ajuda entre vizinhos (6a) e o uso coletivo dos pilotis e jardins reforçam o bem-estar, enquanto conflitos (6b) e ruídos revelam tensões entre convivência e defesa territorial.

As narrativas revelaram que o pertencimento (2) é construído a partir da interação social (6), da continuidade das experiências e do compartilhamento de significados. Essa dimensão relacional do apego ao lugar (3) se manifesta na forma como os moradores reconhecem a quadra como parte de sua identidade, expressando familiaridade (2a) e identificação com a quadra (2b). O vínculo com o ambiente, portanto, resulta da integração entre aspectos físicos, simbólicos e afetivos do habitar, sustentado por memórias associadas (2c) e rotinas compartilhadas (Altman & Low, 1992; Elali & Medeiros, 2011; Cavalcante & Nóbrega, 2011; Lewicka, 2011).

Nos relatos, o sentimento de pertencimento extrapolou o espaço privado do apartamento e estendeu-se aos pilotis, jardins e áreas de circulação (6d), frequentemente citados como lugares de encontro e convivência. Esses espaços foram percebidos como extensões simbólicas da moradia, nas quais se constroem trocas sociais, lembranças e hábitos cotidianos. Episódios como crianças aprendendo a andar de bicicleta, moradores reunidos em bazares ou a lembrança da “árvore do abraço” como símbolo de união exemplificam a formação de uma memória coletiva (2c) que ancora o vínculo com o lugar (Giuliani, 2003; Lewicka, 2011)

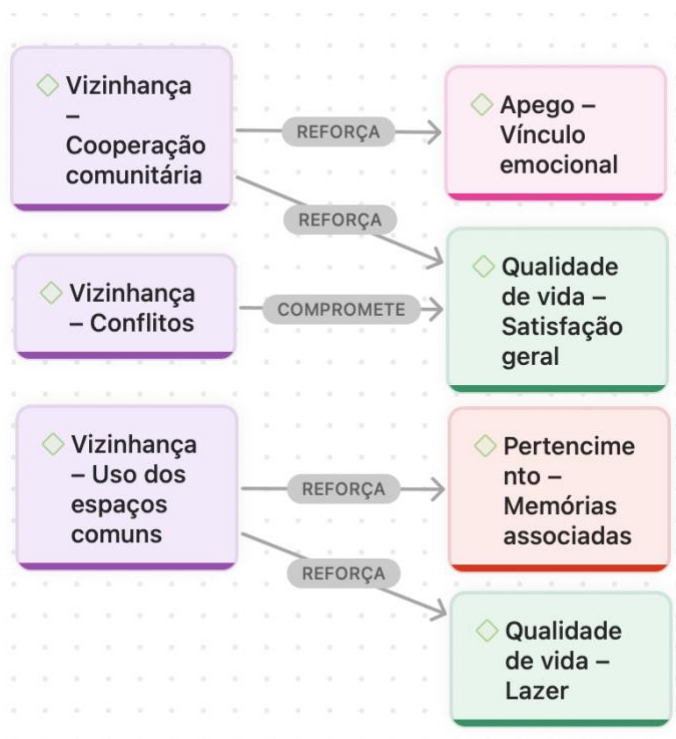
A convivência também revelou dinâmicas de regulação e preservação de fronteiras (6b). Os moradores expressaram o desejo de proximidade, mas, ao mesmo tempo, valorizaram o respeito à privacidade (4b) e aos limites individuais. Essa ambiguidade reflete o equilíbrio entre abertura e reserva, característico da vida em espaços coletivos. O controle da distância interpessoal (6a) e da exposição foi identificado como um dos mecanismos que sustentam o bem-estar na convivência, confirmando a função da privacidade como reguladora das interações sociais (Altman, 1975; Cavalcante & Pinheiro, 2018).

De modo geral, o pertencimento (2) e o apego ao lugar (3) observados na SQN 206 derivam da articulação entre vínculos afetivos (3a), práticas de convivência (6) e apropriação dos espaços comuns (1a–1c). O cotidiano vivido entre apartamentos, pilotis e jardins forma uma rede simbólica de relações que define a identidade local e reforça o sentimento de comunidade.

A Figura 46 sintetiza essas articulações, mostrando que a vizinhança é mais do que um arranjo físico, constituindo uma dimensão essencial do habitar, um campo de trocas, memórias e significados que sustenta a experiência de bem-estar coletivo.

Figura 46

Rede “Vizinhança ↔ Pertencimento e Qualidade de Vida” (relações comunitárias e memória afetiva)



Nota. Captura de tela – elaboração própria (Atlas.ti, 2025).

Eixo 4 – Mobilidade, Permanência e Projeto de Vida

Pergunta 4 – Como o tempo de permanência e as comparações com moradias anteriores influenciam o pertencimento e a qualidade de vida?

A análise das narrativas e observações de campo revelou que a mobilidade residencial (7), e especialmente o tempo de permanência (7a), é um mediador central na experiência de morar nos imóveis funcionais da SQN 206. A permanência prolongada em um mesmo espaço favoreceu a construção de familiaridade (2a), estabilidade e sentimento de lar, fortalecendo o apego ao lugar (3) e a identificação com a quadra (2b). Em contrapartida, trajetórias marcadas por mudanças frequentes (7b) estiveram associadas a vínculos comunitários mais frágeis e menor integração social.

A Figura 47 sintetiza essas relações, mostrando que o tempo (7a) e a continuidade das vivências sustentam a formação de vínculos afetivos e simbólicos. A convivência cotidiana, as rotinas compartilhadas e o reconhecimento entre vizinhos foram citados como elementos que reforçam a sensação de pertencimento (2). Para muitos moradores, permanecer significou mais do que habitar fisicamente o espaço: representou enraizamento, estabilidade emocional e continuidade simbólica em meio às transformações institucionais e urbanas.

Os relatos também evidenciaram que a decisão de permanecer ou mudar está associada a fatores múltiplos (7b), que incluem aspectos pessoais, estruturais e administrativos. Questões familiares, oportunidades de trabalho e insatisfação com a gestão institucional (5) especialmente quanto à manutenção e à percepção de desigualdade foram mencionadas como razões para considerar a mudança. Nessas situações, o pertencimento (2) mostrou-se condicionado tanto às relações afetivas (3a) quanto às condições institucionais de moradia (5). Quando o ambiente é percebido como estável e acolhedor, o vínculo se fortalece; quando a gestão é instável ou as desigualdades se acentuam, cresce a sensação de transitoriedade.

As comparações com moradias anteriores (7c) também influenciaram a avaliação da qualidade de vida (4). Moradores que haviam vivido em imóveis de propriedade própria ou em espaços mais amplos e personalizados destacaram as limitações (1e) e a menor autonomia sobre os imóveis funcionais. Por outro lado, aqueles que valorizavam a localização (4a), o convívio

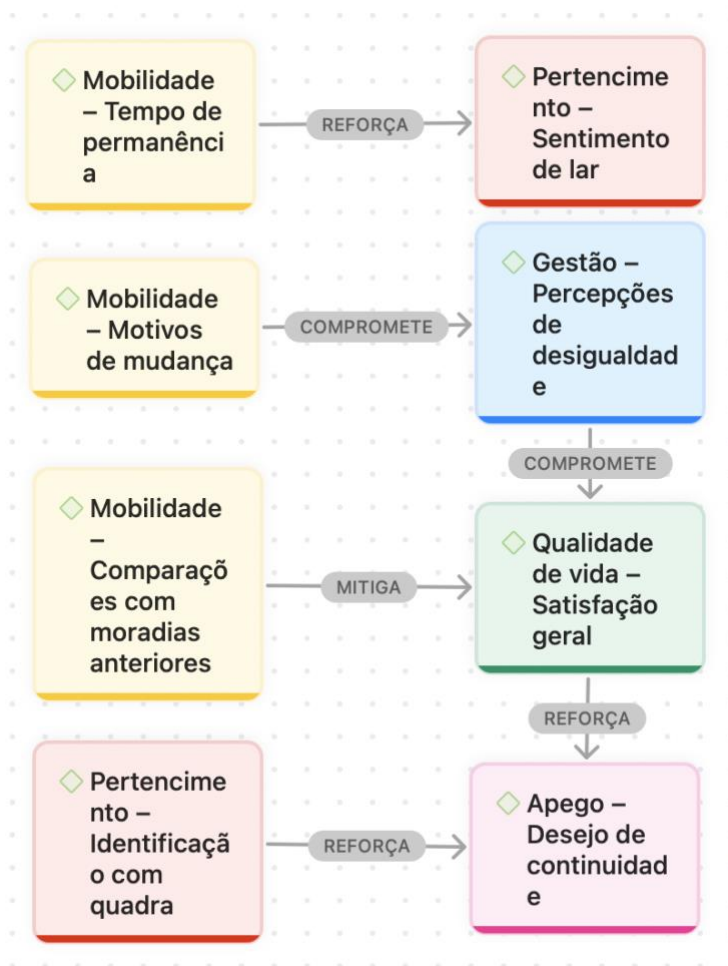
comunitário (6) e a segurança (4c) relataram ganhos simbólicos e afetivos, apontando a vida na quadra como experiência de pertencimento (2) e continuidade (3c). Essa ambivalência expressa o equilíbrio entre restrição e vínculo, entre o morar provisório e o desejo de permanência (3c).

O apego ao lugar (3), nesse contexto, foi sustentado pela familiaridade (2a) e pela rotina, que conferem estabilidade emocional e sentido de continuidade (Lewicka, 2011). O pertencimento (2), por sua vez, emerge da integração entre dimensões funcionais, simbólicas e relacionais da moradia. A experiência de morar na SQN 206 revelou, portanto, que o tempo (7a) atua como eixo estruturador da relação pessoa-ambiente, permitindo que o espaço funcional, mesmo institucional e padronizado, se torne cenário de projetos pessoais e memórias compartilhadas.

De modo mais amplo, a mobilidade (7b) e a permanência (7a) expressam a negociação entre o habitar presente e o projeto de vida futuro. Permanecer ou partir envolve ponderar laços afetivos (3a), estabilidade institucional (5) e expectativas de melhoria (4d), compondo um processo de decisão que ultrapassa o campo físico e alcança o simbólico. O morar, assim, assume caráter dinâmico e reflexivo: não é apenas permanência no espaço, mas continuidade de uma trajetória existencial construída no cotidiano da quadra.

Figura 47

Rede “Mobilidade Residencial ↔ Pertencimento, Gestão e Qualidade de Vida” (tempo, estabilidade e projeto de vida)



Nota. Captura de tela – elaboração própria (Atlas.ti, 2025).

Síntese Integrada

De modo geral, morar nos imóveis funcionais da Universidade de Brasília revelou-se uma experiência ecológica e relacional, atravessada por negociações institucionais, práticas de apropriação criativa, vínculos comunitários e tensões de gestão. As quatro perguntas de pesquisa foram respondidas ao evidenciar que:

Os moradores se apropriam criativamente do espaço, transformando restrições em conforto, identidade e bem-estar. A gestão institucional interfere diretamente na qualidade de vida e no sentimento de pertencimento, mediando o equilíbrio entre manutenção, comunicação e reconhecimento institucional. A vizinhança atua como mediadora da afetividade e da memória coletiva, fortalecendo vínculos simbólicos e o senso de comunidade. O tempo de moradia e as comparações com moradias anteriores moldam o apego e a satisfação com o lugar, articulando o desejo de permanência às condições institucionais e afetivas do habitar.

A experiência de viver nos imóveis funcionais confirma que o morar é simultaneamente material, simbólico e relacional, articulando dimensões físicas, sociais e emocionais na construção do sentido de lar e da qualidade de vida urbana. Compreender a SQN 206, portanto, requer reconhecer sua complexidade ecológica, entendida como prática que combina aspectos arquitetônicos, institucionais e subjetivos, reafirmando a relevância da Psicologia Ambiental para a reflexão sobre o habitar contemporâneo.

A leitura integrada das frequências da Tabela 5 mostrou que, embora Qualidade de vida e Apropriação concentrem a maior densidade de ocorrências, categorias como Gestão institucional e Interação com a vizinhança cumprem papel mediador essencial na experiência de morar. Isso indica que, em contextos habitacionais coletivos e institucionais, a qualidade de vida não se limita às condições ambientais objetivas, mas é construída nas interações entre manutenção, pertencimento e convivência cotidiana. Assim, a frequência deve ser interpretada não como medida quantitativa, mas como mapa da complexidade das experiências residenciais.

Durante a análise, emergiram temas complementares que ampliam a compreensão da vida nos imóveis funcionais. Entre eles, destacaram-se nuances nas percepções de segurança. Mulheres mencionaram maior vulnerabilidade associada à iluminação precária, à ausência de porteiros treinados e a falhas estruturais, enquanto alguns homens expressaram tranquilidade e questionaram

o que chamaram de “cultura do medo”. Ainda que não generalizáveis, essas diferenças sugerem que a segurança é vivida não apenas como condição física, mas também como experiência simbólica e relacional, modulada por gênero, profissão e trajetória no espaço (Lewicka, 2011).

As entrevistas também revelaram práticas comunitárias que extrapolam o uso funcional dos espaços. Iniciativas como bazares, celebrações e o cuidado coletivo com jardins fortaleceram laços de solidariedade e corresponsabilidade, funcionando como formas de pertencimento simbólico. Esses episódios expressam o caráter territorial e relacional do cotidiano, no qual os moradores constroem fronteiras flexíveis entre o público e o privado (6b).

Do ponto de vista espacial, observaram-se gradientes de privacidade criados por divisórias, móveis, cortinas e plantas, que demonstram a busca constante por controle ambiental e conforto. Essas ações confirmam as proposições de Altman (1975) e Sommer (1973) sobre a regulação das interações sociais, e dialogam com a noção de docilidade ambiental (I.A. Günther & Elali, 2018), segundo a qual o ambiente oferece margens de adaptação que permitem ajustar o espaço às necessidades pessoais.

As reorganizações relatadas como criação de closets, ajustes de iluminação e redefinição de usos reforçam o papel da criatividade cotidiana na mediação entre normas institucionais e desejos individuais. Entretanto, parte dessas iniciativas foi interrompida por restrições administrativas ou pela necessidade de autorização da gestão, revelando a face institucional da apropriação e os dilemas de habitar um espaço público e não proprietário (Villa, 2020).

Essas práticas indicam que o morar é também um ato simbólico e expressivo (Pallasmaa, 2006, 2017), no qual o espaço torna-se suporte para afetos, memórias e resistências. Mesmo improvisos simples como o “ursinho contra pombos” ou arranjos feitos para acolher animais de estimação traduzem o esforço de inscrever subjetividade e pertencimento em meio à padronização construtiva.

De forma transversal, o pertencimento mostrou-se mais amplo que o vínculo com o apartamento em si, estendendo-se aos pilotis, jardins e redes de vizinhança que configuram o cotidiano da quadra. Esses espaços coletivos funcionam como lugares de memória e continuidade (Elali & Medeiros, 2011; Giuliani, 2003), onde episódios como a “árvore do abraço” e o aprendizado das crianças nos pilotis simbolizam o apego coletivo e o sentimento de comunidade fenômeno que Altman e Low (1992) descrevem como memória social do lugar.

Observou-se ainda que moradores com formação em Arquitetura ou áreas correlatas apresentaram maior autonomia técnica na resolução de questões estéticas e funcionais, enquanto outros dependiam mais da gestão institucional. Essa diferença reforça a relação entre repertório projetual e senso de controle ambiental (Elali & Pinheiro, 2013), evidenciando como o conhecimento técnico amplia a capacidade de mediação entre o espaço físico e o bem-estar.

Embora o número de participantes seja reduzido, a diversidade de perfis — abrangendo docentes, técnicos, cônjuges, diferentes faixas etárias e tempos de residência — conferiu amplitude interpretativa à análise. Essa heterogeneidade permitiu identificar tanto convergências quanto contrastes nas formas de apropriação, pertencimento e percepção de qualidade de vida. Assim, a força dos resultados reside não na quantidade de casos, mas na densidade das narrativas e na coerência dos padrões emergentes, reafirmando o caráter compreensivo e contextual da pesquisa qualitativa (H. Günther, 2006; Bardin, 2016).

Por fim, os resultados demonstraram que habitar os imóveis funcionais da UnB é mais do que residir em unidades padronizadas: é negociar cotidianamente entre normas e desejos, entre o individual e o coletivo, entre estabilidade e mudança. A SQN 206 emerge como um microcosmo de práticas, vínculos e significados, onde arquitetura, psicologia e gestão institucional se entrelaçam na produção do sentido de lar e na construção da qualidade de vida.

Considerações Finais e Estudos Futuros

A análise realizada na Superquadra 206 Norte permitiu compreender que habitar os imóveis funcionais da Universidade de Brasília envolve uma experiência simultaneamente material, simbólica e relacional. Morar nesses espaços não se reduz ao uso de um bem institucional, mas configura um processo contínuo de negociação entre normas e desejos, entre a padronização do espaço e as práticas criativas que o ressignificam. O habitar revelou-se, assim, uma construção cotidiana em que arquitetura, gestão e subjetividade se entrelaçam, constituindo uma forma singular de vida residencial vinculada ao contexto universitário.

As análises e discussões apresentadas demonstraram que os moradores reinterpretam e adaptam seus espaços, transformando restrições em possibilidades de apropriação e identidade. As adaptações, personalizações e improvisos observados expressam tanto necessidades funcionais quanto modos de afirmação simbólica e pertencimento. O arranjo espacial mostrou-se decisivo na organização da rotina, na regulação da privacidade e no bem-estar, confirmando o papel do espaço como mediador das relações cotidianas, conforme discutem Cavalcante e Elias (2011) e Campos-de-Carvalho (2011). Mesmo em meio a limitações administrativas, os moradores encontraram maneiras de moldar os apartamentos à sua realidade e a seus projetos de vida.

O pertencimento e o apego ao lugar emergiram como dimensões centrais da experiência residencial. As narrativas revelaram vínculos que ultrapassam o espaço privado e se estendem aos pilotis, jardins e relações de vizinhança, sustentados por memórias compartilhadas e práticas coletivas. A permanência e a familiaridade construídas ao longo do tempo consolidaram laços afetivos, mesmo diante do caráter institucional que tende à transitoriedade. Esses achados dialogam com Lewicka (2011), ao apontar que o apego ao lugar persiste em contextos de mobilidade, e com Altman e Low (1992), que descrevem o apego como vínculo coletivo, estruturado por experiências e memórias sociais.

A Avaliação Pós-Ocupação (APO) mostrou-se um instrumento valioso para compreender as relações entre ambiente físico, gestão institucional e qualidade de vida. A escuta das experiências dos moradores evidenciou que o bem-estar depende não apenas das condições arquitetônicas, mas também das práticas de manutenção, comunicação e reconhecimento institucional. Essa perspectiva se alinha ao que defendem Elali e Veloso (2006), Villa e Ornstein (2013) e Ornstein (2009), ao enfatizarem a importância de incorporar dimensões psicossociais à APO e de integrar o olhar do usuário à avaliação do desempenho habitacional.

A articulação entre Psicologia Ambiental e Arquitetura, destacada por Ornstein (2005), mostrou-se essencial para compreender o habitar em sua complexidade. Ao analisar o uso real do espaço e as transformações promovidas pelos moradores, a pesquisa evidenciou a arquitetura como processo vivo, moldado pelas experiências e pelas práticas de apropriação. Essa perspectiva reforça a importância de incluir dimensões humanas e simbólicas nas políticas e gestões habitacionais, de modo que o ambiente projetado possa responder melhor às múltiplas formas de habitar.

As interpretações apresentadas também dialogam com a noção de *dwelling* proposta por Saegert (1985), segundo a qual o habitar é um processo de construção de vínculos e significados. No contexto estudado, a moradia funcional ultrapassa seu caráter administrativo, tornando-se espaço de continuidade, de identificação e de construção coletiva de sentidos. Assim, o que poderia ser apenas um imóvel público revela-se um território de pertencimento e de elaboração simbólica da vida cotidiana.

Desafios e aprendizados de campo

O trabalho de campo apresentou desafios que também se configuraram como oportunidades metodológicas. A dificuldade de acesso a alguns moradores, a necessidade de conciliar rotinas e horários distintos e a percepção de que a pesquisa se vinculava à gestão institucional exigiram atenção ética e flexibilidade. A coleta de dados foi, portanto, um processo

gradual, construído por meio da escuta e da adaptação. Ajustes no roteiro de entrevistas e nas formas de abordagem mostraram-se fundamentais para preservar a confiança e favorecer a espontaneidade das narrativas.

Essas experiências reforçaram a importância da postura reflexiva do pesquisador, conforme propõem Bardin (2016) e H. Günther (2006). A interação com os participantes e a observação das situações vividas ampliaram a compreensão do habitar como fenômeno situado, no qual o pesquisador também é parte do processo interpretativo. O campo revelou-se, assim, não apenas espaço de coleta, mas de construção conjunta de sentidos, onde o diálogo entre pesquisador e moradores tornou-se elemento central para compreender a experiência habitacional.

Contribuições e estudos futuros

A pesquisa contribui para preencher uma lacuna teórica e empírica sobre os imóveis funcionais universitários, um tema ainda pouco explorado na Psicologia Ambiental. Ao integrar os conceitos de apropriação, pertencimento, apego e qualidade de vida sob a perspectiva da Avaliação Pós-Ocupação, o estudo demonstra a importância das abordagens qualitativas para compreender o habitar em profundidade e contexto. Reconhecer os imóveis funcionais como espaços de vida, e não apenas como patrimônio público, significa também reconhecer o direito de habitar com dignidade, autonomia e sentido.

Os resultados indicam que a qualidade de vida está ligada não apenas à infraestrutura, mas também à liberdade de personalizar o ambiente e de exercer controle sobre ele. A experiência na SQN 206 evidencia que o espaço institucional pode, apesar das limitações, tornar-se um lugar de pertencimento, desde que as políticas de gestão reconheçam os moradores como agentes ativos na produção do ambiente habitado.

Para estudos futuros, recomenda-se ampliar a análise para outras modalidades de moradia imóveis próprios, alugados e funcionais de diferentes instituições, tanto dentro quanto fora do Plano

Piloto, e, quando possível, em outras cidades. Essa ampliação permitirá comparações entre contextos e a identificação de convergências e contrastes nas formas de apropriação e pertencimento. Sugere-se também o aprofundamento de metodologias participativas e de práticas de APO que integrem a escuta dos usuários às etapas de planejamento, projeto e gestão.

Compreender o habitar funcional é compreender a relação entre espaço, instituição e subjetividade. O desafio que se impõe para futuras pesquisas e políticas habitacionais é garantir que as moradias, públicas ou privadas, sejam ambientes capazes de acolher rotinas, histórias e identidades, promovendo condições de pertencimento, bem-estar e continuidade simbólica do lar.

Referências

- Abiko, A. K., & Ornstein, S. W. (2002). *Inserção urbana e avaliação pós-ocupação (APO) da habitação de interesse social*. In A. K. Abiko & S. W. Ornstein (Orgs.), *Coletânea Habitare: Inserção urbana e avaliação pós-ocupação (APO) da habitação de interesse social* (Vol. 1, pp. 11–20). São Paulo: FAU-USP/FINEP/HABITARE.
- Disponível em: https://www.caixa.gov.br/Downloads/desenvolvimento-urbano-habitacao/Coletanea_Habitare_Volume_1.pdf.
- Agência IBGE Notícia. (2024). Censo 2022: Cerca de oito a cada dez pessoas moravam em casas, mas cresce proporção de moradores em apartamentos. Agência de Notícias IBGE. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39239-censo-2022-cerca-de-oito-a-cada-dez-pessoas-moravam-em-casas-mas-cresce-proporcao-de-moradores-em-apartamentos>.
- Albuquerque, D. S., & Günther, I. A. (2019). Onde a casa mora em nós? In M. I. G. Higuchi, A. Kuhnen, & C. Pato (Orgs.), *Psicologia ambiental em contextos urbanos* (pp. 17–28). Florianópolis: Edições do Bosque/CFH/UFSC.
- Altman, I. (1975). *The environment and social behavior: Privacy, personal space, territory, crowding*. Monterey, CA: Brooks/Cole. <https://archive.org/details/environmentsocia0000altm>.
- Altman, I., & Low, S. M. (Eds.). (1992). *Place attachment*. New York, NY: Plenum Press.
- <https://doi.org/10.1007/978-1-4684-8753-4>.
- Associação dos Docentes da Universidade de Brasília. (2023, 24 de julho). *Moradores de imóveis funcionais da UnB se mobilizam contra Resolução do CAD*. ADUnB.
- <https://adunb.org/conteudo/2550/moradores-de-imoveis-funcionais-da-unb-se-mobilizam-contraresolucao-do-cad>.

- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço* (A. C. Leal & L. V. S. Leal, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1958).
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Edições 70.
- Bonaiuto, M., & Alves, S. M. (2012). Residential places and neighbourhoods: Toward healthy life, social integration and reputable residence. In S. Clayton (Ed.), *The Oxford handbook of environmental and conservation psychology* (pp. 221–247). Oxford University Press.
- Brasil. (1993). *Decreto nº 980, de 11 de novembro de 1993*. Dispõe sobre a cessão e uso de imóveis residenciais de propriedade da União. Diário Oficial da União.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d980.htm.
- Caldeira, T. P. R. (2000). *City of Walls: Crime, segregation, and citizenship in São Paulo*. University of California Press.
- Campos-de-Carvalho, M. I. (2011). *Arranjo espacial*. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), *Temas básicos de Psicologia Ambiental* (pp. 70–82). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Carpiano, R. M. (2009). Come take a walk with me: The “Go-Along” interview as a novel method for studying the implications of place for health and well-being. *Health & Place*, 15(1), 263–272.
<https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2008.05.003>
- Cavalcante, S., Elias, T. F. (2011). *Apropriação*. In S. Cavalcante & G. A. Elali. (Orgs.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 63–69). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cavalcante, S., & Pinheiro, J. Q. (2018). *Privacidade*. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp. 197–203). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal – CAU/DF (2020, 1 de dezembro). 5º Selo – SQN 206, Bloco I. <https://www.caudf.gov.br/5o-selo-sqn-206-bloco-i/>.

Correio Braziliense. (2025, agosto 15). Assembleia de servidores técnicos da UnB decide por manter a greve. Correio Braziliense. <https://www.correio braziliense.com.br/euestudante/ensino-superior/2025/08/7227500-assembleia-de-servidores-tecnicos-da-unb-decide-por-manter-a-greve.html>.

Diário Oficial da União. (1961). Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Dispõe sobre a instituição da Fundação Universidade de Brasília. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l3998.htm

Distrito Federal. (2012). Lei nº 4.757, de 7 de fevereiro de 2012. Dispõe sobre o fechamento do Eixo Rodoviário de Brasília (Eixão) aos domingos e feriados, para uso exclusivo de pedestres, ciclistas e atividades de lazer. Diário Oficial do Distrito Federal, 8 fev. 2012. Recuperado de https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/70576/Lei_4757_2012.html.

Elali, G. A. (2006). Mais Do Que Paredes: algumas considerações sobre aspectos subjetivos da habitação. II Congresso Brasileiro e Iberoamericano de Habitação Social – Ciência e Tecnologia.

Elali, G. A., & Veloso, M. (2006). Avaliação pós-ocupação e processo de concepção projetual em arquitetura: uma relação a ser melhor compreendida. In Anais do Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC/NUTAU 2006. Universidade de São Paulo. Disponível em: https://projedata.grupoprojetar.ct.ufrn.br/dspace/bitstream/handle/123456789/1350/Nuta_u%202006_%20ELALI%20e%20VELOSO.pdf?isAllowed=y&sequence=1

Elali, G. A., & Medeiros, S. C. (2011). Apego ao lugar. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), *Temas básicos de Psicologia Ambiental* (pp. 53–62). Petrópolis, RJ: Vozes.

Elali, G. A., Pinheiro, J. Q. (2003). Edificando Espaços, Enxergando Comportamentos: Por Um Projeto Arquitetônico Centrado Na Relação Pessoa-Ambiente. In F. Lara & S. Marques(Orgs.).

- Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto (pp. 130-142). Rio de Janeiro: Dos Autores. ISBN: 85-89664-03-1.
- Elali, G. A., Pinheiro, J. Q. (2013). Analisando a experiência do habitar: algumas estratégias metodológicas. In S. B. Villa & S. W. Ornstein (Orgs.). *Qualidade Ambiental na Habitação: Avaliação Pós-Ocupação* (pp. 15-35). São Paulo: Oficina de textos. ISBN: 978-85-7975-076-2.
- Felippe, G. M. (2010). Casa: uma poética da terceira pele. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 101–108. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000200010>.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed.). Artmed.
- Ferreira, M. M., & Gorovitz, M. (2020). *A invenção da superquadra* (2ª ed.). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, IPHAN.
- Galvão, C. L. B., Ornstein, S. W., & Ono, R. (2016). Avaliação Pós-Ocupação em empreendimentos habitacionais. In S. B. Villa & S. W. Ornstein (Orgs.), *Qualidade Ambiental na Habitação: Avaliação Pós-Ocupação*. São Paulo: Oficina de Textos.
- Giuliani, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee, & M. Bonaiuto (Eds.), *Psychological theories for environmental issues* (pp. 137–170). Ashgate. <https://doi.org/10.4324/9781315245720-11>.
- Google. (2024). Google Earth [Software]. <https://earth.google.com/>.
- Goulart, F. D. M. (2017). *A contribuição da arborização urbana para a mobilidade ativa*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/33014>.
- Governo do Distrito Federal. (1991). *Decreto n. 12.836, de 7 de junho de 1991*. Dispõe sobre a utilização do Eixo Rodoviário aos domingos e feriados para lazer. Brasília, DF.
- Günther, H. (2003). *Como elaborar um questionário*. Série Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 01. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia Ambiental.

Disponível em:

<https://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/2s2006/epistemico/01Questionario.pdf>

Günther, H. (2003). Mobilidade e affordance como cerne dos estudos pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(2), 141–150. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200009>.

Günther, H. (2004). *Como elaborar um relato de pesquisa* (Série Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 02). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/242208527_Como_Elaborar_um_Relato_de_Pesquisa

Günther, H. (2005). A Psicologia Ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento. *Psicologia USP*, 16(1/2), 179-183. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100019>.

Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201–210. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>.

Günther, I. A., & Elali, G. A. (2018). *Docilidade ambiental*. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp. 47–59). Petrópolis, RJ: Vozes.

Hauge, A. L. (2007). Identity and Place: A critical comparison of three identity theories. *Architectural Science Review*, 50, 44-51. <https://doi.org/10.3763/asre.2007.5007>.

Hidalgo, M. C., & Hernández, B. (2001). Place attachment: Conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21(3), 273–281. <https://doi.org/10.1006/jevp.2001.0221>

Higuchi, M. I. G., & Theodorovitz, J. (2011). Territorialidade. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), *Temas básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 228–236). Petrópolis: Vozes.

- Imai, C. (2016). A participação dos usuários nos processos avaliativos: Metodologia e resultados. In S. B. Villa & S. W. Ornstein (Orgs.), *Qualidade ambiental na habitação: Avaliação pós-ocupação* (2ª ed., pp. 73–92). São Paulo: Oficina de Textos.
- Jacobs, J. (1961) *Life and Death of Great American Cities*, (2a ed.) New York: Vintage Books.
- Kaplan, R., & Kaplan, S. (1989). *The experience of nature: A psychological perspective*. Cambridge University Press.
- Kuhnen, A., Felipe, M. L., Luft, C. D. B., & Faria, J. G. (2010). A importância da organização dos ambientes para a saúde humana. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 538-547.
- Lewicka, M. (2011). *Place Attachment: How Far Have We Come in the Last 40 Years?* *Journal of Environmental Psychology*, 31(3), 207-230. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.10.001>.
- Lourau, R. (1993). *Análise institucional e práticas de psicologia*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Moser, G. (2018). *Introdução à psicologia ambiental: Pessoa e ambiente* (L. G. P. Cascais, Trad.). Alínea.
- Minayo, M. C. S. de Souza. (2012). *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621–626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.
- Mueller, G. P. (2019). *Apartamentos funcionais em Brasília: Os blocos residenciais militares* (Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília). Universidade de Brasília.
- Odorizzi. (2024, 6 de março). Como TRANSCREVER ÁUDIO em TEXTO com IA [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=9prLBRpwZ78>.
- Ornstein, S. W. (2005). Arquitetura, urbanismo e psicologia ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. *Psicologia USP*, 16(1-2), 155-165. Recuperado de <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v16n1-2/24653.pdf>.

Ornstein, S. W. (2016). *Com os usuários em mente: um desafio para a boa prática arquitetônica?*

PARC: Pesquisa em Arquitetura e Construção, 7(3), 189–197. Recuperado de

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8647437>

Pallasmaa, J. (2006). *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos* (K. M. Moscatelli, Trad.). São

Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 2005).

Pallasmaa, J. (2017). *Habitar*. São Paulo: Gustavo Gili.

Portal da Transparência, Controladoria-Geral da União. (2024). *Imóveis funcionais*. Controladoria-

Geral da União. <https://portaldatransparencia.gov.br/entenda-a-gestao-publica/imoveis-funcionais>.

Preiser, W. F. E., Rabinowitz, H. Z., & White, E. T. (1988). *Post-Occupancy Evaluation*. New York: Van Nostrand Reinhold.

Rabinowitz, H.Z. (1984). Avaliação Pós-Ocupação. In Snyder, J.C. & Catanese, A J. (Orgs.). *Introdução a Arquitetura*. Rio de Janeiro: Campus, p. 395-411.

Reis, Carlos Madson; Ribeiro, Sandra Fernandes; Pinto, Francisco Ricardo Costa (orgs.). *Superquadra de Brasília: preservando um lugar de viver*. Brasília: IPHAN, 2015. 99 p.

<https://bibliotecadigital.iphan.gov.br/handle/123456789/456>.

Restany, P. (1998). *Hundertwasser: O pintor das cinco peles*. Lisboa: Taschen.

Rheingantz, P. A., & Pedro, R. M. L. R. (2016). A atuação do observador-pesquisador na avaliação de habitação. In S. B. Villa & S. W. Ornstein (Orgs.), *Qualidade ambiental na habitação:*

Avaliação pós-ocupação (2ª ed., pp. 37–56). São Paulo: Oficina de Textos.

Roméro, M. de A., & Ornstein, S. W. (Coords.). (2003). *Avaliação pós-ocupação: Métodos e técnicas aplicados à habitação social*. Programa de Tecnologia da Habitação. Habitare.

- Saegert, S. (1985). The role of housing in the experience of dwelling. In I. Altman & C. M. Werner (Eds.), *Home environments* (pp. 287–309). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4899-2266-3_13.
- Silva, A. M. S. (2018). Sentimentos de Pertencimento e Identidade no Ambiente Escolar. *Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas*, v. 8, n. 16, p. 130-141, jul./dez.
- Silva, C. M. (2019). *Você tem medo de quê? Percepção de insegurança na vizinhança*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/342663207_Voce_tem_medo_de_que_Percepcao_de_inseguranca_na_vizinhanca
- Sommer, Robert. (1973). Espaço pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos. São Paulo. EPU, Ed. da Universidade de São Paulo.
- SPI. Secretaria de Patrimônio Universitário. (2024) www.spi.unb.br.
- Stake, R. E. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks, CA: Sage. <https://archive.org/details/artofcasestudyre0000stak>.
- Universidade de Brasília. Conselho de Administração. (2023, 8 de maio). Resolução nº 0029/2023: Dispõe sobre a administração de edifícios residenciais de propriedade da Universidade de Brasília por Administração de Compossuidores, e dá outras providências. Boletim de Atos Oficiais da UnB. https://sei.unb.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=10839498&id_orgao_publicacao=0.
- Universidade de Brasília. Conselho Diretor. (2016). Resolução nº 001/2016: Aprova valores de referência da taxa de ocupação de imóveis residenciais destinados ao uso de servidores docentes e técnico-administrativos. Universidade de Brasília. <https://imoveisunb.unb.br/images/Legislacao/Resolucao-001-2016.pdf>.

Universidade de Brasília. Conselho Diretor. (2016). Resolução nº 003/2016: Aprova novos valores de referência da taxa de ocupação de imóveis residenciais destinados ao uso de servidores docentes e técnico-administrativos. Universidade de Brasília.

<https://imoveisunb.unb.br/images/Legislacao/Resolucao-003-2016.pdf>.

Universidade de Brasília. Conselho Diretor. (2016). Resolução nº 005/2016: Normas referentes à ocupação de imóveis residenciais de propriedade da Fundação Universidade de Brasília – FUB, destinados à moradia de seus servidores. Universidade de Brasília.

<https://imoveisunb.unb.br/images/Legislacao/Resolucao-005-2016.pdf>.

Universidade de Brasília. Conselho Diretor. (2019). Resolução nº 001/2019: Aprova a adequação das regras de desconto do valor do aluguel de imóveis residenciais de propriedade da Fundação Universidade de Brasília (FUB) alugados por servidores docentes e técnico-administrativos.

Universidade de Brasília. <https://imoveisunb.unb.br/images/Legislacao/Resolucao-001-2019.pdf>.

Universidade de Brasília. Conselho de Administração. (2025). Resolução CAD nº 0017/2025: Revoga a Resolução CAD nº 0029/2023, que dispôs sobre a administração de edifícios residenciais de propriedade da Universidade de Brasília por Administração de Compossuidores.

Universidade de Brasília.

<https://imoveisunb.unb.br/images/COB/RESOLUO%20CAD%20N%20 0017 2025%20REVOG AO%20DOS%20COMPOSSUIDORES%201.pdf>.

Universidade de Brasília. (2014). Relatório de gestão 2014. Fundação Universidade de Brasília.

Recuperado de

https://dpo.unb.br/images/phocadownload/documentosdegestao/relatoriogestao/Relatorio_Gestao_2014.pdf

Universidade de Brasília. (2023). Relatório de gestão 2023. Fundação Universidade de Brasília.

Recuperado de https://dpo.unb.br/images/dpl/2024/Relatorio_de_Gesto_UnB_2023.pdf

Universidade de Brasília. (2024). Relatório de gestão 2024. Fundação Universidade de Brasília.

Recuperado de https://dpo.unb.br/images/dpl/2025/RG_UnB_2024_links_ativos.pdf

Veloso, P. H. N., Delgrossi, M. E., Cabello, A. F., & Fortes, J. A. A. de S. (2024). Avaliação do desempenho da gestão imobiliária da Universidade de Brasília. *Revista de Gestão e Secretariado - GeSec*, 15(10), 1–25.

Villa, S.B., Ornstein, S.W., (2013). Qualidade ambiental na habitação - avaliação pós-ocupação. ISBN 978-85-7975-076-2. Oficina de Textos, São Paulo.

Villa, S. B., Saramago, R. C. P., & Garcia, L. C. (2016). Desenvolvimento de Metodologia de Avaliação Pós-Ocupação do Programa Minha Casa Minha Vida: Aspectos Funcionais, Comportamentais e Ambientais. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Brasília. ISSN 1415-4765.
https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7196/1/td_2234.pdf

Villa, S. B., Saramago, R. C. P., & Araújo, D. C. (2018). Avaliação pós-ocupação no ensino de projeto de arquitetura: uma experiência didático-pedagógica na disciplina “Atelier de Projeto Integrado V”. *Gestão & Tecnologia de Projetos*, 13(1), 7–20.
<https://doi.org/10.11606/gtp.v13i1.124496>.

Villa, S. B. (2020). Morar em apartamento. São Paulo: Oficina de Textos.

Wilbert, M. D., Morgan, B. F., Amarante, T. M., & Costa, A. J. B. (2024, novembro). *Facility management: cálculo da taxa de administração de imóveis da Universidade de Brasília*. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Custos, São Paulo, Brasil.

WHOQOL Group. (1995). The World Health Organization Quality of Life assessment (WHOQOL): Position paper from the World Health Organization. *Social Science & Medicine*, 41(10), 1403–1409. [https://doi.org/10.1016/0277-9536\(95\)00112-K](https://doi.org/10.1016/0277-9536(95)00112-K)

Zimring, C. (2001). Post occupancy Evaluation: issues and implementation. In: Bechtel, R.;

Churchman, A. Handbook of Environmental Psychology. New York: John Wiley & Sons, Inc.

APÊNDICE A – Glossário de siglas e termos utilizados

Sigla/Termo	Definição
APO – Avaliação Pós-Ocupação	Metodologia utilizada para analisar a experiência dos usuários em edificações já habitadas, considerando aspectos funcionais, ambientais e simbólicos.
Bloco	Edifício residencial que compõe as superquadras do Plano Piloto de Brasília. Cada superquadra possui múltiplos blocos residenciais, com quatro pavimentos, pilotis e áreas comuns.
CAD – Conselho de Administração da UnB	Instância deliberativa da Universidade de Brasília responsável por decisões administrativas, incluindo autorizações de reformas nos imóveis funcionais.
<i>Calendly</i>	Plataforma digital de agendamento on-line utilizada para marcar entrevistas de forma autônoma pelos participantes, com envio automático de lembretes por e-mail e SMS.
CGU – Controladoria-Geral da União	Órgão de controle interno do Poder Executivo Federal, responsável por auditoria, fiscalização e promoção da transparência na administração pública.
Eixão – Eixo Rodoviário Norte-Sul	Via expressa de seis pistas que corta o Plano Piloto no sentido longitudinal, separando as Asas Norte e Sul. Aos domingos e feriados, é fechada ao tráfego e convertida em espaço de lazer, o “Eixão do Lazer”.
Eixinho – Eixo de Ligação Interna	Via paralela ao Eixão, de menor porte, responsável por distribuir o tráfego local e conectar as superquadras às vias principais.
GDF – Governo do Distrito Federal	Entidade administrativa responsável pela gestão política e territorial do Distrito Federal.
NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil	Empresa pública criada em 1956 para planejar, executar e manter obras de urbanização e infraestrutura em Brasília. Atua também na conservação de áreas verdes e vias públicas.
Pilotis	Espaço térreo livre e coletivo nos edifícios residenciais do Plano Piloto, destinado à circulação e à convivência comunitária.

Plano Piloto	Projeto urbanístico de Brasília, elaborado por Lúcio Costa, que organiza a cidade em quatro escalas — monumental, gregária, residencial e bucólica — e define o sistema de superquadras.
Quadra 700	Conjunto de quadras residenciais localizadas entre o Eixinho e o Lago Paranoá, caracterizadas por casas geminadas e maior diversidade tipológica.
SLU – Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal	Autarquia vinculada ao GDF, responsável pela coleta de resíduos e limpeza pública no Distrito Federal.
SPI/UnB – Superintendência de Patrimônio Imobiliário da Universidade de Brasília	Unidade administrativa encarregada da gestão, manutenção e cessão dos imóveis funcionais destinados a docentes e técnicos da UnB.
SQN – Superquadra Norte	Unidade residencial localizada na Asa Norte do Plano Piloto de Brasília, composta por blocos residenciais sobre pilotis, áreas verdes e equipamentos coletivos.
SQS – Superquadra Sul	Unidade residencial da Asa Sul do Plano Piloto, semelhante à SQN em configuração e função habitacional.
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	Documento ético assinado pelos participantes, garantindo ciência dos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa.
UnB – Universidade de Brasília	Instituição pública federal de ensino superior, fundada em 1962, com papel central na formação acadêmica e na gestão de imóveis funcionais.
<i>Walkalong</i>	Técnica de entrevista qualitativa em que o pesquisador acompanha o participante em deslocamento por um espaço significativo, observando e registrando suas percepções e narrativas in loco.
WHOQOL – World Health Organization Quality of Life Instrument	Instrumento desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para avaliar a qualidade de vida em múltiplas dimensões.

Nota. As definições apresentadas foram elaboradas a partir de fontes institucionais (CGU, UnB, SPI, GDF, NOVACAP, SLU) e bibliográficas (Villa & Ornstein, 2013; WHOQOL Group, 1995). O glossário busca esclarecer siglas e termos recorrentes no texto, preservando a clareza e a precisão conceitual.

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevistas

Preenchimento do TCLE

Começar a gravar

Contexto Inicial

Há quanto tempo você reside aqui neste imóvel?

Onde residia antes?

Você é de Brasília?

Espaço, Estrutura e Conforto

O tamanho e a disposição dos ambientes atendem bem às suas necessidades? Há algum espaço que poderia ser melhor?

Como você avalia a iluminação natural e a ventilação do apartamento?

Como você avalia a qualidade da construção e das instalações (elétrica, hidráulica, esgoto)?

O barulho vindo dos vizinhos, da rua ou de outras fontes externas costuma atrapalhar?

O barulho vindo de outros cômodos dentro do apartamento costuma atrapalhar?

Rotina e Uso dos Espaços

Quais são os espaços que você mais utiliza no dia a dia?

Eles funcionam bem para suas atividades: descanso, estudo, trabalho ou lazer?

Apropriação

Você fez alguma adaptação no apartamento? Qual foi o motivo?

Gostaria de fazer mais alguma adaptação?

Como você escolheu móveis e decoração? Foi sozinha(o) ou com ajuda de alguém?

Satisfação com a Moradia

Se eu perguntar a primeira coisa que vem à sua mente, o que mais gosta neste ambiente?

Se pudesse mudar algo para melhorar o imóvel, o que mudaria?

Você recomendaria este local (quadra, edifício) para alguém próximo? Por quê?

Você está satisfeito(a) de morar neste apartamento?

Apego ao Lugar

Você já pensou em sair daqui? Se sim, o que fez você permanecer até hoje?

Caso você fosse obrigado a se mudar, do que mais sentiria falta - do apartamento ou da vizinhança?

Se você pudesse mudar para um imóvel funcional em outra quadra da Asa Norte, com as mesmas condições do apartamento, você se mudaria?

Comparação Moradia Anterior

Como este apartamento se compara ao local onde você morava antes?

Melhor Parecido/Igual Pior

O que mais mudou na sua experiência ao mudar para este lugar?

O deslocamento até o trabalho ou outros locais aumentou, diminuiu ou se manteve?

E o relacionamento com os vizinhos aqui é diferente da moradia anterior?

Segurança e Privacidade

Como você avalia a segurança das áreas comuns do edifício?

Como você avalia a privacidade dentro do apartamento — tanto em relação aos vizinhos quanto entre os próprios moradores?

Interação com a Vizinhança

Como você descreveria a relação com os vizinhos?

Existem eventos sociais organizados por vocês?

Como você avalia as áreas comuns (jardins, quadras, local de convivência)?

Como você avalia os serviços e a infraestrutura próximos (escolas, postos de saúde, transporte público)?

Bem-Estar

Você se sente descansado(a) diariamente?

Como você avalia seu humor e bem-estar nos últimos 6 meses?

Ao chegar em casa, você costuma se sentir à vontade ou há algo no ambiente que incomoda ou preocupa?

Lazer

Você costuma sair? Com que frequência?

E viajar para lazer? Com que frequência?

Para onde costuma ir?

Perfil Sociodemográfico

Idade: _____

Gênero: _____

Estado civil: _____

Escolaridade: _____

Ocupação: _____

Composição familiar: _____

Tipo do imóvel: Próprio Funcional Alugado Cedido

Alguma observação adicional que queira acrescentar?

FIM DA GRAVAÇÃO

Gostaria de pedir de forma voluntária envio de uma ou mais fotos do seu apartamento. Pode ser algo o local que você mais utiliza no dia a dia, o espaço que você reformou ou registrar um lugar que represente um incômodo. As imagens ajudam a complementar o que você compartilhou na entrevista e serão usadas somente para fins acadêmicos, com anonimato garantido. Você pode enviar pelo meio que preferir (*WhatsApp*, e-mail etc.)

ENCERRAMENTO

Agradeço por compartilhar suas experiências. Suas respostas serão fundamentais para compreender a vivência dos moradores da 206 norte. Muito obrigada!

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Habitações e Qualidade de Vida em Brasília”, realizada por Marina Paixão de Oliveira Cosso, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – UnB.

O objetivo da pesquisa é ouvir sua experiência em sua habitação e em sua vizinhança. Sua participação consiste em uma entrevista presencial, com duração estimada na média de 60 minutos, em horário a ser combinado.

Sua identidade será preservada e nenhuma informação que permita sua identificação será divulgada. A participação é voluntária, sem custos nem compensações financeiras, e você pode desistir a qualquer momento, sem prejuízos e você também pode recusar-se a responder perguntas que causem desconforto. Os desconfortos são mínimos, como falar de aspectos pessoais ou por ser gravado(a) durante a entrevista.

Caso aceite, o(a) participante poderá enviar uma ou mais imagens do seu ambiente residencial, para fins de análise complementar na pesquisa. Todos os dados coletados serão usados exclusivamente para fins acadêmicos, mantidos sob guarda da pesquisadora por cinco anos, e posteriormente destruídos. Os resultados poderão ser apresentados em eventos e publicações científicas, sem identificar os participantes.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficar com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) senhor(a).

Para dúvidas, entre em contato com:

Marina Paixão; (61) 98199-5297 | marinapaixaocosso@gmail.com

Professor orientador Hartmut Günther | hartmut.gunther@me.com

Declaro que li, compreendi e concordo com as informações acima:

Sim, quero participar.

Não, prefiro deixar para outra oportunidade.


Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, ___ de _____ de _____


Desde já, agradecemos sua colaboração!


APÊNDICE D – Página de Agendamento – *Calendly*



Marina Paixão Cosso

Entrevistas - morador SQN 206

 1 h

 SQN 206

Queremos ouvir a sua experiência de morar na SQN 206 | Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade de Brasília

- Pesquisadora responsável: Marina Paixão. marinapaixaocosso@gmail.com; 61 9899-5297 | Professor orientador: Hartmut Günther hartmut.gunther@me.com; 61 9221-


[Configurações de cookies](#) Denunciar abuso

DESENVOLVIDO POR
Calendly

Escolha uma data e horário

< junho 2025 >

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Fuso horário
 Horário de Brasília (15:06) ▼

[Resolução de problemas](#) ⓘ

APÊNDICE E – Convite para *WhatsApp* e Versão Panfleto – frente e verso

CONVITE PARA PESQUISA

→ Você mora na SQN 206?
Queremos ouvir a sua experiência!

Por que participar?

- Sua experiência ajuda a construir uma pesquisa inédita sobre a realidade das moradias funcionais em Brasília
- Contribui para que a voz dos moradores seja considerada em pesquisas futuras, valorizando a sua vivência

Duração e local

Entre 40 min a 60 min; No pilotis do seu bloco ou em local de sua preferência, em horário combinado.

Agende dia e horário pelo link abaixo ou envie um e-mail e combinamos o melhor horário para você!

Marina Paixão de Oliveira Cosso

Pesquisadora em Psicologia – Universidade de Brasília
Contato: marinapaixaocosso@gmail.com

Professor orientador: Hartmut Günther

Contato: hartmut.gunther@me.com
Laboratório de Psicologia Ambiental (LPA/UnB)

Sua vivência faz toda a diferença!

NORTE

Superquadras

206



CONVITE PARA PESQUISA

→ Você mora na SQN 206?
Queremos ouvir a sua experiência!

Queremos entender **como é viver na SQN 206** a partir do olhar de quem realmente importa: o seu. Esta pesquisa quer dar voz a você para compreender a sua experiência de habitar nesta quadra.

Por que participar?

- Sua vivência ajuda a valorizar a perspectiva dos moradores da quadra.
- Você contribui para uma pesquisa acadêmica.
- A entrevista pode ser em seu próprio bloco ou local de preferência
- Suas respostas serão anônimas e confidenciais.
- Você poderá receber o resumo dos resultados, se desejar.

NORTE

Superquadras

206



Quem pode participar?

- Moradores da SQN 206.
- Maiores de 18 anos.

Garantias:

- Participação voluntária.
- Sigilo absoluto sobre suas informações.

Duração

Aproximadamente 1 hora.

Onde?

No pilotis do seu bloco ou em local de sua preferência, em horário combinado.



Acesse o **QR code** ao lado para agendar a sua entrevista

Dúvidas? Entre em contato pelos e-mails abaixo:

Marina Paixão de Oliveira Cosso

Mestranda em Psicologia Ambiental – Universidade de Brasília
Contato: marinapaixaocosso@gmail.com

Professor orientador: Hartmut Günther

Contato: hartmut.gunther@me.com
Laboratório de Psicologia Ambiental (LPA/UnB)

APÊNDICE F – Resumo entrevista walkalong com síndico de bloco privado da SQN 206

A entrevista em formato *walkalong* com o síndico de um dos blocos de administração privada da SQN 206 permitiu observar contrastes entre os imóveis funcionais e aqueles organizados como condomínios particulares. Durante a visita, o síndico relatou sua experiência de longa permanência como morador e comentou o processo de criação dos condomínios nos blocos pertencentes a Universidade de Brasília até janeiro de 2025, sendo após esta data ambos condomínios formalizados por CNPJ, assembleias e balancetes, após a venda de unidades específicas que possibilitaram a transição da gestão para responsabilidade direta dos condôminos.

No percurso pelos espaços técnicos de seu bloco de moradia, foram apresentadas melhorias implementadas durante os últimos anos: individualização dos hidrômetros, substituição dos elevadores, impermeabilização e pintura da fachada, modernização dos quadros elétricos e instalação de sistemas completos de combate a incêndio. O bloco também investiu em energia trifásica e painéis fotovoltaicos na cobertura, ampliando a sustentabilidade e reduzindo custos condominiais.

O contraste com os blocos funcionais aparece tanto na dimensão técnica quanto na agilidade das decisões. Enquanto os blocos da UnB dependem de processos burocráticos da Secretaria de Patrimônio (SPI), os blocos privados contam com autonomia para deliberar em assembleia e executar obras com recursos próprios. Essa diferença permite antecipar problemas e evitar situações emergenciais que, nos blocos funcionais, frequentemente resultam em morosidade e longas esperas por autorização institucional.

Outro aspecto abordado foi a gestão do espaço verde. Nos blocos privados, as decisões sobre jardins e arborização são tomadas coletivamente, considerando o apego dos moradores às espécies cultivadas. O síndico observou que, por residir no local, o gestor comunitário percebe as

necessidades cotidianas, o que diferencia a atuação do síndico morador da de síndicos profissionais externos.

Essas iniciativas demonstram um grau de apropriação técnica e administrativa do espaço coletivo, viabilizado pela autonomia condominial. Enquanto blocos funcionais ainda enfrentam dificuldades estruturais como infiltrações em garagens e limitações para reformas internas, os blocos privados já realizam intervenções de alto padrão em áreas como garagens e sistemas prediais, reforçando as desigualdades de gestão e manutenção dentro da mesma quadra.

Figura 48

Casa de máquinas modernizadas do bloco particular da SQN 206



Figura 49

Painéis fotovoltaicos na cobertura de bloco particular da SQN 206

**Figura 50**

Sistema de acesso com reconhecimento facial em bloco particular da SQN 206



Figura 51

Elevador moderno instalado em bloco particular da SQN 206



APÊNDICE G – Transcrição Entrevista - Participante E10

As falas foram transcritas de forma literal, com as perguntas do roteiro mantidas para orientar a leitura. Siglas: M.P.O.C. = pesquisadora; E10 = entrevistada.

METADADOS

Gênero: feminino

Idade: 51 anos

Ocupação: professora dedicação exclusiva

Tempo de residência no imóvel: 24 anos

Composição familiar: entrevistada, marido, 2 filhos adultos e 2 enteados adultos (acima dos 20 anos)

Origem: MG

Adaptações realizadas: Remoção de banheira (banheiro da suíte); criação de mini closet a partir de armário embutido; transformação do quarto de empregada em escritório; bancada contínua na área de serviço; instalação de portas em armários; uso de estante no banheiro de empregada como depósito; sinteco no piso de taco (exceto sala); troca de pisos da cozinha e da área de serviço; manutenção da cerâmica original do banheiro (paredes), troca piso do banheiro

Animais de estimação: não

Local da entrevista: unidade de apartamento da moradora entrevistada

Contexto Inicial

Há quanto tempo você reside aqui neste imóvel? Onde residia antes? Você é de Brasília?

M.P.O.C - Bom, eu vou querer saber há quanto tempo que você reside nesse imóvel?

E10 - Eu moro aqui desde setembro de 2001. Olha! Eu cheguei aqui grávida da minha filha e ela vai fazer 24 anos. Ai, que legal!

M.P.O.C - E antes de setembro de 2001, você residia?

E10 - Eu morava na 602 Norte.

M.P.O.C - E lá era um imóvel da UnB também?

E10 - Não, não. Era alugado.

M.P.O.C - E você é de Brasília?

E10 - Sou de Juiz de Fora, Minas Gerais e vim pra cá em 1974, quando eu ia fazer quatro anos.

Espaço, Estrutura e Conforto

O tamanho e a disposição dos ambientes atendem bem às suas necessidades? Há algum espaço que poderia ser melhor? Como você avalia a iluminação natural e a ventilação do apartamento? Como você avalia a qualidade da construção e das instalações (elétrica, hidráulica, esgoto)? O barulho vindo dos vizinhos, da rua ou de outras fontes externas costuma atrapalhar? O barulho vindo de outros cômodos dentro do apartamento costuma atrapalhar?

M.P.O.C - Agora vamos perguntar sobre o apartamento em si. Primeiro, vamos começar com o tamanho, a disposição. O tamanho e a disposição atende bem às suas condições? Ou tem algum cômodo, algum ambiente que você queria que fosse diferente?

E10 - Olha, eu acho a planta desse apartamento excelente, tanto que nunca fiz alteração nenhuma aqui. E assim, eu achei ela boa porque ela se adaptou à minha vida, como ela foi acontecendo.

Então, quando eu vim pra cá, eu tinha um menino de quase três anos, grávida e aí então, eu era casada e enfim, tive dois filhos. Aí em 2009, eu me separei. Então, fiquei uns dois, uns, fiquei um tempo, até 2014, morando só aqui com eles, eu e eles. E aí, em 2014, eu me casei novamente.

Então, meu marido atual, daqui a pouco você vai conhecer que tá lá na cozinha, ele veio, ele tem dois filhos. Então, a gente foi organizar o que ele e eu tínhamos antes. Quando eu morava aqui, tinha um escritório, quando eu era casada. Eu tinha um escritório e o outro quarto era dos meninos,

porque eles eram pequenos. Mas mesmo quando eles estavam maiorzinhos, com 10 e 7, que foi o ano que eu me separei, continuavam dormindo juntos. E quando eu me divorci, eu fiquei sozinha aqui com os dois, aí eu dei um quarto pra cada um. E aí, eu fiz o escritório no meu quarto, porque era só eu. Então, eu pus a mesa no escritório, tava fazendo a mesa e foi durante o meu doutorado. Então, ficava no meu quarto e, enfim, nunca tive, sempre tive diarista, nunca tive uma pessoa que dormisse. Então, sempre ficou como uma espécie de depósito ali no escritório, né? Mas, quando... Hoje eu chamo de escritório, né? Mas o que se chama de dependência empregada, o quarto de empregada, sempre foi, assim, armário, produto de limpeza, nunca, ninguém dormiu. E aí, quando eu me casei novamente, a gente fez o seguinte, as meninas ficaram com um quarto, os meninos ficaram com outro quarto e eu fiz um escritório no quarto de empregada. Então, a gente fez dessa forma, a gente fez essa distribuição. E, enfim, funciona assim até hoje.

M.P.O.C - Entendi.

E10 - Mas, assim, claro, sua pergunta, se eu gostaria que algum cômodo fosse maior, a gente gosta, gostaria de ter mais espaço, mas mais espaço também significa mais trabalho e tudo mais, né? Eu acho que tá de ótimo tamanho, assim, até pra minha família crescida, agora que o pessoal traz as namoradas, fica meio cheio, mas, enfim, eu acho que ele atende muito bem esse apartamento, tem uma sala muito boa pra isso.

M.P.O.C - E em relação a conforto, como que você avalia a iluminação natural e a ventilação?

E10 - Nossa, maravilhoso. Eu se sáisse daqui, só se fosse um apartamento que desse pro leste também pra ter o sol da manhã na sala. Eu acho isso muito lindo, acho bom pras plantas a gente tomar café da manhã aqui. Hoje a gente não pôs porque não sabia se você queria fotografar, ia ficar a mesa aqui o povo tomando café e, por sua conta, falei não, deixa na cozinha. Mas, normalmente a gente faz todas as refeições aqui, nunca faz na cozinha, pra poder aproveitar a iluminação natural. Então, realmente a iluminação natural é muito boa. No caso do escritório, como foi uma adaptação,

era pra quarto de empregada e que também já era uma péssima adaptação pra quarto de empregada, mas, enfim, outros tempos, outras culturas. Aí eu fico o tempo todo com a luz artificial. E a cozinha, como fica mais no meio do apartamento também, mesmo que ela tenha uma... Você já viu a planta toda?

M.P.O.C - Já.

E10 - Já conhece, né? Porque aqui a gente também não mexe, tem uma porta de vidro envidraçado que corre assim, que a gente deixa ela sempre aberta, rara as vezes fecha, e que ela faz a iluminação do cobogó pra área de serviço, pra cozinha, mas é sempre pouco. Realmente também, sempre que a gente tá na cozinha, a gente tá com luz artificial. Mas os quartos, os cômodos de maior permanência, são muito iluminados, eu gosto muito.

M.P.O.C - E como você avalia a qualidade da construção, das instalações, por exemplo, a parte elétrica, hidráulica, esgoto, internet? Já teve algum problema?

E10 - Olha, a parte hidráulica é muito ruim, porque é um prédio antigo e os canos são todos de metal. E aí eles estão todos virando uma farofa por conta da manutenção. E aí, assim, o que deveria ter sido feito é que a gente deveria ter feito uma reforma geral nas instalações sanitárias pra poder trocar todos os canos por cano de PVC. Mas não é assim que acontece. Desde que eu moro aqui, sempre que tem algum vazamento, de vez em quando pipoca alguma coisa, essa semana mesmo teve um problema no vazamento lá embaixo e tiveram que entrar no meu apartamento, o pessoal da manutenção, os terceirizados da Engemega. E eles quebram só a parte de... Se o cano estragou ou furou aqui, eles cortam ele e só emendam. Então ele é uma sequência de emendas que a gente tem. Se você for olhar assim o raio X, ele é todo emendado. Então nunca foi feita uma reforma inteira. Com relação à instalação hidráulica, eu tive que trocar também toda a questão do meu apartamento, porque um dia meu filho estava... Um dia, anos atrás, meu filho estava tomando banho e pegou fogo o chuveiro. Então a gente teve que trocar. Mas são coisas que... Primeiro, é a

idade mesmo do apartamento. É um outro tipo de materiais usados na época da construção do prédio que precisava ser renovado. A internet funciona bem. Eu não tenho infiltração nos apartamentos. Realmente não tenho. Aí tem algumas coisas... Não sei se dá pra ver... Uma rachadura aqui e aqui. Mas nada que eu falasse, meu Deus, vai cair em cima de mim. As janelas são de alumínio, são maravilhosas. Enfim... É o chuveiro, né? Hoje em dia tá raro isso.

M.P.O.C - E esgoto? Teve algum problema com o esgoto?

E10 - Eu não, mas você tem que entrevistar meus vizinhos. A coisa voltando, entupimentos e tudo mais. Eu realmente com o esgoto nunca tive problema. É mais essa coisa da água. A gente foi resolver tudo. Nada foi sem drama, entendeu? Mas eu acho que tinha que ter trocado tudo isso. Eles não trocaram, nem vão trocar.

M.P.O.C - Entendi. E parte ainda também de barulho vindo dos vizinhos, rua ou outra fonte externa costuma atrapalhar?

E10 - Não. Nada que viver em cidade já te habilite a ter tolerância com relação a essas coisas. Essa é uma quadra bem tranquila. Enfim, tem umas crianças que ficam pulando lá em cima do vizinho, mas é isso aí. Eles vão crescer um dia, né? Enfim, de vez em quando tem umas gritarias aqui ou lá, nada que seja um problema pra gente. Espero também não estar sendo problema pra ninguém. Mas é uma quadra bem tranquila. Não tem nenhuma queixa disso, não. Assim, nada grave.

M.P.O.C - Em relação, por exemplo, ao barulho, o ruído vindo de outros cômodos dentro do apartamento, costuma atrapalhar? Vocês costumam ouvir?

E10 - Não, talvez eu tivesse fechado a porta da cozinha pra não ficar o barulho. Não sei se está atrapalhando aqui nossa entrevista, mas é isso. Ruídos clássicos, ninguém aqui escuta música muito alta. Não, nada, normal.

Quais são os espaços que você mais utiliza no dia a dia? Eles funcionam bem para suas atividades: descanso, estudo, trabalho ou lazer?

M.P.O.C - E quais são os espaços que você mais utiliza no dia a dia?

E10 - O que eu mais utilizo é a cozinha e o escritório que fica no meu quarto de trabalho. Ah, lá por trás, né? Cozinha também. Cozinha e o escritório. Quarto de empregada que eu fiz de escritório.

M.P.O.C - E pra você está atendendo bem para descanso, estudo e lazer?

E10 - Ah, eu queria, mas não dá pra fazer. Eu tenho um sonho de ter uma varandinha pra poder ficar assim, sabe? Tomando cafézinho lá fora. Era a única coisa que eu desejava, no resto desse apartamento, o único eu ter feito dele é ele não ser meu enão ter a varanda. Que também era uma coisa da época, né?

M.P.O.C - Entendi, legal. Não se fazia apartamento com varanda na década de 70, assim mesmo...

Apropriação

Você fez alguma adaptação no apartamento? Qual foi o motivo? Gostaria de fazer mais alguma adaptação? Como você escolheu móveis e decoração? Foi sozinha(o) ou com ajuda de alguém?

M.P.O.C - Então vamos falar sobre adaptações no apartamento, o que vocês fizeram de adaptação?

E10 - Quando eu me mudei pra cá, a pessoa tinha feito uma reforma, a única reforma que tinha acontecido foi no banheiro da suíte, que a pessoa tinha posto uma banheira, eu acho que não tinha originalmente uma banheira, ela pôs a banheira e levou o motor quando ela foi embora, então ficou só a banheira, depois eu pus o motor e tal, mas aí depois deu um vazamento e eu tirei a banheira, então foi feita essa reforma antes de eu me mudar. No fundo, você tem a planta aí?

M.P.O.C - Sim. [mostrando a planta]

E10 - No fundo do corredor, os dois armários embutidos, um que dá pra suíte, o que dá pra um dos quartos, ele tem, você consegue ver que ele tem um vão aqui, tá vendo? Isso não é uma parede.

Aqui, ótimo, na verdade eu precisava de ver os... Aqui, perfeito. Isso daqui não são paredes, isso aqui é só o fundo do armário de madeira e aqui também, então esse é um vão livre, então o que a gente fez? Eu abri essa porta aqui do armário das meninas, tirei tudo aqui de dentro, dá pra você subir, passar por dentro e chegar num mini closet, então eu virei todas as coisas pra cá, então essas portas elas abrem, mas só que a gente deixa elas fechadas e as meninas ficam aqui, eu pus um espelho, então eu fiz um mini closet aqui pra aproveitar espaço, no fundo desse armário e foi só, se esse aqui era o original, então a moça pôs aqui um... Ah, depois eu vou ter que desenhar o que eu mudei?

M.P.O.C - Ah, pode ser, é desse lado aqui, seria desse lado aqui, mas eu não sei se o seu...

E10 - O meu apartamento é desse? Ah, então... Do lado um.

M.P.O.C - A pessoa de ontem desenhou aí de cima, que eu entrevistei.

E10 - Ah, entendi. Um lápizinho só pra poder mostrar rapidinho. De caneta mesmo? Não, aqui não fiz nada, na área de serviço eu pus uma bancada só de fora a fora, eu posso te mostrar lá.

M.P.O.C - Ah, ótimo.

E10 - Eu fiz uma bancada de fora a fora, aqui tem um... Ah, o resto são móveis, coisa que pode tirar. Ah, esse banheiro aqui eu entendi ter o box porque eu ponho uma estante e uso como depósito no banheiro de empregada, esse banheiro ficou... Ah, quando eu vim já não tinha o bidê, então aqui eu tenho um armário, o resto ficou igual, inclusive o cerâmico azulejo é igual, esse armário eu só pus portas nele, em algumas pra proteger, empurrar as louças e coisas que eu ponho, e aqui eu fiz esse closet, eu acho que a principal transformação mesmo foi esse closet aqui, então assim, não quebrei nenhuma parede, eu não sei nem se a gente pode quebrar, eu mantive todas as coisas, né?

M.P.O.C - Entendi. E tem alguma outra adaptação que você gostaria de fazer?

E10 - Se esse apartamento fosse meu, eu gostaria de, não sei onde é que eu coloco o meu piano, tem que rever todo esse layout, eu gostaria de integrar a cozinha com a sala, pra poder essa luz entrar na cozinha de manhã e pra gente poder, a gente cozinha muito nessa casa, muito, a gente

cozinha, tudo a gente cozinha e a gente adora, então a gente tá muito na cozinha, e aí é muito legal estar conversando, entendeu? Então era a única adaptação assim que eu faria, eu gosto demais desse apartamento, eu acho muito bom.

M.P.O.C - E, bom, eu acho interessante fazer essa pergunta pros arquitetos. Você escolheu seus móveis e sua decoração sozinha ou você teve ajuda de alguém?

E10 - Não tive ajuda de ninguém, eu fui sozinha, na verdade essa casa é uma composição de duas, né? Porque quando eu me casei de novo, ele tinha um apartamento, eu tinha essa aqui, então a gente olhou pras coisas que a gente tinha e falou assim, qual cama a gente vai ficar, qual sofá a gente vai ficar, entendeu? Então foi essa composição assim de duas casas virando uma, então eu vendi uma casa inteira na OLX naquela época, né? Eu vendi sofá, vendi cama, vendi máquina de lavar, vendi geladeira, vendi taça, vendi prato, vendi talher, vendi umas coisas, né? Então foi, não, não pedimos ajuda pra ninguém.

Satisfação com a Moradia

Se eu perguntar a primeira coisa que vem à sua mente, o que mais gosta neste ambiente? Se pudesse mudar algo para melhorar o imóvel, o que mudaria? Você recomendaria este local (quadra, edifício) para alguém próximo? Por quê? Você está satisfeito(a) de morar neste apartamento?

M.P.O.C - Ok, e se eu perguntar agora pra você, o que você mais gosta no apartamento, qual a primeira coisa que vem na sua mente?

E10 - Essa sala, com essa luz, essa sala de manhã, você tá no lugar que eu mais gosto da casa, no horário do dia que eu mais gosto da casa, eu amo.

M.P.O.C - Perfeito, e você recomendaria essa quadra, esse edifício pra alguém trocar?

E10 - Super, pra todo mundo, muito bom.

M.P.O.C - Por conta de fatores do apartamento em si?

E10 - O apartamento é ótimo, o prédio é lindo, eu acho que é tão bom, assim, morando num lugar, sabe, onde a gente arquiteta, né? Então, assim, num lugar legal, de uma arquitetura bem feita, de um projeto bonito, de uma coisa, uma quadra marcante, icônica, sabe? Acho que é um aprendizado aí também, essa é uma quadra muito tranquila, porque essa comercial também, ela é diferente, né? Agora, assim, tranquila que eu digo, se bem que eu acho que ela é muito bem localizada, pra quem não tem aquela coisa de reclamar de, ah, tá acontecendo isso aqui, eu não sei, não sei dizer, a quadra é muito boa, a localização dela, o que tá acontecendo em volta, o eixão do lazer, sabe, assim, tudo perto.

M.P.O.C – Ah, e você frequenta o eixão do lazer?

E10 - Sim.

M.P.O.C - E você já pensou em sair daqui?

E10 - Eu tenho que sair daqui algum dia, quando eu me aposentar, né? Porque esse apartamento aqui, até o que eu saiba, a UNB não tem uma política de vender estes imóveis. Ela vendeu já alguns ao longo do tempo, mas não vislumbro, ninguém, nunca apareceu, assim, pra gente que houvesse essa coisa de vender. Quando eles puseram alguns apartamentos pra vender, eram apartamentos vagos, não era comum para apartamentos ocupados que a gente pudesse, né, comprar. Mas, eu então vou ter que sair daqui algum dia, e eu gostaria de morar num apartamento com varanda, muito próximo daqui, porque a gente se acostuma com essa vizinhança, é perto da UNB, então assim, é muito bem localizado. Então, a única, quando eu penso em sair daqui, é pra isso, pra um apartamento que seja meu, porque eu não tenho nenhum imóvel, né, por isso que eu moro num imóvel funcional, e que pudesse ter uma varanda, mas não sei se eu vou encontrar isso, né, mas eu gostaria.

M.P.O.C - Entendi. E o que fez e faz você permanecer até hoje aqui?

E10 - É, porque eu pago mais baixo do que o preço de mercado, não, na verdade é, quando a gente ia juntar, a gente pensou, ah, depois a gente vai pra um terceiro lugar, nem sua casa, nem a minha, a gente vai pra uma outra, mas não valia a pena. Porque o apartamento ia acomodar todo mundo, e ele tem um tamanho muito bom, e ele é subsidiado pra mim, né, o preço do mercado hoje é pelo menos R\$1.500 mais caro do que eu pago aqui. O condomínio, ele é a mesma coisa, R\$1.000, mas a taxa de ocupação, ela é mais barata, então é isso que me faz ficar aqui. E outra coisa também, que quando você mora de aluguel, pode ser que a pessoa peça o apartamento, a UNB não vai pedir o apartamento, então a gente fica tranquilo também de saber que só quando eu me aposento, quer dizer, não vai pedir, pode ser que ela peça, é o direito dela. Mas as perspectivas que eu vejo todo mundo vendo é só sair quando você aposentar, que também dá uma tranquilidade.

Comparação Moradia Anterior

Como este apartamento se compara ao local onde você morava antes?

Melhor Parecido/Igual Pior. O que mais mudou na sua experiência ao mudar para este lugar?

O deslocamento até o trabalho ou outros locais aumentou, diminuiu ou se manteve? E o relacionamento com os vizinhos aqui é diferente da moradia anterior?

M.P.O.C - E em relação à moradia anterior como você avalia esse apartamento em relação ao outro: melhor, parecido, ou pior?

E10 - Ah, é muito melhor, porque eu também moro em um apartamento muito pequenininho, né, na 402, ele era só um quarto, não, eram dois quartos, mas ele era bem pequenininho, assim, não era vazado, esse aqui vazado, né. Mas eu fui muito feliz, aquele apartamentinho lá, eu falei que meu primogênito nasceu.

M.P.O.C - E o que mais mudou na sua experiência para cá foi o tamanho, a localização, algo mais?

E10 - É, mais perto da UNB, o tamanho, porque a superquadra é igual, né, então as BNS da superquadra são as mesmas, tem o parquinho, tem as árvores. A escala da 400 é legal, você ter três andares, né, mas é que eu moro no primeiro andar, eu gosto também disso, de morar em primeiro andar. Eu acho que é bem privilegiado esse primeiro andar, porque ele é mais alto por conta desse talude do prédio, entendeu, embaixo.

M.P.O.C - É, eu vi, ele é mais alto do que os outros mesmo. Não fica na altura do primeiro andar, né?

E10 - É, não, pois é. Então o deslocamento até o trabalho melhorou, depois se mudou pra cá. É, ficou mais próximo, pra ir, é possível você ir caminhando, né, lá da 402, é possível também, mas é muito mais longe. Aqui é só descer reto, 20 minutos.

M.P.O.C - Você vai, já foi andando?

E10 - Já, vou de vez em quando. E é, claro, é o dobro do tamanho do outro, tá muito mais confortável, né, espaçoso. Aí também tem esse lugar pra pôr as plantinhas, eu adoro. E a arquitetura é infinitamente mais linda do que chegar e ver esses pilares de mármore, chegar nessa quadra e ver os pilares, lembrar do Marcílio, sabe? É muito mais prazeroso do que aquele prédio feiozinho da 402, que era assim, tipo, ah, tá um prédio pra falar, aqui é. Você mora no prédio do Marcílio, eu acho muita coisa.

Interação com a Vizinhança

Como você descreveria a relação com os vizinhos? Existem eventos sociais organizados por vocês?

Como você avalia as áreas comuns (jardins, quadras, local de convivência)? Como você avalia os serviços e a infraestrutura próximos (escolas, postos de saúde, transporte público)?

M.P.O.C - E em relação à vizinhança, como você descreveria o relacionamento aqui com os vizinhos?

E10 - É ótimo, não é muito próximo, é assim, alguns, não, é bom. Assim, quando a gente se encontra, a gente se cumprimenta, tem alguns vizinhos que eu não sei quem são, porque... Muda, né? Ah, é

isso, quando você fica andando de carro, você para dentro da garagem e você pega seu elevador, e aí você chega no seu apartamento e não cruza muito com os vizinhos, né? Na época que eu tava sem carro, eu conhecia mais os vizinhos, eu fiquei um tempo sem carro quando me separei. E aí eu andava, eu precisava ir pra pé, então eu saía, eu passava pelo terreo, mas aí também não adianta porque outros vizinhos estão de carro e estão subindo e descendo. Então hoje em dia a gente se comunica mais pelo grupo do *WhatsApp*. Eu não sei se isso é uma prática por conta da UNB, a gente quase nunca tem reunião de condomínio, que são momentos em que a gente pode conhecer os vizinhos, né? E pro bem e pro mal, que chama reunião de representante, que a gente não é síndico, a gente tem representante. Então também tem umas pessoas assim que eu fico no grupo do *WhatsApp*, digo, gente, quem será essa pessoa? Encontro lá embaixo e falo, eu sei que é vizinho, mas não sei as vezes o nome. Se eu tivesse criança pequena, tem uma comunidadezinha aqui dos pais de crianças pequenas e tal.

M.P.O.C - Entendi.

E10 - Mas não tenho nenhuma questão com os vizinhos, nenhuma queixa, nenhuma reclamação. Quando eu tinha uma vizinha de cima que ficava jogando água e eu molhava toda a minha janela, ela escorria molhar o meu sofá. Aí eu chegava lá e falava, senhora tá aguando a planta? Vem aqui pra ver como é que tá meu apartamento. Aí ela descia e olha, molhou tudo. Ai tá, não vou fazer mais isso. Então assim, minha forma de lidar com os vizinhos também é essa, entendeu? Não saio brigando, nem faço nada por *WhatsApp*. Toco na porta. Geralmente os meus problemas foram jogar água na janela e jogar cocô de morcego aqui dentro. Coisas antigas. Mas enfim, não tive mais, não tem nenhum problema com o vizinho e eu acho que era uma vizinha tranquila.

M.P.O.C - Você falou de morcego, a questão de animal e pragas, assim, também já foi algum problema pra você?

E10 - É porque na junta de dilatação, que fica depois o quarto das meninas aqui. [apontando na planta baixa] Esse é o meu, né? Aqui tinha uma junta de dilatação. E aí depois eles se calafetaram. Mas antes tinha os morcegos que escondiam lá e aí faziam cocô nessas prateleiras de cima. E a minha vizinha, eu tinha uma vizinha de cima, ela era um pouco difícil. Ela ficou pouco tempo. Aí um dia eu cheguei no quarto dos meus filhos, né? A moça que trabalhava aqui falou, vem ver o que aconteceu. As camas deles ficavam aqui, faziam L. Então ela jogou isso aqui na janela, escorreu pela janela abaixo e encheu de cocô de morcego. E o quarto dos meus filhos em cima da cama dele. í eu subi lá e falei, eu mandei a moça jogar água porque tá cheio de cocô de morcego. Ai ela disse que a filha dela era alérgica. Eu falei assim, agora eles estão no meu quarto dos meus meninos. Mas foi assim, é só essa vez também. Depois ela se mudou.

M.P.O.C - Entendi. Perfeito. E existem eventos sociais organizado por vocês da quadra? Você falou que não tem muita reunião, né?

E10 - Não, nenhum. Os pais às vezes organizam alguma coisa pras crianças. Eles organizaram aqui várias coisas, já organizaram festa de junina, já organizaram carnaval aqui no prédio. Então já teve alguns agitos aqui assim. Mas esse mês teve uma festa de junina bem ali no parquinho, foi tão fofo. Aí a pessoa falou, olha, quem quiser participar da festa de junina, leva e tudo. Já teve uma lá também, muitos anos atrás, meus meninos eram pequenos. Só que eu tinha uma festa de unina no mesmo dia e no mesmo horário. Aí eu só vi de longe e não participei. Porque era só levando doce e tal, ou um salgado de junino. Mas o prédio mesmo raro.

M.P.O.C - Vocês tem salão de festas?

E10 - Não.

M.P.O.C - Alguns outros blocos da quadra tem, né?

E10 - É, alguns deles criaram.

M.P.O.C - Falando neles, jardins, quadras, locais de convivência, como você avalia as áreas comuns?

E10 - Do prédio ou da quadra inteira?

M.P.O.C - Do prédio primeiro, depois da quadra.

E10 - O prédio, ele tem essa vantagem de ter esse espaço aqui mais amplo. E tem os bancos também. Nem todos os prédios colocam banco pra pessoa sentar. Porque fica assim, ai, quem que vai sentar. Vai ser morador de rua, sei lá. Pessoas em situação de rua, né? Então ele tem esses bancos. Então é uma área bem agradável de você ficar assim e ficar contemplando. E ai quem tem criança, desce muito com as crianças pra ficar brincando por aqui. Então é muito legal também. Já fiz um, meu enteado já fez uma festa de aniversário aqui embaixo. Foi na pandemia. Na pandemia eu também reuni os alunos aqui. Então foi em 2021 assim que a gente fez aqui uma reunião. E a gente tem um professor de funcional que vem duas vezes por semana da aula pra gente também aqui embaixo do prédio. Traz as coisas e coloca. Então assim, área comum pra mim. Essa área livre do pilotis que você pode fazer. Ela significa várias coisas. Eu acho que, ai, tem o salão de festa. Aqui poderia ser o salão de festa, mas eu posso fazer meu funcional. Sabe, eu posso fazer uma reunião de trabalho. Acho que é legal. Tem uma moça, tem um menininho aqui que eu acho que ele tem uma fisioterapeuta. Uma terapeuta ocupacional, alguma coisa assim. Então ela desce com vários brinquedos pedagógicos. E fica dando uma olhinha pra ele. Fazendo umas atividades aqui embaixo também. Então é isso assim, essa área livre. Simplesmente que você usa como você quiser.

M.P.O.C – E o funcional no caso é só pra vocês da família ou você chama o vizinho?

E10 - Não, se alguém quiser pode ter uma moça que vem da Asa Sul. Tem um amigo nosso que morava na 205. Mas se mudou, mas continua vindo. Mas ele veio porque ele falou, eu preciso ter pelo menos três pessoas. E a gente tinha três pessoas da família. Aí quando ele vai, tem uma outra também no Lago Sul. Então assim, se tivesse mais alguém que quisesse se interessar. Tinha dois amigos que moravam no Lago Norte. Então é aberto assim. [enviou foto do funcional via *Whatsapp* após a finalização da entrevista]

M.P.O.C - E como você avalia os serviços e infraestrutura próxima? Então escola, posto de saúde, transporte público.

E10 - Tudo muito perto. L2 lá, o supermercado ali, o big box lá. Só não tem uma padaria assim do lado, né? Que essa padaria aqui é mais ou menos. Mas aqui a gente tem um monte de coisa legal que agora tem na 206, né?

M.P.O.C - Nossa, é mesmo.

E10 - Muito legal aqui. Então ainda tem o eixão do lazer aqui. O choro, a música assim, a parte mais legal, mais concentrada. É bem aqui, em frente a 7. Então é bem pertinho também. Aqui farmácia, peixaria, açougue. Material de construção. Não, perfeito. Essa localização é muito boa.

M.P.O.C – Posto de saúde tem próximo aqui também?

E10 - Bem. Foi onde eu vacinava meus meninos. E a caminhada ali, o posto de saúde está entre a 208 e a 408.

M.P.O.C – Realmente, muito próximo. E transporte público você usa ou anda mais de carro?

E10 - É, não tem transporte público daqui para o meu trabalho, para os lugares que eu faço assim. Quer dizer, daqui para o UNB eu até podia ter. Mas assim, qualquer coisa ali está logo ali. É ruim só pegar lá em cima por conta da passagem subterrânea. Esse é o problema crônico de Brasília.

Lazer

Você costuma sair? Com que frequência? E viajar para lazer? Com que frequência? Para onde costuma ir?

M.P.O.C – É verdade. E lazer, eu já tinha perguntado sobre o eixão, né? Se você frequenta. Mas sobre, além do eixão, vocês costumam sair, tem uma frequência para outros lugares?

E10 - Às vezes vai em uma pizzaria que tem aqui. Nessa quadra. Algumas vezes a gente vai ao Pinela, que é um barzinho que tem ali na 400 e... Algumas vezes a gente foi e voltou caminhando ao Pinela. Algumas vezes a gente vai ao eixão do lazer. A gente fica muito em casa também.

M.P.O.C - Não tem uma frequência específica?

E10 - Ah, vamos sair toda sexta, sábado? Não, não tem.

M.P.O.C - E viajar, para lazer, vocês viajam?

E10 - Nossa, a gente viaja muito. A gente viaja muito. É até irresponsável tanto que a gente viaja, mas esse ano a gente não está viajando. A gente vai parar de gastar dinheiro viajando, porque é quando é o meu maior. Ano passado a gente teve em janeiro a gente teve Pirinópolis, aí a gente foi para o Peru ano passado. Ano passado eu tive na Itália duas vezes, que uma vez a gente foi viajar com a família inteira, minha mãe, minha irmã, sobrinhos. Aí depois eu fui para um congresso em Siena, voltei para a Itália, aí em janeiro a gente foi para Pirinópolis. Mas antes disso eu tinha estado no Peru, o meu ex-marido é peruano, então meus filhos vão sempre lá. Então assim, aí tivemos na Chapada, aí estou indo para Minas, agora com a minha mãe, então a gente realmente viaja para valer. - Férias é igual a viagem - para São Paulo visitar uma prima que está lá. E nisso também tem visitas familiares, Tem isso, estou indo aos familiares, e quando a gente vai a São Paulo para visitar uma prima. Mas também a gente viaja para conhecer os lugares.

Bem-Estar

Você se sente descansado(a) diariamente? Como você avalia seu humor e bem-estar nos últimos 6 meses? Ao chegar em casa, você costuma se sentir à vontade ou há algo no ambiente que incomoda ou preocupa?

M.P.O.C – E agora gostaria de saber sobre descanso, você se sente descansada diariamente?

Consegue dormir bem?

E10 - Agora que eu estou com a reposição hormonal, eu estou dormindo super bem, Antes eu não estava dormindo muito não. Mas enfim, eu gosto, eu não paro, eu trabalho muito, e eu adoro trabalhar, e quando eu fico parada, eu acho que estou perdendo tempo, ou seja, eu gosto de fazer as coisas, eu gosto de ser ativa, para descansar mesmo, só quando eu saio daqui, porque aí eu não tenho que resolver nada, quando saio de Brasília é quando eu realmente posso dizer assim, ah, descansei. Mas eu não me sinto cansada, eu me sinto bem, fazendo as coisas, fazendo com a família.

M.P.O.C – Perfeito. E o humor e o bem-estar nos últimos seis meses?

E10 - É, não, é só por conta do sono, porque quando a pessoa falou, eu fiz essa reposição e estou dormindo melhor, eu falei, gente, estou acordando tantas vezes durante a noite, eu quero dormir bem, mas mais é pelo sono, mas isso não tem nada a ver com sua entrevista. Você teria que perguntar para a minha família, mas eu acho que o meu humor é bom.

M.P.O.C – E ao chegar em casa, você consegue se sentir à vontade imediatamente?

E10 - Totalmente. Tem uma coisa, eu cuido dessa casa como se ela fosse minha, então o piso está soltando, eu mandei fazer um sinteco, é caro, é uma poeirama, eu tive que tirar todo mundo de casa, foi justamente na mesma época que minha mãe fez um AVC, mas eu não desisti, porque eu precisava arrumar. Só não fiz aqui na sala por conta dessas estantes muito grandes, mas o resto da casa todo eu fiz, então assim, ah, tem um problema, eu conserto, eu não deixo, tento não deixar nada deteriorando, então nada que vai me deixando irritada porque eu não tomei uma atitude e não arrumei, porque casa é todo dia.

Perfil Sociodemográfico

Idade: Gênero: Estado civil: Escolaridade: Ocupação: Composição familiar: Tipo do imóvel: Próprio

Funcional Alugado Cedido Alguma observação adicional que queira acrescentar?

M.P.O.C – Perfeito, então vamos finalizar agora, dados sociodemográficos. Idade?

E10 - 54.

M.P.O.C – gênero?

E10 - Feminino.

M.P.O.C - Estado civil?

E10 - Eu sou divorciada, mas a gente não tem nenhum documento assim, de união estável, mas eu sou casada.

M.P.O.C - Escolaridade?

E10 - Doutorado.

M.P.O.C - Ocupação?

E10 - Professora, dedicação exclusiva do quadro permanente da Universidade de Brasília.

M.P.O.C - Composição familiar?

E10 - Então, eu tenho dois filhos, um de 26 e uma de 23, e Fulano tem 55 e ele tem um filho de 20 e uma filha de 18,

M.P.O.C - O tipo do imóvel é funcional, né?

E10 - Isso.

M.P.O.C – E tem alguma coisa que eu não perguntei que você queria acrescentar?

E10 - Isso que você, eu acho que se você está querendo saber, eu não sei, você não fez uma pergunta direta para mim sobre se eu sinto que esse apartamento é meu ou cuido dele como se fosse meu. Não sei se você, mas aí você vai pegar isso pelas outras coisas, né?

M.P.O.C – Sim, e também as fotos ajudam a fazer um tipo de análise assim, mas você pode complementar por favor.

E10 - Não, é porque eu acho que tem isso assim, eu acredito que tem pessoas que não não tratam o apartamento como se fosse delas e eu trato como se fosse absolutamente meu, porque afinal de contas eu moro aqui eu tenho todo o interesse que esse apartamento fique bom e não é por eu ser

arquiteta, mas também por eu ser arquiteta eu tenho todo o interesse em manter o máximo da originalidade desse apartamento, então eu jamais tiraria esse piso de taco. Até hoje a cerâmica do banheiro é original, então assim, assim, eu tive que trocar os pisos da cozinha e do banheiro da área de serviço, porque eles eram verde água, não sei se chegou em algum apartamento que você viu o piso original, que é um verde água, que já tava sem esmalte, já tava na cerâmica, então ele tava muito desgastado, tava muito feio. Acabei que eu pus um piso que nem foi de boa qualidade, que ele já tá todo meio lascadinho, eu te mostro lá. Daí a gente pode dar uma volta e você pode tirar foto que você quiser.

M.P.O.C – Obrigada.

E10 - Então eu troquei esses pisos, mas assim, os armários, você tem que vir aqui ver. Vamos lá. Os armários da cozinha, a pessoa que morava aqui, ela tinha pintado de branco, não sei se você já viu a cozinha original...

[gravação encerrada]